

arte
arte
arte



cultura
ciência no Brasil
arte
cultura

cultura
arte

V
arte
cultura
ciência no Brasil

O
arte
cultura
ciência no Brasil

X
ciência no Brasil

ciência

cultura
ciência

arte
ciência

Otávio Maia
Kleber Sales

As vozes dos nossos cientistas e humanistas

Observar, aprender: gente, não há idade para começar a ser curioso! E este livro, com histórias curtas, deliciosas, contadas pelos próprios cientistas e humanistas, é um excelente começo. São deles as vozes aqui registradas. Em estilo claro, gostoso de ler, ficamos conhecendo vários detalhes de cada personalidade, quando e como começaram a se interessar por ciências humanas, exatas ou naturais, além de compreender seu lugar no imaginário coletivo. Quem são eles? Tanta gente. Vai de Santos Dumont, um dos fundadores da aviação, a Augusto Ruschi, especialista em beija-flores; de Chiquinha Gonzaga, maestrina, a Luís da Câmara Cascudo, etnógrafo; de Paulo Freire, educador, a Oscar Niemeyer, arquiteto. Demonstram, assim, que o Brasil não é só um país de futebol e carnaval, mas fértil em criadores, em artistas, em técnicos e sobretudo em gente apaixonada por ciências de todas as áreas.

Ao percorrer cada vida, entendemos também que a história das ciências não é uma crônica de descobertas. Um relato de técnicas inventadas. Mas sim a história da evolução de uma ideia e de instituições que, em diferentes contextos históricos, oferecem ao pensamento meios de se desenvolver. Assim como permitem às tradições enriquecer a pesquisa.

O talento dos nossos cientistas e humanistas emerge desse conjunto de biografias, um gênero literário que apaixona, pois nos deixa entrar na

história das pessoas. Na Antiguidade, as vidas eram contadas em pirâmides, esculturas e urnas funerárias. Hoje, Steve Jobs ou o matemático John Nash têm sua história contada na tela. Derivada do grego “bios”, que significa vida, e “graphein”, escrever, a biografia convida a desvendar e a analisar o funcionamento das sociedades e dos indivíduos que nelas se destacam. Porém, ao ler a história de tantos personagens que brilharam no passado, enxergamos nossos próprios sonhos, aspirações e tormentos no presente. *Vox – arte, cultura e ciência no Brasil* é um convite a conhecer essas vidas e, nelas inspirados, a desejar sermos melhores do que somos.

Mary del Priore
Historiadora



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)

Diretora

Cecília Leite Oliveira

Coordenação-Geral de Pesquisa e Desenvolvimento de Novos Produtos

Arthur Fernando Costa

Coordenação-Geral de Pesquisa e Manutenção de Produtos Consolidados

Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares

Coordenação-Geral de Tecnologias de Informação e Informática

Marcos Pereira de Novais

Endereços:

SAUS, Quadra 5, Lote 6, Bloco H, 5º andar
Setor de Autarquias Sul
70.070-912 - Brasília - DF
Tel.: + 55 61 3217-6360

Rua Lauro Muller, 455, 4º andar
Botafogo
22.290-160 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: + 55 21 2275-0321

www.ibict.br



www.canalciencia.ibict.br
www.facebook.com/canalcienciaibict
@canal_ciencia
canalciencia@ibict.br

Otávio Borges Maia
Kleber Sales

VOX
arte, cultura e
ciência no Brasil



Brasília
2017

© 2017 Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)
Copyright dos textos © 2017 Otávio Borges Maia
Copyright das ilustrações © 2017 Kleber Soares de Sales

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, a não ser com autorização escrita do Ibict, conforme a Lei n.º 9.610/1998.

Este livro não poderá, em hipótese alguma, ser convertido em dinheiro, trocado ou substituído por quaisquer outros produtos, bem como comercializado.

A versão eletrônica deste livro encontra-se disponível no Portal Livro Aberto <http://livroaberto.ibict.br>.

Editado com recursos do projeto Estudos para expansão de conteúdos, público alvo e parcerias do Canal Ciência [Ref. IBICT 2292/2014 – Ref. Fundep: 22319].

Agradecimentos

À **Ana Paula Bernardes**, pelas sugestões editoriais, e à **Dra. Profa. Mary del Priore**, pela resenha à luz da historiografia.

À **Dra. Maria Carmen Romcy de Carvalho**, pelo acolhimento, incentivo e orientação.

Coordenação editorial e textos
Otávio Maia

Ilustrações
Kleber Sales

Resenha
Mary del Priore

Revisão ortográfica
Margaret de Palermo Silva

Revisão da normalização bibliográfica
Lilian Maria Thomé Andrade Brandão

Revisão crítica
Ana Paula Bernardes
Hélia Chaves
Maria Carmen Romcy de Carvalho

Capa, projeto gráfico e diagramação
Ricardo Campos

Apoio administrativo
Cláudia Aparecida Nóbrega Franco
Thiago Mariano Ribeiro dos Santos de Abreu

M2171 Maia, Otávio Borges.
Vox: arte, cultura e ciência no Brasil / Otávio Borges Maia, ilustrado por Kleber Soares de Sales - Brasília: Ibict, 2017.
132 p.; il.; 22,5 x 21 cm

ISBN: 978-85-7013-129-4 e eISBN: 978-85-7013-130-0

I. Biografias 2. Divulgação Científica 3. Crianças e Ciência.
4. Ensino Fundamental. I. Título. II. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

CDU 929.013
CDD 928.6981

“Creio que nenhum livro se completa. O autor sempre pode continuar, por um tempo indefinido [...]. O que ocorre é que a gente se cansa do livro, apenas isto, e nesse momento o dá por concluído. Não tenho muita certeza, mas suspeito que comigo é assim.”

Darcy Ribeiro

Apresentação 9		Madame Durocher 87	Margaret Mee 83
Adelmar Coimbra-Filho 11	Alcides Carvalho 15	Maria Lenk 85	Maria Laura Mouzinho 89
André Rebouças 17	Antônio Houaiss 19	Milton Santos 91	Monteiro Lobato 71
Athos Bulcão 21	Augusto Ruschi 23	Nair de Teffé 93	Nise da Silveira 95
Bárbara Heliodora 53	Bertha Lutz 25	Orlando Villas Bôas 59	Oscar Niemeyer 97
Burle Marx 103	Câmara Cascudo 81	Oswaldo Cruz 99	Padre Moure 61
Carmem Portinho 29	Carolina Bori 31	Paulo Freire 101	Portinari 27
Celso Furtado 33	César Lattes 35	Ruy Barbosa 105	Santos Dumont 13
Chiquinha Gonzaga 45	Crodowaldo Pavan 37	Tarsila do Amaral 107	Villa-Lobos 51
Darcy Ribeiro 39	Emília Snethlage 57	Virgínia Bicudo 109	Yolande Monteux 111
Eurico Santos 41	Gilberto Freyre 47	Zerbini 43	Zilda Arns 112
Graziela Barroso 49	Heloísa Torres 55	Ordem do Mérito Cultural 113	
Joaquim Cardozo 65	Johanna Döbereiner 67	Ordem Nacional do Mérito Científico 114	
José Reis 73	Juliano Moreira 75	Autor e ilustrador 116	Datas comemorativas 117
Louis Cruls 77	Lúcio Costa 79		
Lutzenberger 69	Machado de Assis 63		Bibliografia 119



O Canal Ciência é um serviço de divulgação científica do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) – unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Um dos pioneiros no Brasil em fazer, na internet, a ponte entre ciência e sociedade, o Canal Ciência dissemina o saber científico desde 2002, pela veiculação de textos sobre pesquisas brasileiras, em linguagem de fácil leitura e compreensão, validados pelos autores das pesquisas. O Portal disponibiliza diversos materiais de apoio educacional e dissemina iniciativas, produtos e serviços virtuais de instituições de ensino e pesquisa, bem como de organizações da sociedade civil, sendo também instrumento de apoio à educação científica.

Para comemorar 15 anos de atividade, o Canal Ciência apresenta seu terceiro livro – *Vox: arte, cultura e ciência no Brasil* – iniciativa que tem o propósito de aproximar crianças e jovens da trajetória de vida de 52 personagens das diferentes áreas do conhecimento. Por meio de suas ideias e ideais, teorias e práticas, sonhos e realidades, ações e emoções, esses notáveis tornaram-se vozes que se distinguiram por suas contribuições à ciência, tecnologia, educação, arte e cultura, bem como para o conhecimento da história do país e de seus valores.

As escolhas dos cientistas e humanistas que compõem este livro seguiram critérios tais como agraciação com condecoração ou distinção honorífica — como a Ordem Nacional do Mérito Científico, a Ordem do Mérito Cultural ou o título doutor honoris causa —, produção cultural, literária ou técnico-científica robusta, pioneirismo na difusão e no avanço da cultura e da ciência, ou reconhecido notório saber — o que faz tal personalidade ser lembrada pelos seus pares por fazer escola e influenciar na formação de mestres, doutores e profissionais.

Os livros infantojuvenis são valiosos parceiros da divulgação da ciência e da cultura, na medida em que promovem a inclusão do leitor na Sociedade da Informação e do Conhecimento, influenciam discussões, percepção e conscientização sobre temas relevantes. No *Vox*, textos de fácil leitura, acompanhados de citações e caricaturas dos personagens, convidam estudantes e educadores a refletir sobre formação, profissão e engajamento no desenvolvimento social, político e econômico do Brasil.

Cecília Leite Oliveira
Diretora do Ibict



“Finalmente, no dia 14 de maio de 1970, por volta das 16 h, após um hiato de 65 anos, reencontramos a espécie, quando nossa atenção voltou-se para um pequeno símio escuro que se deslocava pelos ramos baixos das frondes das árvores”.

Coimbra-Filho nasceu no dia 4 de junho de 1924, em Fortaleza, Ceará, mas cresceu em Recife, Pernambuco. Aos 12 anos, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, onde, alguns anos depois, enquanto caçava paca, encontrou pela primeira vez o “sagui esquivo de farta juba ruiva”, na mata ciliar do rio Itaguaí, em Guaratiba. Ingressou no curso de técnico agrícola (1944) da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, Minas Gerais. *“Sou um telúrico. Gosto de terra e de planta. Aliás, sempre pensei em ser fazendeiro [...] queria ter uma fazenda lá no Brasil Central, onde poderia fazer tudo que gosto. Teria minha reserva, minha pastagem.”* Retornando ao Rio, iniciou sua trajetória profissional no Parque Florestal da Gávea. Replantou palmito e outras 400 espécies de árvores, repovoou as matas dos morros com tucanos-de-bico-preto e a lagoa de Marapendi com jacarés-de-papo-amarelo.

O compromisso com o bem público levou à sua dispensa da chefia do parque em 1957. *“Por causa de duas mulheres que chegaram de carro oficial, a mando do chefe do Gabinete Civil do prefeito Negrão de Lima, para escolher plantas no Parque [...] elas queriam levar as plantas num vaso português esmaltado, com três lagartos de porcelana em alto relevo [...]. O vaso era coisa tombada”.* Foi transferido para o Zoológico do Rio, onde trabalhou por 12 anos: *“Ele [o zoo] tem que ser uma instituição diferente, com uma filosofia diferente, que é colaborar com a preservação da fauna, e não apenas exibi-la.”*

Formou-se em história natural (1964), estabelecendo o programa de salvamento do mico-leão-dourado da extinção; existiam apenas cerca de 200 na natureza. *“Eu e o Alceo Magnanini criamos, na década de 60, a Reserva Biológica de Jacarepaguá, que pretendíamos repovoar com micos-leões criados em cativeiro. Mas a especulação imobiliária no Rio de Janeiro estrangulou a reserva. Mais tarde, lutamos juntos para fazer a Reserva Biológica do Poço das Antas”.* Em 1970, redescobriu uma pequena população de mico-leão-preto, espécie dada como extinta há 65 anos e, hoje em dia, protegida no Parque Estadual Morro do Diabo, São Paulo. Concluiu o mestrado em zoologia em 1976.

Coimbra Filho tornou-se uma das principais vozes em defesa dos primatas, ajudando a criar a Reserva Biológica de Poço das Antas (1974)¹ e a Reserva Biológica de Una (1980), com o objetivo de proteger e preservar espécies da Mata Atlântica, sobretudo os micos-leões. Atualmente, graças a um dos mais bem-sucedidos projetos de reintrodução de espécie do mundo, cerca de 3.200 micos-leões-dourados — conhecidos originalmente como sauí-pitanga — vivem livremente nas matas do Estado do Rio de Janeiro. Criou o Centro de Primatologia do Rio de Janeiro que, desde 1979, promove a conservação de primatas da Mata Atlântica — bioma que abriga 24 das 119 espécies encontradas no Brasil.

Publicou mais de 200 artigos e foi sócio-fundador de sociedades científicas, como a de Botânica, de Zoologia e de Primatologia. Dentre as muitas homenagens que recebeu, virou nome de macaco — guigó-de-coimbra-filho^{2a}, descoberto em 1999 no nordeste da Bahia e em Sergipe —, de percevejo^{2b}, de bromélia^{2c} e de fóssil^{2d}. Em 2002, plantou dois jequitibás-rosa na Praça Santos Dumont, Gávea, Rio de Janeiro, que continuam crescendo.

¹Em 1989, foi inaugurado o primeiro centro de educação ambiental em reserva biológica no Brasil: o Centro Educativo Adelmar Coimbra Filho, na Reserva Biológica de Poço das Antas.

^{2a}*Callicebus coimbrai*; ^{2b}*Taedia coimbrai*; ^{2c}*Neoregelia coimbraii*; ^{2d}*Cartelles coimbrasilhoi*.



“No Brasil, onde nasci em 20 de julho de 1873, o céu é tão belo, os pássaros voam tão alto e planam tão à vontade sobre as grandes asas estendidas, as nuvens sobem tão alegremente na pura luz do dia, onde se deitam tão languidamente, na atmosfera embalsamada das noites, que basta levantar os olhos para ficar amante do espaço e da liberdade.”

Santos Dumont nasceu no sítio Cabangu, em Palmira, Minas Gerais, cidade que passou a ter o nome de seu filho mais ilustre em 1932. O pai, Henrique Dumont (1832-1892), engenheiro de obras públicas de ascendência francesa, fez fortuna com os cinco milhões de pés de café na Fazenda Arindeúva, em Ribeirão Preto, São Paulo, onde percebeu o interesse do filho pelas máquinas.

“Já lhe dei hoje a liberdade [...] tenho ainda alguns anos de vida; quero ver como você se conduz; vai para Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se você se faz um homem; prefiro que não se faça doutor [...] não se esqueça que o futuro do mundo está na mecânica. Você não precisa pensar em ganhar a vida; eu lhe deixarei o necessário para viver.”¹ Em fevereiro de 1892, Alberto foi emancipado e, em maio, mudou-se para Paris, na França, para estudar. Passou a residir na pequena Rue d'Édimbourg, mesma rua onde o famoso pintor Claud Monet (1840-1926) viveu em 1878. Em agosto, seu pai faleceu.

São inúmeros os feitos memoráveis de Santos Dumont, como o balão Brasil, o Número 1 — primeiro dirigível a combinar a tecnologia dos balões de hidrogênio, gás altamente inflamável, à dos motores à gasolina — o 14-bis —, construído com bambu, madeira, seda e alumínio —, a Demoiselle — para especialistas em aviação, o primeiro ultraleve da história, feito de bambu e coberto com seda envernizada, foi o melhor modelo criado por Dumont — e A Encantada (Museu Casa de Santos Dumont) — um chalé erguido em 1918 na Rua do Encanto, Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro —, símbolo da sua inventividade e criatividade. “No encontro que tive em abril de 1902, em Menlo Park, o grande inventor americano [Thomas Edison (1847-1931)] teve a graciosidade de me prometer o primeiro exemplar de sua bateria, aço e níquel, para a ignição do motor a petróleo de minha nova aeronave.”

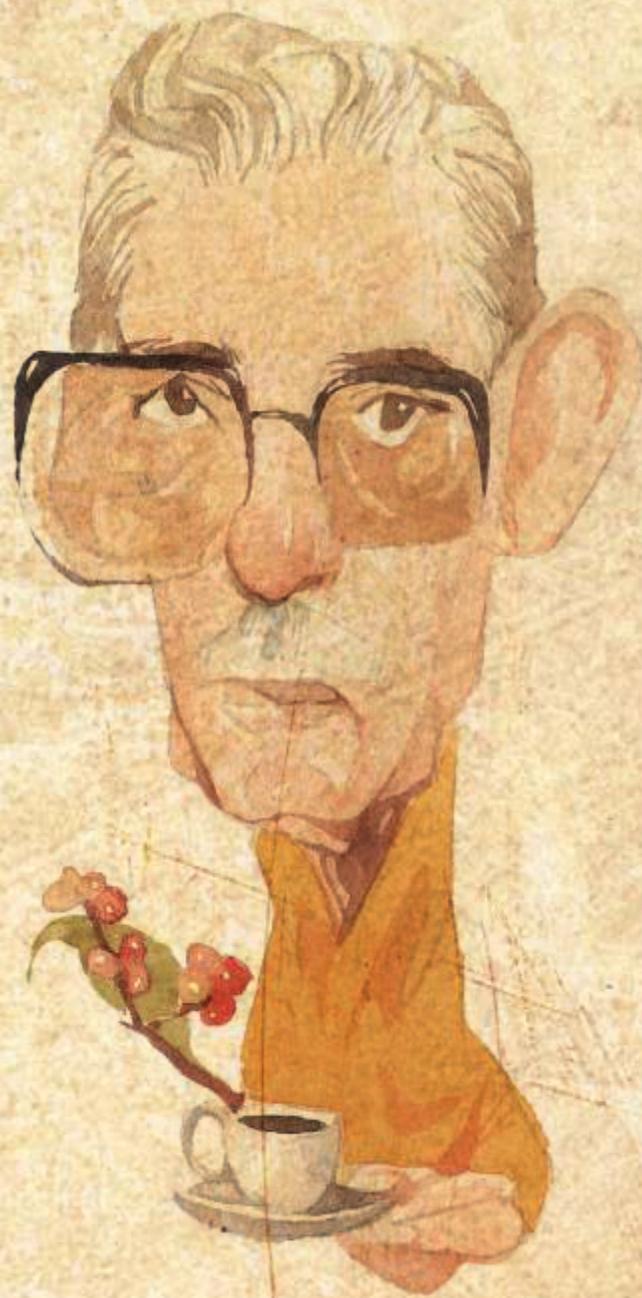
Santos Dumont foi um dos inventores mais famosos do século XX, mas também ficou conhecido por ditar moda no estilo de vestir e como praticante de esportes, como automobilismo, tênis, esqui e esgrima. Em 1910, fez seu último voo como piloto, quando sofreu grave acidente com a Demoiselle. Abandonou seus experimentos com aeronaves e passou a enfrentar problemas de saúde e sofrimento pela falta de reconhecimento e inserção social, dificuldade financeira — crise econômica mundial na década de 1920 —, e uso bélico de suas invenções. Tratou-se em várias clínicas na Europa, e com Juliano Moreira (1872-1933) no Brasil. “Se em uma próxima vez eu me suicidar, a culpa é toda minha. Eu não posso mais com esta vida.” Em 1924, foi eleito para a Academia Brasileira de Ciências.

O Dia do Aviador^{2a}, celebrado em 23 de outubro³, comemora “a iniciativa do notável brasileiro Santos Dumont, quanto à prioridade do voo em aparelho mais pesado do que o ar”. Os aeroportos e bases aéreas são obrigados a manter a imagem do aeronauta acompanhada da inscrição Pai da Aviação^{2b}. Em 2006, o nome do Marechal-do-Ar Alberto Santos Dumont, Patrono da Aeronáutica Brasileira^{2c}, foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria^{2d}, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília.

¹ Henrique Dumont.

^{2a} Lei nº 218/1936, ^b Lei nº 12.831/2013; ^c Lei nº 7.243/1984; ^d Lei nº 11.298/2006.

³ O primeiro voo do avião 14-bis aconteceu em 23 de outubro de 1906.



“Tive a rara oportunidade de trabalhar com café a vida toda. Achei que era extremamente importante trabalhar com uma planta que tanta riqueza trouxe a São Paulo. Não tive uma vocação especial. Gostei da ideia, da planta, e continuei trabalhando”.

Alcides Carvalho nasceu no dia 20 de setembro de 1913, em Piracicaba, São Paulo: *“Meu pai foi administrador de uma fazenda de café e posteriormente trabalhou num cartório de paz e registro civil, em São Pedro do Turvo. Quando tinha seis anos, fui morar em São Pedro e de lá voltei, aos 12 anos, para Piracicaba, para trabalhar e estudar à noite.”* Em 1934, formou-se em agronomia e foi convidado para trabalhar no Instituto Agrônomo (IAC), em Campinas, São Paulo, onde começou a colaborar com o *Plano geral de estudos do cafeeiro*, analisando as populações de café, taxonomia e formas de reprodução das plantas e tecnologias de produção. Dizem que era capaz de diferenciar as espécies de café apenas pelo aroma das floradas. Para ele, a ciência era, acima de tudo, empolgante.

Originário da Abissínia, atual Etiópia, o café é o fruto do cafeeiro, planta que os árabes levaram para a Índia e os italianos introduziram na Europa. Em 1727, as primeiras mudas de cafeeiro chegaram ao Pará. Em 1781, sementes foram levadas para o Rio de Janeiro. No início, a falta de conhecimento sobre adubação e conservação de solo fez com que o cultivo do café migrasse constantemente à procura de novas terras, ricas em matéria orgânica e produtivas, as quais se tornavam esgotadas logo nos primeiros anos de exploração. O cafeeiro chegou a São Paulo pelo Vale do Paraíba, passando a ser cultivado na região de Campinas em 1810. Em 1887, Dom Pedro II (1825-1891) fundou a Imperial Estação Agrônoma de Campinas (atual IAC) para assistir tecnicamente o desenvolvimento da cafeicultura nacional.

Carvalho tornou-se um dos maiores especialistas mundiais em café, dedicado a conseguir linhagens mais produtivas para que o Brasil pudesse ser mais competitivo no mercado internacional. Dedicou sua carreira ao melhoramento genético, sendo responsável pelo desenvolvimento de 65 cultivares¹ — praticamente todos os tipos de café plantados no Brasil. Algumas dessas cultivares tiveram importância marcante na história da cafeicultura, tornando a atividade mais lucrativa e propiciando novos sistemas de produção, mecanização da colheita e utilização de áreas improdutivas — como o cerrado de São Paulo e do Triângulo Mineiro. *“O Brasil não sabia o que fazer com o enorme volume de café armazenado. Milhares e milhares de sacas estavam sendo queimadas e só a cinza era aproveitada, usada como adubo nas lavouras. Falar em iniciar um trabalho de melhoramento para aumentar a produção parecia um absurdo.”* Em 1950, iniciou os estudos sobre a ferrugem do cafeeiro. Quando a doença chegou ao Brasil, na década de 1970, o programa de combate ao fungo da ferrugem já dispunha de variedades com resistência genética.

Alcides Carvalho permaneceu no IAC² por mais de 50 anos. Formou um dos maiores bancos de germoplasma de café e contribuiu para o instituto se tornar o mais importante centro de genética e melhoramento do cafeeiro do mundo. Foi autor de 250 artigos científicos e coautor de livros, de material didático e de extensão rural.

¹Qualquer variedade de planta claramente distinguível de outras conhecidas, com características e denominação próprias, produzida por meio de técnicas de cultivo, passível de uso pela agricultura, descrita em publicação especializada e sujeita à proteção intelectual (Lei nº9.456/1997).

²O IAC completou 130 anos e é uma das mais prestigiadas instituições de pesquisa do país. Suas atividades de pesquisa, iniciadas com o estudo da química de solos e de fertilizantes para cafeicultura, o desenvolvimento de variedades de cana-de-açúcar e frutas, chegam a 2017 mostrando como resultados o desenvolvimento de mais de mil cultivares, milhares de trabalhos científicos, treinamento de pesquisadores e muitas outras ações em benefício do agronegócio no Estado de São Paulo.



“E essas vias férreas irão animar a agricultura, a indústria e o comércio por todo esse império; irão salvar muitas províncias da ruína e bancarrota, que as ameaça; serão para o governo meios seguros de difundir a instrução, a polícia e a civilização”.

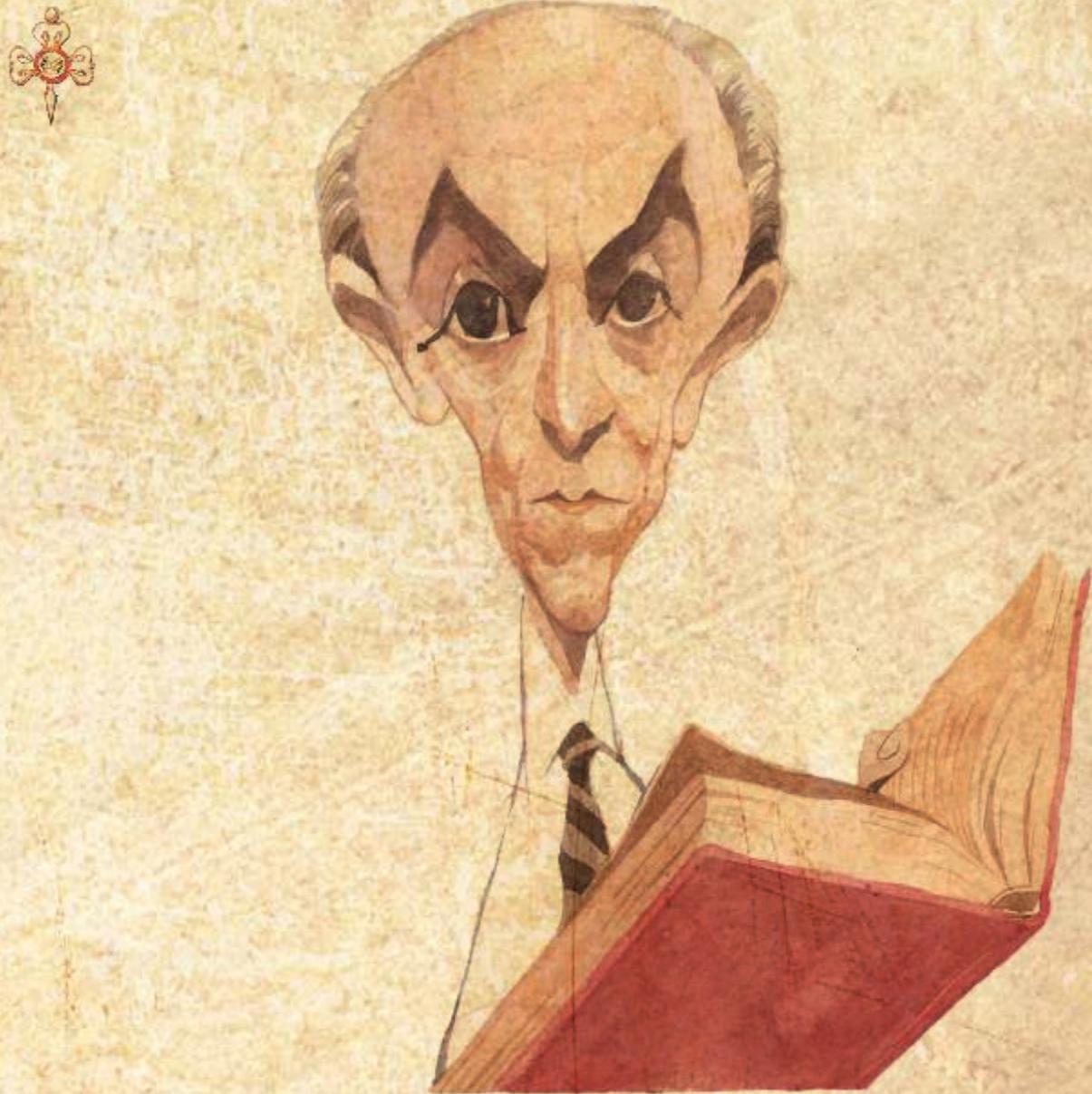
André Rebouças nasceu no dia 13 de janeiro de 1838, em Cachoeira, Bahia. O pai, Antônio Rebouças, advogado autodidata e prestigiado político, tornou-se conselheiro do Imperador e Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. A condição social atípica para uma família afrodescendente e o empenho do pai em sacrificar até mesmo bens materiais em nome da formação dos filhos garantiram a André e aos outros seis irmãos boa educação e escolaridade. Em 1842, a família mudou-se para o Rio de Janeiro.

Em 1854, André ingressou na Escola Militar no Largo de São Francisco. Tornou-se bacharel em ciências físicas e matemáticas (1859), obtendo o grau de engenheiro militar no ano seguinte. Aperfeiçoou seus estudos na Europa (1861-62). Provavelmente, foi o primeiro negro a assumir, com distinção, a função de engenheiro no Brasil, tendo projetado portos, ferrovias e obras de abastecimento de água e saneamento no Rio de Janeiro. Pioneiro da mecânica de solos, construiu as docas do Rio de Janeiro (docas da Alfândega e docas Dom Pedro II — cuja pedra fundamental¹ foi assentada ao meio-dia de 15 de setembro de 1871). *“O problema que se tinha a resolver na Alfândega era o mais difícil que se podia propor a um engenheiro; que se tinha ali perfurado o solo até 870 pés de profundidade sem encontrar terreno sólido; que não podia portanto assegurar que sairia vitorioso desta prova e tão somente que faria os maiores esforços para isso.”*

Com ideias avançadas, monarquista e amigo leal do imperador Pedro II, André Rebouças dedicou-se a compreender os entraves ao desenvolvimento do país sob um olhar progressista e liberal. Lutou pela criação de parques nacionais, sugerindo-os para a Ilha do Bananal, no rio Araguaia, e para Sete Quedas, no Paraná. Abolicionista, defendia que a emancipação e a integração do negro à sociedade só seriam possíveis pela transformação do escravo em pequeno produtor, dono da própria terra. Foi um dos maiores estrategistas do movimento abolicionista. *“A escravidão não está no nome, e sim no fato de usufruir do trabalho de miseráveis sem pagar salário ou pagando apenas o estrito necessário para não morrer de fome”.* Rebouças sabia que a abolição, por ele tão defendida, seria uma das causas da proclamação da República, que destronaria seu amigo. Preferiu deixar o Brasil no mesmo navio no qual a família real zarpar para o exílio. *“Pensamos ter abolido a Escravidão [...]. Ai de nós! [...]. O espírito infernal do Escravismo continua a presidir a tudo [...]. Não se cuida senão em satisfazer às insaciáveis exigências dos monopolizadores da terra e dos exploradores de homens”.* A morte de Dom Pedro II (1825-1891) deixou Rebouças perturbado, e ele resolveu partir para trabalhos na África. Foi encontrado morto sobre uma grande pedra, em frente ao mar, na Ilha da Madeira.

A importância de André Rebouças para a modernização do país rendeu-lhe homenagens na forma de topônimos em várias cidades: Avenida Rebouças, em São Paulo; Túnel Rebouças, no Rio de Janeiro; município Rebouças, no Paraná, estado onde o irmão Antônio — também engenheiro e parceiro em muitas obras — foi responsável pelo projeto da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, uma das mais ousadas e desafiadoras obras de engenharia do século XIX.

¹A pedra, com as inscrições 15/9/71 D e D. P. II, foi reencontrada em 2012, durante escavações das obras de revitalização da zona portuária. Em 2017, o Sítio Arqueológico Cais do Valongo foi Inscrito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na lista dos sítios declarados como Patrimônio Cultural Mundial (monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico). Cerca de 900 mil africanos chegaram à América do Sul através do Valongo, a partir de 1811.



“Os usuários estéticos da língua pensam que são os donos da língua, o que é – desculpe a sinceridade – uma besteira incomensurável [...] Guimarães Rosa quando impôs a sua sintaxe, a sua morfologia, o seu vocabulário, esperava que houvesse uma sensibilidade pública que o transformasse em um bem espiritual necessário. Aconteceu isso. [...] Essa multiplicidade de registros, essa multiplicidade de fins cria na língua o que todas as línguas de cultura têm que ter: ela se presta para todos os fins humanos.”

Antônio Houaiss — pronuncia-se 'uáíss' — nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 15 de outubro de 1915. “Sou o quinto de sete filhos de uma família de imigrantes libaneses. Nasci em Copacabana [...] na época, era o paraíso para aquelas crianças que tiveram o privilégio de nascer e viver lá. A praia era nossa, como o matagal em torno era nosso, com pitangas [...] alguns cajus. Era área de restinga, com muita quantidade de frutos do mar disponíveis [...] quando pretendi entrar para o [Colégio] Pedro II, que era a grande aspiração dos adolescentes desejosos de estudar, o colégio para mim era inacessível até em termos de adquirir o uniforme [...]. Então, eu me resignei a entrar como aluno da Escola de Comércio Amaro Cavalcanti, que se inaugurava.” Tornou-se perito-contador (1933). Aos 17 anos, começou a dar aulas e, pouco depois, foi aprovado em concurso da prefeitura do Rio para o magistério do ensino técnico secundário. Lecionou datilografia, mecanografia e mais tarde, português, latim e literatura. “O professor [...] recebia algo como 800 mil-réis, enquanto no magistério particular, eu trabalhava [...] com um salário de 82 mil-réis.”

“Tentei por três anos iniciar o curso [na Faculdade de Direito] e por três anos fracassei, porque realmente não suportava a infame qualidade do ensino que existia.” Acabou formando-se em letras clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil¹ em 1942, mesmo ano em que se casou. Ingressou na carreira diplomática por concurso. Assumiu postos em Genebra, na República Dominicana, na Grécia, nos Estados Unidos e em Ruanda. Entre 1956-60, foi assessor de documentação do presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976) e realizou atividades na Organização das Nações Unidas. Veio o golpe militar de 1964 e Houaiss foi aposentado, com a suspensão de seus direitos políticos. Passou a colaborar no *Correio da Manhã* (1964-65) e a se dedicar à primeira tradução para o português do romance *Ulysses* (1922), do irlandês James Joyce (1882-1941). Participou da edição de dicionários e da organização de duas das mais conhecidas enciclopédias feitas no Brasil — *A Grande Enciclopédia Delta-Larousse* e a *Enciclopédia Mirador Internacional*. Foi eleito para a Academia Brasileira de Filologia (1960) e a Academia Brasileira de Letras (1971), na qual organizou o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP). Na Comissão Machado de Assis², consolidou-se como um dos principais teóricos brasileiros da ecdótica — ciência que busca restabelecer a redação original da obra de um autor, por meio da comparação de diferentes versões originais, a fim de que se tenha sua edição definitiva.

Antônio Houaiss foi voz marcante no estudo da língua portuguesa e na luta pela unificação ortográfica, autor e organizador de 40 obras. “Tenho um livro chamado *Receitas rápidas* [...] onde pus a experiência da minha cozinha noturna, a de 15 minutos.” Representou o Brasil na comissão que elaborou o projeto de unificação ortográfica da língua portuguesa em Lisboa (1990). “Os portugueses estão abdicando muito mais. Daí a celeuma maior em Portugal do que no Brasil.” Foi ministro da Cultura entre 1992-93 e presidente da Academia Brasileira de Letras (1996). Em 1986, iniciou a elaboração de novo dicionário, interrompida em 1992 por falta de recursos financeiros. Em 1997, tornou-se um dos fundadores do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, com o propósito de retomar a feitura da obra. Houaiss faleceu (1999) e deixou para a sua equipe a missão de realizar seu sonho de editar um amplo dicionário. Publicado em 2001, o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* conta, atualmente, com mais de 230 mil verbetes. “Creio que a formação futura de tudo está dependendo ainda do ensino básico. Nós estamos errando exatamente no ensino básico.”

¹Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

²A Comissão foi criada em 1958, por Juscelino Kubitschek, para tratar da edição crítica da obra de Machado de Assis, que acabara de cair em domínio público com edições de baixa qualidade. A edição crítica visa devolver a um texto adulterado, tanto quanto possível, a sua forma genuína, exigindo conhecimento da língua na época em que o texto foi escrito, bem como dos recursos tipográficos disponíveis.



“Artista eu era. Pioneiro eu fiz-me. Devo a Brasília esse sofrido privilégio. Realmente um privilégio: ser pioneiro. Dureza que gera espírito. Um prêmio moral.”

Athos Bulcão nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1918, mas passou a infância em Teresópolis. Perdeu a mãe antes de completar cinco anos, e foi criado pelo pai — amigo e sócio de Monteiro Lobato (1882-1948) —, na companhia dos irmãos mais velhos. Tímido, passava muito tempo em casa, onde costumava ouvir gramofone e desenhar. A família o levava com frequência a espetáculos de companhias estrangeiras e exposições. Em 1939, abandonou o curso de medicina. Aos 22 anos começou a pintar, expor e ganhar prêmios. Ao frequentar o Vermelho, famoso bar no centro do Rio, conviveu com artistas e intelectuais — como o paisagista Burle Marx (1909-1994). Em 1941, Athos participou do Salão Nacional de Belas Artes, no Rio, ganhando a medalha de prata em desenho e pintura. Em 1943, conheceu Oscar Niemeyer (1907-2012), que lhe encomendou azulejos para o Theatro Municipal de Belo Horizonte. Deram início à longa colaboração. *“Admiro nele [Niemeyer], além da genialidade que caracteriza sua obra tão extensa e pródiga de invenção, a coragem, o espírito de luta e a coerência com que defende seus ideais de justiça, além da lealdade com os amigos.”* Em 1945, Cândido Portinari (1903-1962) convidou-o para pintar o mural de São Francisco de Assis na Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Durante alguns meses, frequentou o ateliê de Portinari. Em Paris (1948-49), na França, estudou desenho — na Académie de la Grande Chaumière — e litografia, com bolsa concedida pelo governo francês. De volta ao Rio, ingressou no Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura e passou a produzir artes gráficas para revistas, catálogos, *long-plays* e livros, bem como máscaras, gravuras, cenários e figurinos para teatro. Entre 1952-58, dedicou-se à fotomontagem.

Em 1957, a convite de Niemeyer, Athos foi requisitado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil — responsável pela implementação do projeto urbanístico de Brasília. *“Trabalhei com Athos Bulcão desde os tempos da Pampulha [...]. No campo da integração das artes com a arquitetura, sempre atuou com o maior talento.”* Athos mudou-se para Brasília (1958) e notabilizou-se colorindo edifícios com seus painéis de azulejos. *“Não gosto de me sentir melhorando prédios. Quando a arquitetura não é boa, não existe, e quando não existe, não há integração possível.”* O primeiro trabalho foi realizado na Igreja Nossa Senhora de Fátima¹, na qual famosos azulejos azuis, brancos e negros — com a pomba representando o Espírito Santo e a estrela [de Belém], a Natividade — cobrem as três fachadas do prédio. Seus painéis — caracterizados pela modulação e grafismo criados com base em formas geométricas — podem ser apreciados em quase duas centenas de edificações de Brasília, como no Memorial Juscelino Kubitschek, na Torre de TV, no Parque da Cidade Sarah Kubitschek, no Aeroporto Internacional de Brasília e no Congresso Nacional. *“Como pensar o Teatro Nacional [Cláudio Santoro] sem os relevos admiráveis que revestem as duas empenas do edifício, ou o espaço magnífico do salão do Itamaraty sem suas treliças coloridas?”*² A convite de Darcy Ribeiro (1922-1997), tornou-se professor no Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília, que lhe concedeu o título de doutor *honoris causa*.

A obra de Athos Bulcão é considerada sofisticada e silenciosa, porque se coloca discreta e naturalmente em todos os espaços que ocupa com sua luminosidade. Ele não acreditava em inspiração, mas sim no trabalho aliado ao talento e ao planejamento. Um método que gostava de empregar era o da 'livre disposição', no qual os operários organizavam os azulejos por conta própria. *“É uma vaidadezinha mesquinha querer amarrar a obra em você. Deixando que os operários contribuam, sinto que o processo de criação fica mais simples, mais puro e, portanto, melhor.”* Em 1989, foi condecorado com a Ordem de Rio Branco³. *“Às vezes penso que meu trabalho equivale ao do compositor que faz a música de um filme.”*

¹A Igreja Nossa Senhora de Fátima — primeiro templo de alvenaria de Brasília, projetada por Oscar Niemeyer e inaugurada em 1958 —, foi a primeira obra de Athos Bulcão para a capital. O revestimento da Igreja é o único trabalho figurativo de Athos em azulejos.

²João Filgueiras Lima (1931-2014), arquiteto de quem Athos Bulcão também foi parceiro.

³A Ordem de Rio Branco foi instituída pelo Decreto nº 51.697/1963, com o objetivo de, ao distinguir serviços meritórios e virtudes cívicas, estimular a prática de ações e feitos dignos de honrosa menção.



“Cortam as matas ignorando tudo que está dentro delas. Ninguém quer saber que lá tem milhares de espécies de aves, centenas de milhares de espécies de insetos, de plantas, que fazem o equilíbrio. E o equilíbrio natural é complexo”.

Augusto Ruschi nasceu no dia 12 de dezembro de 1915, em Santa Teresa, Espírito Santo. O pai, imigrante italiano; a mãe, descendente austríaca. *“Eu vivia fugindo de casa. É que atrás da casa que eu morava tinha uma mata. Então eu fugia e ia pra mata atrás dos passarinhos”.* Com 10 anos, descrevia e desenhava orquídeas a seu modo. No seminário Capuchinho, colecionava insetos que guardava em caixas de fósforos. Mais tarde, passou a colaborar com o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e com o Museu Nacional na catalogação da flora e da fauna. No museu, conheceu seu mentor, Cândido Firmino de Mello Leitão (1886-1948). — taxonomista de aracnídeos —, que o incentivou a participar das pesquisas sobre o combate internacional à praga dos laranjais.

Ruschi tinha especial interesse pelos beija-flores que polinizam orquídeas. Como na sua época não existia graduação em ciências biológicas, cursou agronomia, depois, direito. Tornou-se pesquisador do Museu Nacional e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *“Eu não posso estudar entre quatro paredes. Eu quero voltar para minhas florestas”.* Publicou mais de 400 artigos científicos e 22 livros, como os dez volumes da coleção *Aves do Brasil* e *Os beija-flores do Espírito Santo*. Engajado na defesa da natureza, crítico do reflorestamento com eucaliptos e do uso de agrotóxicos, foi divulgador das ciências no Brasil. *“A alegria do barulho desses beija-flores ninguém vai silenciar enquanto eu existir.”*

O Museu de Biologia Professor Mello Leitão foi fundado em 1949 por Augusto Ruschi. O museu, que faz parte da estrutura do Instituto Nacional da Mata Atlântica, guarda coleções científicas de plantas e de animais, particularmente de espécies da Mata Atlântica. Também desenvolve atividades de educação patrimonial, educação ambiental, divulgação científica e de preservação da memória do cientista que “conversava” com os beija-flores. Já a Reserva Biológica Augusto Ruschi — unidade de conservação federal criada em 1982¹ — homenageia o naturalista protegendo cachoeiras e a biodiversidade do Espírito Santo.

Em 1989, a dedicação de Ruschi aos beija-flores e às orquídeas foi estampada nas notas de 500 cruzeiros e de 500 cruzados novos — que circularam entre 1990-94. A Lei nº 8.917/1994^{2a} concede ao pesquisador o título de Patrono da Ecologia do Brasil. *“Enquanto não se formar a criança na direção certa, o futuro da natureza do Brasil continuará ameaçado”.* A Lei nº 2.433/2013^{2b} institui o beija-flor como ave símbolo do município de Santa Teresa, bem como define 12 de dezembro como o dia de comemoração anual em homenagem ao nascimento do ornitólogo.

¹Em 1986, a Reserva Biológica de Nova Lombardia, no município de Santa Teresa, criada pelo Decreto nº 87.589/1982, passou a denominar-se Reserva Biológica Augusto Ruschi.

^{2a}Lei federal, ^{2b}Lei municipal.



“Estamos distantes ainda do governo científico dos povos; daquele regime que já impera na engenharia e na cirurgia, por exemplo, e que despidendo-os da auréola do poder, despersonalizará um dia os negócios públicos [...]. Dentro do regime democrático todas as correntes devem ter representação no cenáculo político.”

Bertha Lutz nasceu na cidade de São Paulo, no dia 2 de agosto de 1894. Em 1908, seu pai, Adolfo Lutz (1855-1940), passou a trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), e a família se transferiu para o Rio de Janeiro. Ele considerava o desempenho das universidades brasileiras inferior ao das europeias, e Bertha seguiu para Paris, na França, em 1914, para concluir o curso secundário e estudar música. “Eu adoraria estar aí para ajudar [...] tenho certeza de que aprenderia muito mais com você, na prática, do que na Sorbonne [...]. Não sinto nenhum entusiasmo por uma carreira científica [...] e a única coisa que me atrai é a botânica.” Em 1918, formou-se em ciências naturais na Université Paris-Sorbonne, tornando-se tradutora no IOC para ficar ao lado do pai. No ano seguinte, prestou concurso para o Museu Nacional. Entre 10 “candidatos”, foi a segunda mulher a ingressar no serviço público brasileiro. Embora o cargo fosse o de secretário, atuou como naturalista, acumulando experiência em museologia. O serviço educativo no Museu Nacional permitiu que Bertha visitasse 58 museus em cidades norte-americanas. “Um dos aspectos das atividades dos museus americanos que mais me interessou foi verificar como é grande o número de mulheres que nele exercem sua atividade, desempenhando diversos misteres, desde os mais humildes até os mais exaltados.” Em 1937, assumiu o cargo de naturalista, sendo autorizada a zelar pelas coleções científicas de seu pai, bem como a realizar expedições para complementar os estudos sobre os anuros.

Após a morte de Adolfo Lutz, foi incansável o esforço de Bertha para reunir e publicar todos os textos dele — muitos inéditos no Brasil — e preservar suas coleções. “No fim de uma carreira científica, em grande parte dedicada à Medicina Tropical e à Zoologia Médica, disciplinas que introduziu no Brasil, não chegou Lutz a terminar o seu último trabalho de zoologia [...]. Espero publicar, mais tarde, o Atlas ilustrado dos Anuros Brasileiros.” A editora da Universidade do Texas publicou *Brazilian Species of Hyla* em 1973, com textos de Bertha e fotografias de seu irmão, Gualter Adolpho Lutz (1903-1969). “Este livro deveria ter sido escrito por meu pai [...] que começou nosso trabalho em anfíbios.” O sonho de publicar toda a obra do pai só foi concretizado em 2004, com o lançamento de *Adolpho Lutz - Obra Completa*¹. Aposentou-se no Museu Nacional em 1964, mas continuou trabalhando até o seu jubileu (1969), quando recebeu o título de professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na França, Bertha acompanhou o movimento sufragista inglês. Aos 24 anos, tornou-se militante da luta pela cidadania da mulher e ajudou a fundar organizações como a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (1922) — “Votar não é um privilégio, uma recompensa, que se dê aos cidadãos altamente especializados para exercerem essa função. É uma obrigação de todos [...] não há mais motivo para que não sejam eleitoras todas as mulheres habilitadas para exercer direitos idênticos em todo o Brasil”. Em 1931, ela e Carmen Portinho (1903-2001) redigiram e entregaram ao presidente Getúlio Vargas (1882-1954)² documento sobre os direitos das mulheres.

Formou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1933. No ano seguinte, concorreu à Câmara dos Deputados, mas conseguiu apenas a suplência do Partido Autonomista. Dois anos depois, com a morte do titular³, assumiu o mandato e tornou-se a segunda deputada federal do Brasil. “A mulher é metade da população, a metade menos favorecida. Seu labor no lar é incessante e anônimo; seu trabalho profissional é pobremente remunerado, e as mais das vezes o seu talento é frustrado quanto às oportunidades de desenvolvimento e expansão. É justo, pois, que nomes femininos sejam incluídos nas cédulas dos partidos e sejam sufragados pelo voto popular.” Permaneceu no parlamento até 1937. Em 2001, o Senado Federal instituiu o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, destinado a agradecer mulheres que ofereceram contribuição relevante à defesa dos direitos da mulher e questões do gênero no Brasil, como Zilda Arns (1934-2010).

¹Organizada por Jaime Larry Benchimol e Magali Romero de Sá, a coleção é composta por 12 volumes, publicados pela Editora Fiocruz entre 2004 e 2007, com textos em português e inglês (disponível em acesso livre no SciELO Livros).

²As mulheres já exerciam o voto em 10 estados do Brasil quando, em 24 de fevereiro de 1932, foi publicado o primeiro Código Eleitoral do Brasil, o qual instituiu a Justiça Eleitoral e o voto secreto, bem como facultou o voto às mulheres — confirmado na Constituição de 1934.

³Cândido Pessoa (1888-1936).



“As coisas comovedoras ferem de morte o artista, e sua única salvação é retransmitir a mensagem que recebe. Pergunto-me: quais são as coisas comovedoras neste mundo de hoje? Não são por acaso as tragédias provocadas pelas guerras [...] pelas injustiças, pela desigualdade e pela fome? Haverá na natureza qualquer coisa que grite mais alto ao coração do que isso?”

Cândido Portinari nasceu no dia 29 de dezembro de 1903, em uma fazenda de café perto de Brodowski, São Paulo, filho de imigrantes italianos que trabalharam na lavoura. Origem humilde, infância pobre, instrução primária e vocação artística. Aos 15 anos deixou a família e foi morar no Rio de Janeiro para desenvolver sua arte. Ingressou na Escola Nacional de Belas-Artes e, em 1928, conquistou o Prêmio de Viagem à Europa. Permaneceu em Paris ao longo de 1930: “Daqui fiquei vendo melhor a minha terra — fiquei vendo Brodowski como ela é. Aqui não tenho vontade de fazer nada. Vou pintar o Palaninho¹, vou pintar aquela gente com aquela roupa e com aquela cor”. Sobre a ascendência do modernismo em relação ao academicismo, Portinari disse ao seu velho professor Rodolfo Amoêdo (1857-1841): “No seu tempo, a gente passava horas e horas pintando uma laranja. Hoje eu faço um disco amarelo e pronto: é uma laranja.”

O governo do Brasil presenteou a Organização das Nações Unidas (ONU) com os painéis *Guerra e Paz*, de Portinari, inaugurados em 6 de setembro de 1957 na antessala da Assembleia Geral. Os painéis foram considerados a obra de arte mais importante destinada ao então recém-construído edifício da ONU, em Nova Iorque — cujo projeto foi criação coletiva de arquitetos, dentre eles Oscar Niemeyer (1907-2012). “Os painéis *Guerra e Paz* representam sem dúvida o melhor trabalho que eu já fiz [...]. Dedico-os à humanidade”. Contrariando os médicos que o proibiram de pintar devido à intoxicação pelo chumbo presente em pigmentos de tinta, Portinari trabalhou nos painéis entre 1952 e 1956: “[...] uma pintura que não fala ao coração não é arte, porque só ele a entende. Só o coração poderá nos tornar melhores, e é essa a grande função da Arte. Não conheço nenhuma grande Arte que não esteja intimamente ligada ao povo.”

Em 2001, *Guerra e Paz* foram restaurados no Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro. A obra de quase uma tonelada — feita em cedro compensado à prova d’água — é formada por dois painéis monumentais de 14m x 10m. Cada painel é composto por 12 painéis menores, com 2,20m x 5m, aparafusados uns aos outros. Após exposição em algumas capitais brasileiras, os painéis retornaram à ONU, onde foram reinaugurados em 8 de setembro de 2015. Em livro infantil dedicado aos painéis, o autor escreveu: “Em memória de Candinho, que pintou a arte no coração da paz”. Por conta de entraves políticos, Portinari, militante do Partido Comunista, nunca viu seus painéis instalados na ONU. Tornou-se um dos mais renomados pintores, com mais de 5 mil pinturas, desenhos e gravura — dentre elas a tela *Mestiço* (1934), primeira obra do artista adquirida por uma instituição pública, a Pinacoteca do Estado de São Paulo. “Estou com os que acham que não há arte neutra. Mesmo sem nenhuma intenção do pintor, o quadro indica sempre um sentido social.”

“Portinari não vai mais prestar sua contribuição a Brasília. Foi o que ontem nos disse, historiando brevemente o caso, no seu estilo peremptório. Disse o pintor: *Há bastante tempo fiz, por solicitação de Oscar Niemeyer, maquetas de um mosaico para a capela presidencial e de um mural. O mosaico [de pastilhas] seria executado em Ravena [Itália], de onde me mandaram orçamento e prazo. Aqui acharam o prazo longo — 13 meses — e propuseram que eu fizesse coisa mais simples, para ser executada aqui mesmo no Brasil. Não concordei. Ficou então combinado que eu faria somente o mural. Mas em vista da demora do pessoal de Brasília em decidir definitivamente o assunto e de compromissos que assumi antes (realizar no Museu de Arte Moderna do Uruguai uma retrospectiva que seguirá depois para a Argentina e Chile), sou obrigado a já não aceitar nem esse trabalho. [...] Creio que fica assim bem claro, para alívio de muitos, que não estou fazendo nenhum trabalho para este governo.*”²

¹Caipira de Brodowski, descrito por Portinari em “Carta do Palaninho”.

²*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, terça-feira, 11 de março de 1958.



“A Diretoria [...] era ocupada por um velho engenheiro que nunca tinha visto uma mulher engenheira na vida [...] a primeira tarefa que esse diretor me deu foi a inspeção do para-raios instalado no alto do edifício antigo da prefeitura [...] ele achou que por ser mulher não conseguiria fazê-lo [...] Para quem já havia escalado todos os morros do Rio de Janeiro, subir em um telhado era sopa! Muito mais difícil para mim foi saber como funcionava o tal para-raios.”

Carmen Portinho nasceu na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul, no dia 26 de janeiro de 1903. Aos quatro anos mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Foi a terceira mulher a se formar em engenharia no país, pela Escola Politécnica da Universidade do Brasil¹, em 1925. *“Lá [na engenharia] descobri o que eu queria: uma carreira que me permitiria a independência econômica [...]. Naquele tempo, todos que se formavam em engenharia arranjavam trabalho [...]. Mas ainda cursei Belas Artes por dois anos, o suficiente para que a arte ficasse em mim [...]. Meu pai era um homem progressista. Ele concordou com a minha escolha, sem preconceitos.”*

Em 1926, foi nomeada engenheira-auxiliar da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro) pelo então prefeito Alaor Prata, paraninfo da sua turma. A nomeação provavelmente foi motivada por ser a única mulher entre os formandos. Foi uma das primeiras engenheiras a ocupar cargo público. Na Prefeitura, ficou arquitetando um jeito de ser promovida, e acabou indo direto ao presidente da República, Washington Luiz: *“Vim pedir ao senhor que saiba da minha vida, do meu trabalho e me ajude, caso julgue que mereça. Washington Luiz respondeu: Pois não! — e disse para o comandante Braz Velloso, que o acompanhava nas audiências: Tome nota e providencie isso!”* Promovida, sua primeira construção foi a Escola Ricardo de Albuquerque, no subúrbio carioca.

Em 1936, criou o anteprojeto para a futura capital no Planalto Central, sendo a primeira mulher a receber o título de urbanista no Brasil, pela extinta Universidade do Distrito Federal: *“Tínhamos aulas de história e filosofia da arte com o Mário de Andrade”*. Em 1944, recebeu bolsa do Conselho Britânico para conhecer as experiências sobre habitação popular junto às comissões de reconstrução e remodelação das cidades inglesas destruídas pela guerra. *“Os problemas eram gravíssimos, havia racionamento de alimentos e muitas famílias desabrigadas. Havia cidades totalmente destruídas, que precisavam ser refeitas antes da guerra terminar, prevendo-se a volta dos combatentes.”* Quando voltou ao Brasil, trouxe o conceito de habitação popular e propôs a construção de conjuntos habitacionais. O primeiro, o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, conhecido como “Pedregulho”, foi construído na década de 1950 em São Cristóvão. *“Foi a construção dos conjuntos habitacionais que me deu muito nome no Brasil e no exterior como engenheira.”* Também ficou famosa por frequentar os canteiros das obras de que participava: *“Desde o início da carreira sempre gostei do trabalho na obra.”*

Após aposentar-se do serviço público, em 1962, assumiu as obras de construção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM)², símbolo da arquitetura moderna com o uso de estrutura vazada, junto a Baía de Guanabara, com jardins desenhados por Burle Marx. Durante 15 anos, Carmen foi diretora-executiva adjunta do MAM. Em 1966, criou a escola Superior de Desenho Industrial, experiência pioneira para a época. Dirigiu a Escola por 20 anos.

¹Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²Afonso Eduardo Reidy, companheiro de Carmen Portinho, foi o arquiteto responsável pelos projetos do Pedregulho e do MAM.



“A psicologia, como toda ciência, é experimental, e a experimentação em psicologia permeia tudo ou, pelo menos, deveria fazê-lo. Fala-se também em psicologia social – às vezes até mesmo em oposição à psicologia experimental – mas isso também é um artifício, um vício: a psicologia estuda qualquer ser vivo e, ao estudar o Homem, ela necessariamente se torna social. Não existe psicologia humana que não seja social.”

Carolina Bori nasceu em 4 de janeiro de 1924 — “numa época em que muitos bairros [da cidade] de São Paulo estavam começando a existir” —, filha de imigrante italiano e mãe brasileira, em família de seis filhos. “Comecei a estudar cedo [...]. Com 10 anos acabei o primário e precisei esperar completar 11 para entrar no ginásio. A opção por educação foi também uma decorrência da orientação que recebi na escola da 'Praça' [Escola Caetano de Campos, conhecida como 'curso normal da Praça']. Naquela época não existia essa grande disputa por vagas e, na educação, não existia nada além do curso de pedagogia [...]. Interessei-me por educação porque o curso era prático, voltado para questões do dia a dia da escola”. Carolina graduou-se em pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) em 1947. No ano seguinte, foi contratada como professora assistente na cadeira de psicologia, do curso de filosofia. Especializou-se em psicologia educacional. Concluiu o mestrado (1952) na New School for Social Research, em Nova Iorque, Estados Unidos, e doutorou-se em psicologia pela USP (1954). “Foram meus próprios estudos na pedagogia que me levaram à psicologia. A psicologia foi o campo que me pareceu mais seguro, mais ligado ao conhecimento científico.” Carolina foi uma das psicólogas brasileiras pioneiras na realização de estudos de campo. Uma das suas primeiras pesquisas tratava do preconceito racial e social. “Queríamos saber, através de uma medida simples, se havia preconceito ou não na sociedade brasileira, e qual sua natureza [...] não se discutia o assunto: dizia-se [...] que essa não era uma questão relevante, porque o preconceito não existia na sociedade brasileira.”

Carolina teve papel fundamental no estabelecimento do estudo científico da psicologia no Brasil, na implantação de cursos e laboratórios de psicologia experimental na Universidade de Brasília e na Federal de São Carlos, e na introdução e consolidação da análise experimental do comportamento. Em 1959, foi contratada como professora titular de psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Câmpus Rio Claro). Orientou mais de 100 alunos na pós-graduação. Acreditava que o conhecimento acadêmico devia estar mais próximo do povo, sendo essa sua filosofia à frente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), tornando-se a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente da entidade (1986-1989). Durante sua gestão, atuou para viabilizar políticas adequadas de incentivo à pesquisa e promoveu programas de rádio e palestras que buscavam divulgar a ciência. “Eu achava que a psicologia não podia ficar separada das demais ciências, e precisava estabelecer um diálogo com elas. De certa forma, minha entrada na SBPC foi também a aceitação da psicologia pela comunidade científica, que estava inclusive curiosa em relação ao conteúdo da psicologia e à ajuda que ela poderia dar na compreensão da sociedade e da comunidade científica brasileira.” Também esteve à frente da Estação Ciência¹ (1990-94). Participou da fundação da Sociedade Brasileira de Psicologia, coordenou o Instituto de Psicologia da USP por 15 anos e trabalhou pela aprovação da lei² que dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Destacou-se como liderança no engajamento da comunidade científica em questões políticas e sociais, como a extinção do Ato Institucional nº 5/1968, a defesa dos direitos humanos, a liberdade de reunião e de expressão das sociedades científicas e a luta contra o desenvolvimento de armas pelo programa nuclear brasileiro.

“O livro *Psicologia e Ciência no Brasil* [...] representa verdadeiro painel de Carolina: sua formação, sua carreira e suas lutas para dar à psicologia caráter científico e espalhar pelo Brasil seus ideais. O livro é organizado com muita inteligência. Consiste em uma série de depoimentos de personalidades que tiveram contato com Carolina [...]. O resultado dessa disposição é um quadro biográfico muito vivo e palpitante.”³

¹A Estação Ciência, local destinado à popularização da ciência por meio de exposições e experimentos, ocupava o galpão de antiga fábrica de tecelagem, no bairro da Lapa, em São Paulo. Recebia 300 mil visitantes por ano. Foi fechada em 2013.

²Lei nº 4.119/1962.

³José Reis (1907-2002), *Folha de S. Paulo*, Periscópio, 9 de agosto de 1998.



“Para mim, os grandes economistas foram ao mesmo tempo grandes pensadores e filósofos. Hoje, o economista tem um instrumental que lhe permite entender a complexidade da sociedade, mas não se pode deixar a ele somente a resolução dos problemas, é preciso que as outras ciências sociais venham enriquecer com seus instrumentos a visão desse todo social.”

Celso Furtado nasceu em Pombal, sertão da Paraíba, no dia 26 de julho de 1920. Nas memórias de infância, ficaram gravadas as imagens da chegada dos cangaceiros, vistos pelas frestas da janela, e da passagem da Coluna Prestes, em 1924: *“Eu venho de um mundo que me parecia catastrófico. Região seca, de homens secos.”* A vasta biblioteca de seu pai, advogado e professor, despertou sua paixão pela história. Tornou-se ávido leitor.

“Eu tinha um grande interesse pelos grandes problemas da sociedade, e para a minha geração as opções de carreira universitária se resumiam quase que exclusivamente à medicina, engenharia e direito. Escolhi direito como meio de estudar filosofia, história e ciências sociais, mas durante meus estudos fui me interessando pela economia [...]. A minha formação em direito me permitiu ver a economia como um sistema social, e não simplesmente como um sistema de produção”. Antes de concluir o curso de direito na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, foi convocado para servir na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial: “Logo depois da guerra, eu fiquei com um desejo enorme de conhecer o mundo [...] estudar a Europa, estudar o mundo [...] essa coisa veio espontaneamente”.

Em 1948, concluiu o doutorado em economia pela Université Paris, com a tese *A economia colonial brasileira*. De volta ao Brasil, trabalhou na Fundação Getúlio Vargas, onde o aconselharam a se dedicar ao estudo das fontes de informação econômica (produção industrial, valor monetário, produção agrícola, dados econômicos, censos, estatísticas etc.). Foi o primeiro ministro do Planejamento do Brasil (1962). No golpe militar de 1964, teve os seus direitos políticos cassados, sendo exilado. Foi trabalhar na Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), órgão da Organização das Nações Unidas, no Chile. Em seguida, aceitou um convite para lecionar na Universidade de Yale, nos Estados Unidos da América. Depois morou na Inglaterra e finalmente mudou-se para Paris, a convite da Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Université Paris-Sorbonne. Lecionou por 20 anos — primeiro estrangeiro nomeado para uma universidade francesa. Também lecionou nas universidades de Cambridge, American e Columbia. A partir de 1979, com a Lei da Anistia, reinseriu-se à vida política no Brasil, ocupando os cargos de embaixador do Brasil na Comunidade Econômica Europeia (1985) e ministro da Cultura (1986). Foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Ciências. Em 2004, recebeu indicação ao Prêmio Nobel de Economia.

Publicou mais de 30 livros, traduzidos em vários idiomas. Sua obra *Formação econômica do Brasil*, publicada em 1959, analisa a evolução da economia brasileira até o início do processo de industrialização, sendo apontada como um dos melhores tratados de historiografia escritos no país. Comprometido com o desenvolvimento nacional e a eliminação da pobreza, foi quem primeiro discutiu a relação entre crescimento e distribuição de renda no Brasil. É considerado um dos intelectuais de maior influência sobre o pensamento econômico e social na América Latina.



“Sempre achei que só se pode melhorar a qualidade de vida de uma nação formando cidadãos pensantes. Isso significa educação primária essencialmente, que só pode ser feita com bons professores secundários. Para ter boa educação secundária, precisamos de bons professores universitários. E para isso necessitamos de pesquisa.”

Cesáre Lattes nasceu no dia 11 de junho de 1924, em Curitiba, Paraná, filho de imigrantes italianos. O pai queria que ele cursasse medicina, mas Cesar dizia ter estômago fraco para dissecar cadáveres. Também pensou em ser veterinário. *“Comecei física e matemática no ginásio e vi que nem precisava prestar atenção. O professor falava, eu nem estudava e me saía muito bem no exame. No resto, eu era um aluno medíocre”*. O físico Gleb Wataghin (1899-1986), diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo — para quem o pai de Cesáre, gerente de banco, efetuava pagamentos — convenceu o jovem a ingressar no Departamento de Física da FFCL. Com apenas 19 anos, Lattes graduou-se em física e matemática, e passou a se interessar pelo estudo de raios cósmicos e física experimental.

Em 1946, Cesáre foi estudar na Universidade de Bristol, Inglaterra, onde a equipe do cientista Cecil Powell (1903-1969)¹ desenvolvia uma técnica para observar partículas que constituem o átomo usando emulsões de filmes fotográficos² — que servem para detectar partículas porque registram com um risco escuro o caminho percorrido por elas quando o filme é revelado. Lattes propôs expor as chapas fotográficas especiais à radiação cósmica em grandes altitudes. “Fotografias” obtidas nos Pirineus e nos Andes registraram rastros de partículas subatômicas que não combinavam com a trajetória esperada para elétrons, prótons ou nêutrons: estava provada a existência das partículas subatômicas chamadas *Méson Pi*, que agem como uma “cola”, mantendo o núcleo do átomo coeso. Em 1948, Lattes produziu, pela primeira vez, mésons artificiais em um acelerador de partículas nos Estados Unidos, trabalho que promoveu novas descobertas sobre as forças nucleares e uso da energia nuclear.

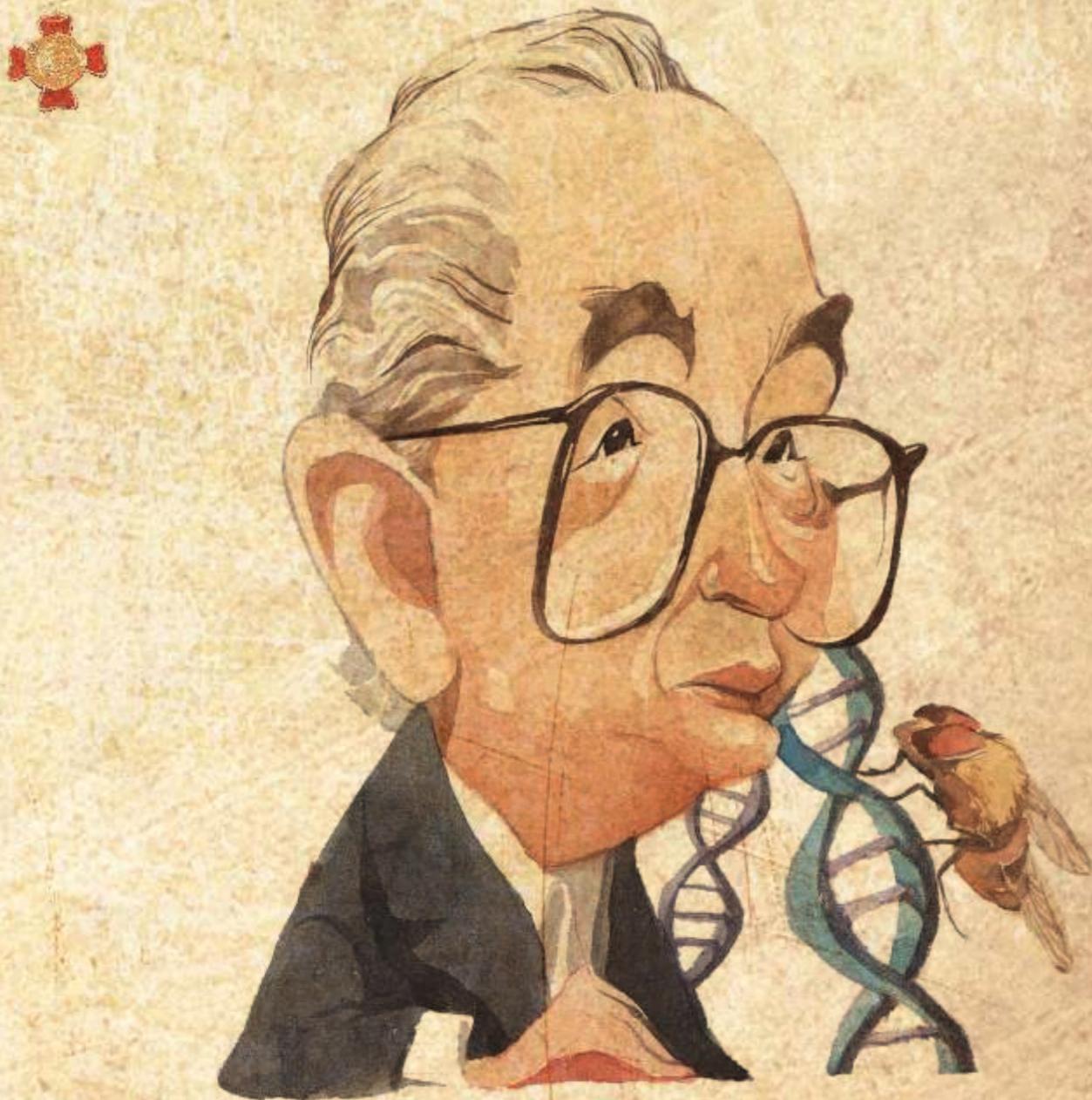
Lattes recusou proposta de trabalho da Universidade de Harvard para tornar-se professor da Universidade de São Paulo: *“Naquele tempo ninguém ia para lá com a ideia de fazer carreira. A gente pensava, em linguagem um pouco patriótica, em melhorar o Brasil”*. Também lecionou na antiga Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), do qual foi diretor (1949-1960) e um dos fundadores. Também participou da fundação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) em 1951, criado para promover e estimular o desenvolvimento da investigação científica e tecnológica em qualquer área do conhecimento. Tornou-se membro da Academia de Ciências em 1949. Em 1987, recebeu o Prêmio de Física da Academia de Ciências do Terceiro Mundo: *“Estou muito mais preocupado com a penetração subliminar da televisão, que mina a herança cultural do país. Temo muito mais a biotecnologia e a engenharia genética [...] o impacto da biotecnologia e da engenharia genética sobre a herança cultural do país é assustador e pode ser tarde demais para voltar atrás.”*

O escritório que Lattes manteve em sua casa e onde trabalhou nos últimos 28 anos de vida foi doado à Biblioteca Central da Unicamp em 2005. Além de livros, o escritório guarda objetos curiosos do cientista. Em 1999, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)³ lançou a Plataforma Lattes — base de dados pública que reúne mais de 450 mil currículos de doutores, mestres e estudantes dedicados à pesquisa, ensino, atividades administrativas e técnicas. Por sua riqueza de informações e confiabilidade, a plataforma é adotada pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do Brasil.

¹Powell ganhou o Prêmio Nobel de Física em 1950, por liderar a equipe que descobriu os mésons.

²Emulsão fotográfica: suspensão de sais (halogenetos) de prata numa camada de gelatina depositada no filme fotográfico, constituindo uma superfície impressionável pela luz.

³Em 1974, o Conselho Nacional de Pesquisas passou a se chamar Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.



“Em 1950, por acaso, no litoral paulista, coletando drosófila, eu descobri larvas de *Rhynchosciara*, uma espécie que nós classificamos como nova [...] publicamos uma série de trabalhos, alguns trabalhos que têm certa importância, principalmente por trazerem novos conceitos, conceitos de diferenciação de cromossoma, conceito de redundância e amplificação gênica [...]. E esse trabalho então teve uma repercussão muito grande [...] deu possibilidade de muita discussão”.

Crodowaldo Pavan nasceu em 29 de novembro de 1919, em Campinas, São Paulo. “Meu pai tinha uma indústria de porcelana, pioneira em fazer porcelana no Brasil com material brasileiro [...]. Então pensei em fazer engenharia [geológica], mas fui um péssimo estudante secundário, era a pior coisa do mundo, porque jogando sinuca e jogando pôquer, realmente tinha muito pouco interesse pelas coisas.” Em 1937, cursou um pré-universitário a fim de ingressar na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Nesse período, assistiu ao filme *A história de Louis Pasteur* (1936). “Fiquei tão impressionado que achei que gostaria de fazer aquilo [...] fiquei com aquela coisa na cabeça, e tive a sorte de assistir a uma conferência do Dreyfus¹”. Pavan tornou-se aluno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP em 1938. “No meu primeiro ano da Filosofia eu [...] estudei feito bicho [...] estava realmente muito interessado [...] decidi ficar na biologia, na genética. Estava com a ideia de Pasteur na cabeça, e o Dreyfus foi um dos professores mais extraordinários que tive.” Concluiu a graduação em história natural em 1941. Em 1943, Pavan conheceu o geneticista Theodosius Dobzhansky (1900-1975)², que estava interessado no estudo das drosófilas (mosquinhas-das-frutas) durante seu intercâmbio no Brasil. Juntos, fizeram várias incursões pela Serra do Mar e Amazônia. Após o doutorado (1944), Pavan foi para a Columbia University, Estados Unidos, trabalhar com Dobzhansky. “Hoje se pensa [...] em ganhar dinheiro, ter uma posição econômica boa, com isso, acredita-se comprar todo o resto. Naquela época, o ideal era cultura.”

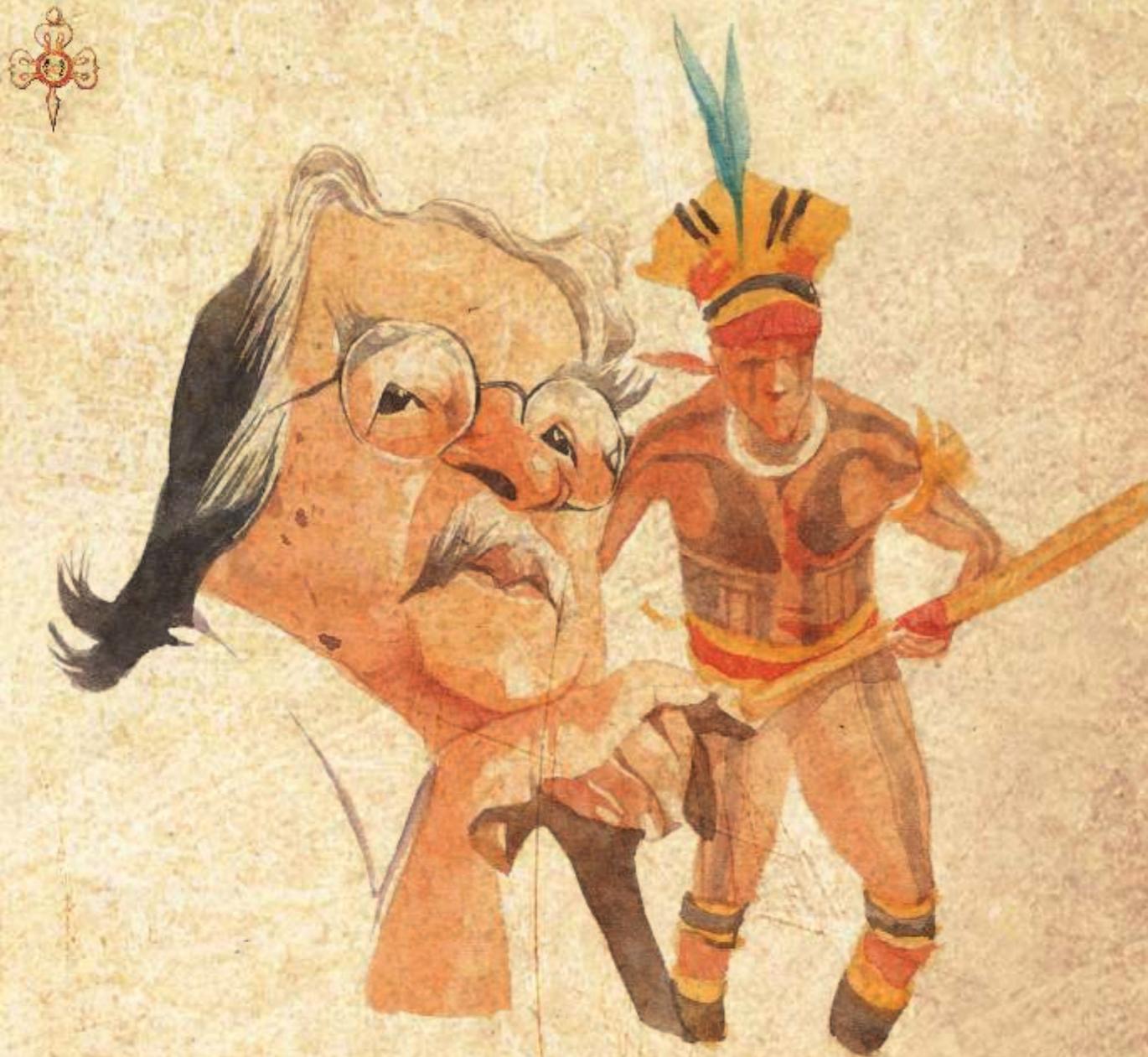
A principal contribuição científica de Pavan resultou do estudo das larvas da mosca chamada *Rhynchosciara*, encontradas no litoral sul de São Paulo, quando ele deu um chute numa bananeira caída e, embaixo dela, descobriu as larvas. Suas pesquisas revelaram um processo biológico chamado amplificação gênica de cromossomos politênicos (gigantes), pelo qual partes dos cromossomos aumentam de tamanho por causa da duplicação de trechos de DNA. Até então, a ciência acreditava que a quantidade de DNA dentro de toda célula animal era sempre igual e constante. A descoberta demorou oito anos para ser aceita pela comunidade científica. “Durante esse período, eu apresentava os dados e o pessoal dizia: ‘Os seus dados valem, mas isso é uma exceção. É um inseto’ [...]”

Em 1968, Pavan aceitou um cargo vitalício na Universidade do Texas, Estados Unidos, recebendo o salário mais alto do Departamento de Zoologia. Decidiu voltar para a USP em 1975. “Achei que poderia fazer mais pelo Brasil estando aqui, do que lá”. Foi um dos fundadores da genética no Brasil e voz ativa pelo desenvolvimento da ciência nas instituições brasileiras. Presidiu a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1981-86) — quando liderou campanha para incluir a autonomia universitária e o apoio à ciência e à tecnologia no texto da Constituição Federal de 1988, tendo participado da sua elaboração. Presidiu o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no período de 1986-90, quando aumentou o número de bolsas concedidas por ano de 13 mil para 45 mil, criou o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron — para pesquisar novas propriedades físicas, químicas e biológicas existentes em átomos e moléculas — e a Estação Ciência³. Nas décadas de 1990 e 2000, Pavan colaborou com Johanna Döbereiner (1924-2000) em pesquisas sobre o papel das bactérias na fixação do nitrogênio e dedicou-se à divulgação científica.

¹André Dreyfus, médico e acadêmico, é considerado um dos responsáveis pelo desenvolvimento da genética moderna no Brasil.

²Foi um dos primeiros a usar moscas do gênero drosófila em pesquisas sobre genética e evolução.

³A Estação Ciência, local destinado à popularização da ciência por meio de exposições e experimentos, ocupava o galpão de antiga fábrica de tecelagem, no bairro da Lapa, em São Paulo. Recebia 300 mil visitantes por ano. Foi fechada em 2013.



“Sou um homem de causas. Vivi sempre pregando e lutando, como um cruzado, pelas causas que me comovem. Elas são muitas, demais: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária. Na verdade, somei mais fracassos que vitórias em minhas lutas, mas isto não importa. Horrível seria ter ficado ao lado dos que nos venceram nessas batalhas.”

Darcy Ribeiro nasceu em Montes Claros, Minas Gerais, no dia 26 de outubro de 1922. Filho de professora primária, perdeu o pai, farmacêutico, aos três anos de idade. Certa vez, ele e um colega jogaram azul de metileno no reservatório de água da cidade, causando um pandemônio. *“Li todos os romances que rodavam pela cidade. Romances [...] de muitíssimas páginas. Larguei ameninada, só queria saber de leitura, de falar com adultos, de ver jogar xadrez e de mal jogar. [...] caí nesse intelectualismo.”* Em 1939 mudou-se para Belo Horizonte, frequentando a Faculdade de Medicina entre 1939-43, para atender à vontade da mãe e do tio médico. Na capital mineira, iniciou militância no Partido Comunista do Brasil. Sem vocação para a carreira médica, matriculou-se na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Formou-se em antropologia em 1946.

Ingressou na vida pública em 1947, no Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Realizou os primeiros trabalhos de campo na companhia de Berta Gleiser (1924-1997) — conheceram-se durante uma manifestação política, e permaneceram casados até 1975. Os estudos etnológicos levaram o casal a viver longos períodos entre comunidades indígenas. Em 1953, Darcy criou o Museu do Índio e colaborou com os irmãos Villas Bôas na criação do Parque Nacional do Xingu. Em 1956, pediu exoneração do SPI, alegando não compactuar com os escândalos de que o órgão estava sendo acusado e a inoperância do governo para moralizá-lo. No ano seguinte, ingressou na área de educação do Governo Juscelino Kubitschek (1902-1976). Chefiou a Divisão de Estudos Sociais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e foi professor de etnologia brasileira e tupi-guarani da Universidade do Brasil¹. Em 1959, assumiu o projeto de criação da Universidade de Brasília, da qual foi o primeiro reitor. Tornou-se ministro — *“Eu, desembargado de minha nau reitora, fui ser ministro da Educação [...] ordenando em arroubos para arrancar leite daquela burocracia vadia.”* — e chefe do Gabinete Civil de João Goulart (1918-1976) — *“Fui chamado à minha aventura maior: passar o Brasil a limpo [...]. Não via ninguém, só conduzia a barcaça enorme do destino nacional, atônito, lúcido de doer.”* Teve os seus direitos políticos caçados pelo Ato Institucional nº 1/1964 — editado pela ditadura empresarial-militar. Exilou-se no Uruguai. Em 1968, retornou ao Brasil, mas com a edição do Ato Institucional nº 5/1968, foi preso e indiciado sob a acusação de infringir a Lei de Segurança Nacional. Julgado e absolvido, “aconselharam-no” a se retirar novamente do país. Durante o exílio, atuou como reformador de universidades em diversos países da América Latina. Iniciou intensa produção literária, a qual o levou a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras (1993). Retornou do exílio em 1976 e, com a Lei de Anistia, retornou ao serviço público. Ao lado de Leonel Brizola (1922-2004), participou da reorganização do Partido Trabalhista Brasileiro. Acumulando várias funções — além da de vice-governador do Estado do Rio de Janeiro — idealizou a Biblioteca Pública Estadual do Rio de Janeiro, o Sambódromo, bem como a reforma e tombamento da Fundação Progresso, transformada em centro cultural. O projeto mais ambicioso foi a criação dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps): 506 escolas² em tempo integral. Em 1991, elegeu-se senador. Destacou-se como relator da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional³. Em seu último ano de vida, dedicou-se a projeto destinado à fixação do caboclo na floresta amazônica, à organização da Universidade Aberta do Brasil e à Escola Normal Superior. *“Eu não tenho medo da morte. A morte é apagar-se, como apagar a luz. Presente, passado e futuro? Tolice. Não existem. A vida vai se construindo e destruindo.”*

“Utopia é inventar o país que você quer. Por isso eu sou utópico, essencialmente utópico.” Antropólogo, etnólogo, educador, ensaísta, romancista, poeta e político, Darcy Ribeiro é autor de duas dezenas de livros, entre eles *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995). *“Os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia. Essa unidade não significa porém nenhuma uniformidade [...]. Mais do que uma simples etnia, o Brasil é um povo nação, assentado num território próprio para nele viver seu destino.”*

¹Atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²As escolas foram projetadas por Oscar Niemeyer (1907-2012).

³Lei nº 9.394/1996, conhecida como Lei Darcy Ribeiro.



“Quem divulga para difundir a ciência entre os não especializados não precisa ser profundo, e até esta qualidade da não profundidade torna-se indispensável ao divulgador. O de que ele precisa em primeiro lugar é ser leve, sintético, agradável. Seus conhecimentos devem ser seguros para que os possa expor com clareza, correção, amenidade e, se possível, elegantemente”.

Eurico Santos nasceu no dia 28 de junho de 1883, na cidade do Rio de Janeiro. Estudou no Mosteiro de São Bento, em São Paulo. Na sua obra, não é mencionada uma formação acadêmica. Influenciado por amigos jornalistas, começou a escrever para jornais em 1910, e fundou quatro revistas agrícolas¹. Na década de 1950, praticamente todos os jornais brasileiros publicavam seus artigos. Em 1962, recebeu a Medalha do Mérito Agrícola, instituída pela Confederação Rural Brasileira.

O primeiro de seus muitos livros foi publicado em 1927: “*Enfim este Manual do Amador de Cães é uma verdadeira enciclopédia. É indispensável ao veterinário e aos criadores profissionais, e será de inestimável valia aos que simplesmente gostam de ter cães em sua casa. E quem não gosta?*” Escreveu sobre as árvores do Brasil, madeiras, piscicultura, avicultura, hortas e pomares, doenças de frutas, “veterinária prática” — tudo que se necessita saber para tratar dos animais domésticos —, caça e caçadas. Os livros mais conhecidos, no entanto, abordaram a fauna brasileira, publicados a partir de 1938: a coleção *Zoologia Brasileira*². Os 11 volumes da coleção somam cerca de 2.600 páginas de informações sobre a “vida e costumes” dos animais, da esponja-do-mar à baleia-azul. “*O divulgador de zoologia não se obriga, ao tratar de determinado grupo, de rever a matéria e pô-la em dia, expurgando os enganos ou dúvidas que sempre se verificam. O seu papel é de consultar os especialistas, procurar deles a última palavra, e desentranhar do acervo de fatos os de certa significação para o geral dos leitores, deixando aos cientistas os outros que só a estes interessam*”.

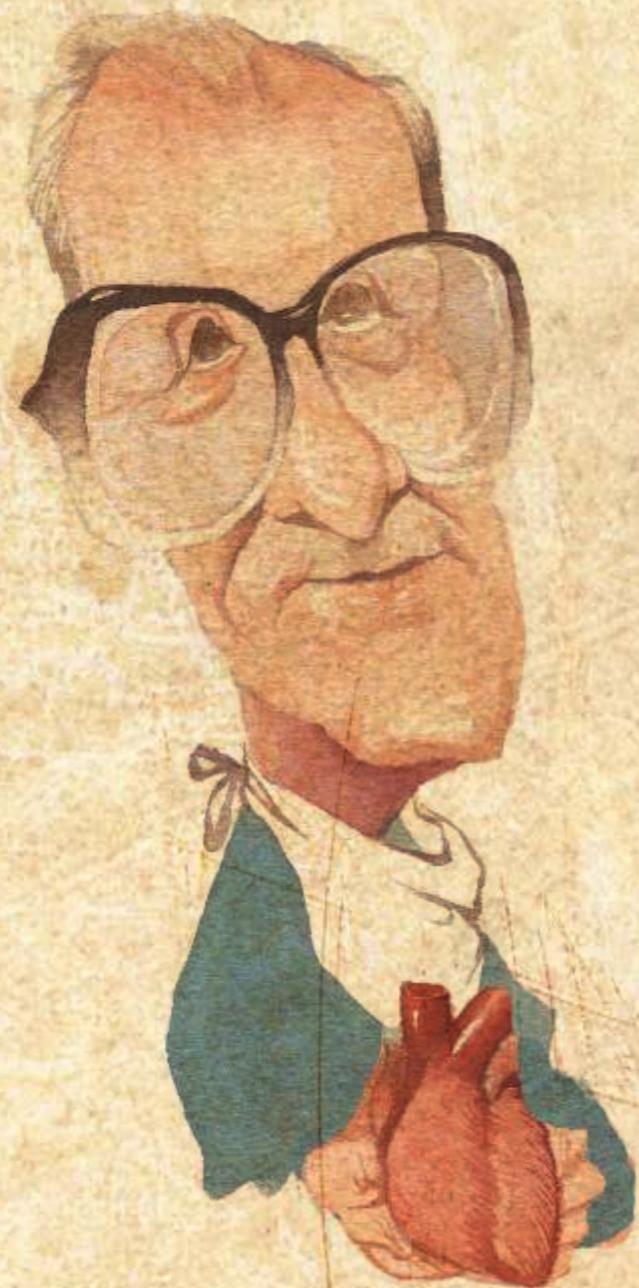
Eurico foi escritor metódico, estudioso da ciência e do folclore, que apresentou em seus livros a zoologia de um jeito fácil de entender, às vezes engraçado, “*espalhando conhecimento sobre bichos de nossa terra*” sem abrir mão da precisão. “*Os homens da ciência, que entre nós existem em quantidade apreciável e qualidade notável, não atinamos bem por quê, esquivam-se quase sempre de fazer divulgação. Louvável, pois, seria que aqui aparecessem, como nos demais centros de alta civilização, escritores que se especializassem na divulgação — gênero literário muito abundante na época hodierna.*”

“*Pudesse eu contagiar aos meus leitores a admiração pelas aves, o interesse pelos seus costumes e o respeito pelas suas vidas, tão sagradas quanto as nossas, e teria conseguido o principal desejo que me guiou, ao escrever esse livro.*” Provavelmente, o estilo simples e agradável dos textos de Eurico tenha despertado a vocação de muitos leitores que, mais tarde, tornaram-se zoólogos e conservacionistas: “*Ao caminhar pela Rua São Bento, no centro de São Paulo, vi algo que mudaria a minha vida: exposto em uma vitrine de uma grande livraria estava a obra *Pássaros do Brasil* [...] ganhei meu primeiro livro sobre aves brasileiras [...] a obra de autoria de Eurico Santos — até hoje, um dos meus livros preferidos — não mudou apenas a minha vida, mas influenciou gerações de cientistas e pesquisadores de renome que leram o livro na infância ou na adolescência e, hoje, se dedicam à pesquisa e conservação das aves brasileiras.*”³

¹A Fazenda (1910), A Fazenda Moderna (1916), O Campo (1930-1945) e Seleções Agrícolas (1946).

²Nossos peixes marinhos; Os peixes da água doce; Anfíbios e répteis; Da ema ao beija-flor; Pássaros do Brasil; Entre o gambá e o macaco; Moluscos do Brasil; O mundo dos artrópodes; Os insetos: vida e costumes; Os insetos e Miscelânea zoológica.

³Sandro Von Matter, pesquisador, jornalista ambiental e fotógrafo de natureza, autor do livro *Aves do Brasil: Mata Atlântica do Sudeste*.



“Aprendi a me divertir com o corpo dos outros, e isto não é pejorativo de jeito nenhum. Enfeitando a operação, mudando seus pormenores, a gente vai aperfeiçoando a técnica e o trabalho fica muito mais bem feito. A cirurgia, na verdade, é uma arte com uma base científica. Nós conseguimos transformar o ato cirúrgico numa diversão, numa atividade artística.”

Euryclides Zerbini nasceu em Guaratinguetá, São Paulo, em 7 de maio de 1912, ano em que foi criada a Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP). O pai, italiano, professor de história e geografia, exigente quanto à dedicação dos filhos aos estudos, deu a eles nomes gregos: Eurydes, Eurydice, Eurypedes, Eunice, Euryale e Euryclides — o “Pequenino”. *“De fato, todos tiravam as melhores notas da turma.”* Zerbini completou o colegial em Campinas e cursou medicina por sugestão do pai. *“Ele estranhou que eu não falasse a respeito de uma carreira [...]. Perguntou sobre a minha vocação e eu, com a maior calma, respondi que não tinha vocação alguma [...]. Eu teria aceitado qualquer ideia.”* Ingressou na FMSP, formando-se em 1935. *“No começo do curso, a minha adaptação foi péssima.”* Resolveu assistir a uma cirurgia para encontrar algum entusiasmo pelos estudos. *“Saí de lá quase desmaiado. Achei tudo aquilo um horror.”* Contudo, durante a Revolução Constitucionalista (1932), serviu como soldado e, no front de batalha, acompanhou o atendimento dos feridos, interessando-se pela cirurgia.

Em 1939, foi nomeado primeiro assistente de cirurgia do hospital-escola Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, pelo professor Alípio Corrêa Netto (1898-1988), que apostou nas habilidades de seu jovem aluno. Aos 29 anos, Zerbini tornou-se livre-docente¹. Em 1942, uma criança chegou à emergência com um estilhaço metálico no coração. *“Nós tivemos que operar de qualquer jeito, mas nós não sabíamos fazer [...] nós suamos frio [...] porque nós não tínhamos treino daquilo.”* Zerbini retirou o estilhaço e suturou a artéria coronária danificada. A criança sobreviveu, e a primeira sutura bem-sucedida de um ferimento cardíaco no país virou publicação científica. Em 1944, Zerbini foi para os Estados Unidos especializar-se em cirurgia torácica. *“A partir daí, todo o tempo era para ler, pesquisar, operar doentes cardíacos. Como não frequentava festas, não passeava nunca, só poderia arrumar uma namorada se ela fosse paciente, enfermeira ou médica.”* Casou-se com Dirce, ex-aluna que passou a fazer parte da equipe de cirurgiões. *“A maioria dessas máquinas de circulação extracorpórea, que faz as vezes do coração durante a cirurgia, foi ela quem desenhou.”* Voltou aos Estados Unidos para familiarizar-se com a circulação extracorpórea. *“No ano de 1957, eu só operei cães porque estávamos preparando o grupo para transplante cardíaco e circulação extracorpórea [...]. Foi uma tragédia incrível porque eu adoro cães, sempre tive vários cães e sofri muito nesse tempo.”*

Zerbini fez o primeiro transplante de coração da América Latina (1968). O paciente não sobreviveu em decorrência da rejeição². Os transplantes foram suspensos em 1969, sendo retomados em 1980 com a descoberta da ciclosporina, droga mais eficaz contra a rejeição. *“Além da desinformação, os motivos sentimentais [para a doação de órgãos] são os obstáculos mais comuns. Poucas pessoas sabem o que significa doar órgãos. Para a maioria delas, o conceito de morte encefálica é muito difícil de ser compreendido [...]. O indivíduo que tem o cérebro destruído de modo irreversível é declarado morto. Essa realidade é aceita universalmente [...]. Os órgãos [do doador] são retirados com rigor científico e destinados à missão sublime de salvar vidas.”*³

Zerbini foi professor titular de clínica cirúrgica da Universidade de São Paulo e fundou (1975) o Instituto do Coração (Incor), no qual o modelo eficiente de administração deve-se ao apoio da Fundação Zerbini. Aos 81 anos, poucos meses antes de falecer vítima de câncer de pele, participava de quatro cirurgias por dia. Nas manhãs das terças-feiras, gostava de jogar tênis. *“Um cirurgião como eu pode curar um, dez, 100 doentes. Mas isso não é nada do ponto de vista social. O sanitário que faz medicina preventiva pode atender milhares de pessoas. Ele põe um esgoto bem-feito que acaba com o mosquito que transmite a malária. E o político, esse atende o país. Mas os políticos têm se comportado muito mal [...].”*

¹A livre-docência é um título concedido no Brasil por uma instituição de ensino superior, mediante concurso público, que atesta excelência na docência e na pesquisa.

²Reação de anticorpos a um órgão ou tecido enxertado em um organismo vivo.

³No Brasil, a Lei nº 9.434/1997 dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento.



“Ó! Abre alas, eu quero passar. Ó! Abre alas, eu quero passar. Eu sou da lira, não posso negar. Eu sou da lira, não posso negar. Ó! Abre alas, eu quero passar. Ó! Abre alas, eu quero passar. Rosa de Ouro é que vai ganhar. Rosa de Ouro é que vai ganhar. Ó! Abre alas, eu quero passar. Ó! Abre alas, eu quero passar. Rosa de Ouro não pode negar. Rosa de Ouro não pode negar.”

“Aos dezesseis dias do mês de junho de mil oitocentos e quarenta e oito nesta freguesia quis unicamente os Santos óleos, por ter sido batizada em perigo de vida [...] a inocente Francisca [...] filha natural de Dona Rosa Maria de Lima [filha alforriada de uma escrava mestiça], solteira: foi protetora Nossa Senhora das Dores [...] e nesta ocasião compareceu José Basileu Neves Gonzaga [oficial do Exército brasileiro] e em minha presença e das testemunhas [...] disse que a inocente Francisca era sua filha, por tal a tinha, reconhecia e legitimava, como se nascesse de legítimo Matrimônio.”¹ Francisca era a terceira de nove filhos. Recebeu educação rígida e tradicional, que incluía aulas de piano. Em casamento arranjado, aos 16 anos casou-se com Jacinto Ribeiro do Amaral (1839-18-?), fazendeiro na Ilha do Governador e oficial da Marinha Mercante, com quem teve três filhos. A maternidade não a afastou do piano, tampouco o desgosto do marido pela música. Com 23 anos, forçada a escolher entre o casamento ou a música, deixou o marido e não obteve a guarda dos filhos. Apaixonou-se pelo engenheiro João Batista de Carvalho (1850-1918), com quem passou a viver em canteiros de obras da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em Minas Gerais. Chiquinha estava grávida quando o casal retornou à cidade do Rio de Janeiro, em 1875. No ano seguinte, ela se separou e a filha ficou sob a guarda do pai. Pouco depois, julgada e condenada pelo Tribunal Eclesiástico do Bispado do Rio de Janeiro à separação perpétua por crime de abandono do lar e adultério culpável, tornou-se divorciada do primeiro marido, Jacinto — isso cem anos antes de o divórcio passar a ser um direito civil no Brasil.

Chiquinha Gonzaga sobreviveu dando aulas particulares de piano e vendendo partituras. Combatente da submissão da mulher aos valores morais e sociais do Rio de Janeiro imperial, os títulos sensuais de suas músicas alimentavam polêmicas, mexericos e boataria, bem como suas vestimentas, na contramão da moda, e sua participação na boemia e rodas de choro. Em 1885, estreou como maestrina e compositora teatral. “*Meu bom amigo, o meu nome é pequeno, mas quem o fez, fui eu, cheia de coragem e trabalhando sempre para honrar a minha pátria [...] bem sabe que os brasileiros não se incomodam com os seus!! E [...] entretanto [...] no mundo [...] só há o Brasil!!!*”. Aclamada pelo público e pela crítica, passou a ser a musicista mais requisitada pelo teatro de revista. “*Arre!! São 3 e um quarto da manhã! Estou cansada, vou dormir... Felizmente acabei — os galos cantam.*” O tango *Corta-jaca* (1914), sucesso nos salões do Brasil e da Europa, foi alvo de crítica de Ruy Barbosa. “Por toda parte aonde gente topasse um cego a esfregar rabeça ou assobiar na flauta, ouvia-se infalivelmente a música da famosa Chiquinha Gonzaga”.

Em 1899, durante ensaio da agremiação Rosa de Ouro, Chiquinha sentou-se ao piano e, sem maiores pretensões, compôs a música considerada a primeira marcha carnavalesca brasileira: *Ó abre alas*. No mesmo ano, no Clube Estudantina Euterpe — no qual ela colaborava na organização da orquestra e dos saraus —, conheceu o jovem português João Batista Fernandes Lage (1883-1961). Chiquinha passou a apresentar Joãozinho como filho, a fim de disfarçar o romance entre os dois. Em 1913, ela deflagrou campanha pela defesa do direito autoral de compositores e teatrólogos. Mais tarde (1917), liderou a fundação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, entidade que até hoje exerce a defesa dos direitos autorais de criadores de obras literárias, artísticas e audiovisuais.

O piano Rönisch, trazido da Europa pela compositora, foi doado ao Museu dos Teatros em 1969. Em 2014, tomado por cupins, passou por restauração, ficando em exposição no foyer do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 2015, um disco de 1922, encontrado no lixo de loja de discos em São Paulo, tornou-se provavelmente o único registro fonográfico da voz de Chiquinha Gonzaga e de números de piano solo executados por ela. A primeira regente de orquestra no Brasil deixou obra estimada em duas mil canções e 77 partituras para peças teatrais. Morreu em fevereiro de 1935, na antevéspera do Carnaval, ao lado do amigo, parceiro e grande amor, João Batista Lage. “*Condenada a vida inteira! [...] A cruciante tormento, A minh'alma em desalento Pede a ti Senhor — Perdão!!!*”.

¹Assentamento de batismo no Livro 5º, folha 312, igreja de Santana, Rio de Janeiro, 1848.



“Há uma grande crise ética, um desprezo ostensivo pelas éticas, e o povo brasileiro está escandalizado. Há conflitos inter-regionais. [...] há conflitos de classe. Não acho que haja conflitos de raça, porque nós somos um país preponderantemente miscigenado. Toda essa tentativa de se criar uma negritude brasileira é coisa sem sentido e sem apoio: numa população miscigenada não pode medrar de forma atuante um preconceito de raça.”

Gilberto Freyre nasceu em 15 de março de 1900, em Recife, Pernambuco. Seu pai foi juiz e professor de economia política na Faculdade de Direito do Recife. A mãe era católica praticante. Tinha inaptidão para matemática, desinteresse pela escrita e leitura, paixão pelo desenho e apego aos brinquedos. Fez seus primeiros estudos com professores particulares — um inglês e uma francesa. Preferia as aulas de desenho. Os tropeços com a escrita foram marcantes, sendo rotulado de “problemático”. Aos oito anos, começou a escrever, primeiro em inglês, mais tarde em português. Contudo, aos 15 anos, já fazia tradução de textos. *Viagens de Gulliver* (1726) foi o livro que marcou a sua infância. Concluiu os estudos secundários no Colégio Americano Girealth¹.

Formou-se em ciências políticas e sociais (1920) na Baylor University, no Texas, Estados Unidos. “Já possuía nessa época uma intuição que quase me levava a pensar na antropologia como a grande área de estudo das ciências do homem [...]” Freyre pesquisou sobre a vida dos negros e dos mexicanos marginalizados do Texas. Na Europa, teve contato com o expressionismo alemão, o imagismo inglês e o anarcossindicalismo francês. Frequentou cursos e conferências sobre antropologia e estudou a cultura dos colonizadores portugueses. “Desde que deixei o Brasil, eu padecia do complexo dominante entre nós, o da superioridade e inferioridade de raças.” Retornou ao Recife em 1923, e fundou o Centro Regionalista do Nordeste. “Minha família foi escoraçada [...] durante a chamada Revolução de 30. Apesar de não pertencer a partidos e não desejar fazer carreira política.” Exilado, viajou por Portugal e pelo continente africano até ser convidado a lecionar na Stanford University, Estados Unidos. “Ali é que me veio a ideia de *Casa-grande e senzala* (1933).” Considerada vultosa e polêmica, a obra retrata a decadência do patriarcalismo e o surgimento de novas estruturas sociais no Brasil. Analisa o papel dos negros na miscigenação e a maneira como o racismo se manifesta na sociedade brasileira. “A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; [...] do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pela credulidade da senzala.” Revela as relações cotidianas entre senhores e escravos — “a casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos” —, a formação da economia sob o regime da escravidão, as diferenças culturais, a culinária, as relações sexuais, a vida nos engenhos e no coração das famílias. “É o maior dos livros brasileiro e o mais brasileiro dos ensaios que escrevemos.”²

Pioneiro da historiografia oral e precursor da chamada história da vida privada, Freyre resumiu a sociologia, a antropologia, a história e a literatura. Publicou dezenas de livros, entre eles *Sobrados e mucambos* (1936) e *Ordem e progresso* (1959), que fazem parte da trilogia *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil* — que discute a formação social e antropológica brasileira —, iniciada em 1933. Partidário do movimento empresarial-militar de 1964, Freyre foi favorável ao Ato Institucional nº 5/1968: “Uma necessidade de autodefesa do regime contra os reflexos de uma situação internacional de conflito entre as superpotências.” Em 1984, contudo, passou a criticar o regime militar, considerando-o a expressão de um “tecnocracismo economicista”. Dono de opiniões controvertidas, ele se autodefiniu como “um anarquista construtivo — dispensando as bombas e os atentados”. Casou-se em 1941, e teve uma filha e um filho. Ingressou na política em 1946, elegendo-se deputado federal para a Assembleia Constituinte, na qual apresentou emendas de importância sociológica. “Eu sentia muita falta de centros brasileiros dedicados à pesquisa sobre o próprio país. Ocorreu-me então a ideia de aproveitar as comemorações do primeiro centenário de nascimento de Joaquim Nabuco para propor [...] a criação de um centro³ deste tipo no Recife.” Terminado o mandato parlamentar, retomou as atividades acadêmicas, bem como as de escritor. “Se me perguntarem quem sou, direi que não sei classificar-me. Não sei definir-me [...]. Eu sou um indivíduo muito voltado para o passado, muito interessado no presente e muito preocupado com o futuro. Não sei qual dessas preocupações é maior em mim.”

¹Atual Colégio Americano Batista.

²Darcy Ribeiro (1922-1997).

³O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais — “destinado a pesquisar as condições de vida do lavrador e do trabalhador do norte agrário do país” —, criado em 1949 e desvinculado do sistema de universidades, tornou-se importante instituição de pesquisa em ciências sociais.



“Para qualquer área da botânica, o fator principal é amor, é gostar do que se faz. Tem muita gente que acha a sistemática chata. Não: é a coisa mais linda você abrir uma flor, ver a morfologia de uma flor, procurar o nome dela, saber como ela vive, cresce [...]. Acho que em qualquer profissão, a primeira coisa é amor [...] só isso dá realmente sucesso nos estudos. É se dedicar o dia inteiro”.

Graziela Barroso nasceu em Corumbá, Mato Grosso do Sul, em 11 de abril de 1912. *“Eu acredito que o primeiro contato que tive com a Natureza, contato forte, e que talvez tenha decidido a minha vocação, foi quanto eu tinha seis ou sete anos e fui passear com meu pai na beira do rio Paraguai. Quando olhei e vi aquele rio todo florido, com aguapês, eu gritei e quis entrar no rio”.* Casou-se aos 16 anos com o agrônomo Liberato Joaquim Barroso. Em 1940, o casal passou a residir definitivamente no Rio de Janeiro, e Graziela decidiu aprender botânica, tornando-se estagiária do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ), onde o marido trabalhava. *“Meu marido foi meu grande mestre.”*

Em 1946, prestou concurso público. *“Nessa época, não se exigia título universitário [...] o concurso não exigia nenhuma especialidade. Fiz o concurso de botânica”.* Concorreu com cinco homens pela vaga. *“Isso foi motivo de muitos preconceitos [...]. Meu marido ficava zangado.”* Graziela foi a primeira mulher a compor o quadro de naturalistas do JBRJ. Passou a trabalhar com o marido em sistemática botânica. Com a morte do companheiro (1949), tornou-se chefe da Seção de Botânica Sistemática e curadora do herbário, onde fomentou o intercâmbio científico. Recebia *“estagiários de toda parte [...] orientava, ensinava, transmitia”* e promovia cursos de férias no verão, atraindo estudantes de todo o Brasil interessados em sistemática.

Aos 47 anos, prestou vestibular e ingressou no curso de biologia da Universidade do Estado da Guanabara. Formada, atuou como professora em várias universidades. Na Universidade de Brasília, foi a primeira professora de botânica (1966-69). Em 1968, o câmpus da universidade foi invadido por tropas do exército. Graziela foi detida e interrogada por ser aliada de seus alunos na luta pelos direitos democráticos durante os anos da ditadura. *“Voltei para o Jardim. O CNPq¹ pediu que eu voltasse porque estavam sentindo a minha falta. Como eu estava muito aborrecida por causa das invasões à universidade e tinha participado de muitas coisas ali, preferi voltar.”*

Defendeu sua tese de doutorado em história natural aos 60 anos. Aos 70, foi aposentada compulsoriamente, mas continuou orientando seus alunos. *“Sempre me dediquei muito ao meu trabalho, sempre gostei muito do que faço, e a coisa mais importante é que formei todos esses botânicos novos”.* Compartilhou seu amor pelas plantas e pela natureza com muitos amigos. *“Minha amizade com o Roberto é de mais de 40 anos, porque eu identificava plantas no sítio dele [...] fazíamos excursões. Dimitri, eu, Margaret Mee, Roberto [...] Viajamos por muitos lugares do Brasil”.*²

Além dos apelidos carinhosos, “Dona Grazi” — a “grande dama da botânica brasileira” — virou nome de 25 espécies, como das árvores *Dorstenia graziellae*^{3a}, *Diatenopteryx graziellae*^{3b} e *Bauhinia graziellae*^{3c}. Assinou mais de 65 artigos científicos e de dois livros — *Sistemática de angiospermas do Brasil* (três volumes) e *A morfologia dos frutos e sementes de dicotiledôneas brasileiras aplicada à sistemática* —, os quais se tornaram bibliografia obrigatória nos cursos de botânica do Brasil. Em 1997, virou destaque em carro alegórico da escola de samba Unidos da Tijuca, cujo enredo homenageou os 189 anos do JBRJ. Recebeu a Medalha Millennium Botany Award durante o XVI Congresso Internacional de Botânica (1999), e tornou-se membro da Academia Brasileira de Ciências no ano em que faleceu.

¹Em 1974, o Conselho Nacional de Pesquisas passou a se chamar no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

²Roberto Burle Marx (1909-1994), Dimitri Sucre Benjamin, Margaret Mee (1909-1988).

^{3a} caiaipiá-da-cana, ^{3b} maria-preta e ^{3c} pata-de-vaca.



“Não escrevo dissonante para ser moderno. De maneira nenhuma. O que escrevo é consequência cósmica dos estudos que fiz, da síntese a que cheguei para espelhar uma natureza como a do Brasil [...] o Brasil que eu palmilhei [...] perscrutando a alma de uma terra”.

Villa-Lobos nasceu em 5 de março de 1887, na cidade do Rio de Janeiro. *“Desde a mais tenra idade iniciei a vida musical, pelas mãos de meu pai, tocando um pequeno violoncelo. Meu pai, além de ser homem de aprimorada cultura geral e excepcionalmente inteligente, era um músico prático, técnico e perfeito. Com ele, assistia sempre a ensaios, concertos e óperas, a fim de habituar-me ao gênero de conjunto instrumental.”* A tia Leopoldina, pianista, apresentou ao sobrinho Tuhu¹ a obra do compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750); Cataguases e Bicas — cidades do interior de Minas Gerais —, as modas caipiras e os tocadores de viola. Estilos que influenciariam a carreira do violoncelista, compositor e regente. O interesse pelo violão veio do choro, apesar da desaprovação dos pais, que consideravam marginais os músicos “chorões”. Aos 14 anos, *“frequentava as rodas boêmias dos chorões de rua e participava dos conjuntos típicos instrumentais de flautas, cavaquinho, pandeiros e violão.”* A brasilidade da música das ruas e praças do Rio de Janeiro também estaria presente, na década de 1920, nas composições intituladas *Choros*, para diferentes conjuntos instrumentais, que mesclam a música urbana a modernas técnicas de composição.

Contratado em 1910 como violoncelista de uma companhia de operetas, passou a compor com mais intensidade. Em 1913, casou-se com a pianista Lucília Guimarães (1886-1966), que realizou as primeiras audições de obras do compositor. A partir daí, Villa-Lobos passou a executar uma série de concertos no Rio de Janeiro, e os jornais a publicar críticas contra a modernidade da sua música. Durante participação na Semana de Arte Moderna², entrou no palco de casaca e chinelo — por conta de uma crise de gota. Alguns acharam se tratar de uma manifestação “futurista”. Obteve uma bolsa do governo de São Paulo e seguiu para a Europa. A partir de 1923, começou a compor músicas com sotaque de um Brasil complexo, de contradições, florestas, assobios, danças e índios. Entre 1930 e 1945, dedicou-se às *Bachianas Brasileiras*.

Em 1956, o deputado federal Gabriel Passos (1901-1962) apresentou à Câmara de Deputados projeto de criação do Museu Villa-Lobos, “destinado a conservar tudo quanto possa lembrar a pessoa do maestro”. Villa-Lobos reagiu: *“Museu é coisa para gente morta, e eu estou bem vivo. Parece até que me querem arquivar; que me julgam incapaz de produzir mais alguma coisa. Pois estão muito enganados. Sinto-me forte como nunca, e inspiração não me falta para continuar produzindo a minha música. Criar músicas é meu ofício, minha vida, minha alegria. Nada de museus”.* Alguns anos depois, em junho de 1960, o presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976) criou o Museu Villa-Lobos com a finalidade de cultuar a memória do compositor.

Villa-Lobos compôs mais de mil obras, entre óperas, concertos para violão, piano e violoncelo, 12 sinfonias, fantasias, canções, música sacra e de câmara. *Uirapuru* é uma das suas grandes obras. A peça musical, que apresenta combinações de sons típicas e marcantes do compositor, conta a história de um pássaro — o uirapuru — que se transforma em um belo índio adorado por todas as índias. Outro índio, enciumado daquela adoração, flecha o galanteador, que volta a ser pássaro e torna-se invisível. Dele se passou a ouvir apenas o canto, que também desaparece no silêncio da floresta.

¹Apelido de Villa-Lobos na infância.

²Semana de Arte Moderna, realizada no período de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo, foi um movimento artístico de vanguarda que buscava a identidade da arte nacional com a incorporação de elementos característicos da cultura brasileira, propondo uma ruptura com a estética anterior enraizada na maioria das opiniões.



“O crítico fatalmente terá que evoluir constantemente, pois, a cada novo espetáculo, a cada novo texto, terá enriquecido sua experiência estética pessoal [...] porque ama o teatro, o crítico se torna crítico, mas há de amá-lo sem pieguices extremas, há de amá-lo com exigência, com a observação severa dos critérios estéticos definidos, pois só assim o crítico poderá fazer aquilo que tem por obrigação acima de todas as coisas: servir ao teatro no sentido de seu aprimoramento artístico consciente, no sentido de sua existência viva dentro da realidade de uma época.”

Bárbara Heliodora¹ nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 29 de agosto de 1923. Do pai — tricampeão carioca de futebol pelo Fluminense Futebol Clube e historiador autodidata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro —, herdou a paixão pelo esporte. Da mãe, poetisa — uma das fundadoras da Casa do Estudante do Brasil² e tradutora de *Hamlet* — o gosto pela literatura, pelo teatro e, aos 12 anos, o volume de obras completas de William Shakespeare (1564-1616), no original em inglês. “*Lia com um esforço... [...] É claro que eu não entendia tudo [...] algum inglês eu já tinha e catava um pedacinho aqui, outro ali.*” Cresceu gostando também de futebol e frequentando a piscina do Fluminense: “*Eu nadei pelo Fluminense, mal, mas nadei.*” Também praticou esgrima. Ingressou no curso de línguas anglo-germânicas da Faculdade Nacional de Filosofia³ no início dos anos 40. No segundo ano, conseguiu uma bolsa para estudar literatura inglesa no Connecticut College, nos Estados Unidos.

“*Eu fui fazer crítica por acaso. Tinha casado, tinha minhas filhas, depois me divorciei. E havia uma parte do teatro que eu não conheci, que era o ensaio. Então comecei a frequentar o Tablado, para ver Maria Clara Machado (1921-2001) dirigir [...]. Aí vagou [em 1957] a posição de crítico da Tribuna da Imprensa.*” Entre 1958-64, assinou coluna especializada em teatro no *Jornal do Brasil*. Ao lado de outros críticos, criou o Círculo Independente de Críticos Teatrais, um esforço de modernização da crítica teatral carioca, mais agressiva e menos complacente, disposta a formar público por meio de textos e cursos. Em 1964, nomeada para dirigir o Serviço Nacional de Teatro, parou de escrever críticas. Chegou a dar aulas de teatro para censores. Em 1967, passou a ensinar no Conservatório Nacional de Teatro⁴. Como professora de literatura dramática e história do teatro, formou uma geração de atores, diretores e técnicos. Na Universidade de São Paulo — onde também lecionou — defendeu a tese *A expressão dramática do homem político em Shakespeare* (1975), transformada em livro. Em 1986, voltou a exercer a crítica jornalística na revista *Visão*, depois no jornal *O Globo*, onde permaneceu até 2013.

Ao longo da sua carreira acadêmica, foi respeitada como uma das principais especialistas na obra de Shakespeare, e admirada pela sua capacidade de cativar o público em salas de aula, ensaios de textos dramáticos, entrevistas e conferências. “*A minha reação quando as pessoas dizem assim: 'por que você gosta de Shakespeare?' Eu digo, você já leu? Porque eu acho que basta ler para gostar.*” Como crítica teatral, era temida por diretores e atores, enfrentou polêmicas e muitos desafetos — chegando a ser barrada na porta de teatros —, atraindo a ira provocada pelo sentimento de injustiça de criticados inconformados. “*Eu nunca destruí um espetáculo [...] o meu elogio pode levar muita gente ao teatro, mas a minha crítica mais dura nunca tirou ninguém do espetáculo [...]. A minha obrigação é expressar a minha reação pessoal àquilo que eu vejo, porque é pra isso que eu sou paga [...]. A minha função é a de observar. O crítico é um espectador informado. A crítica faz parte do ciclo total da criação artística.*” Questionada se seria capaz de criticar o seu time, se fosse analista de esporte: “*Eu acho que sim [...]. Hoje em dia todo munda fala do gol de placa, mas eu vi o gol de placa, 'O' gol de placa, que foi um gol do Pelé [no Fluminense]. Ele pegou a bola na área do Santos, driblou oito jogadores do Fluminense e fez o gol. E a torcida do Fluminense levantou-se e aplaudiu.*”

Bárbara Heliodora escreveu vários livros sobre teatro e Shakespeare. Também traduziu vários escritores renomados. Para comemorar os 400 anos da morte de Shakespeare, a editora Nova Aguilar lançou *William Shakespeare - Teatro Completo* (2016). Os três volumes da obra reúnem 38 peças traduzidas por Heliodora. “*Eu adoro teatro. A quantidade de coisas horríveis que um crítico vê, se não gostasse muito, desistia [...]. Sou exigente porque vivi bastante para ver teatro muito bom e sei o que pode significar [...]. Eu sou fã do talento humano. Eu nasci para ser público. Eu adoro ver uma coisa boa.*”

¹Pseudônimo usado por Heliodora Carneiro de Mendonça.

²Primeira entidade estudantil de âmbito nacional que visava à assistência social aos estudantes e à promoção de obras e atividades culturais.

³Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

⁴Atualmente, Escola de Teatro do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).



“Êsses mounds' continham inúmeros potes de barro, revestidos de riquíssimas decorações, gravadas, pintadas e modeladas. Os ossos humanos encontrados dentro dessas peças [...] eram urnas funerárias [...] apenas para abrigar os ossos num enterramento secundário, posterior ao que se efetuara imediatamente após a morte, a fim de libertar os ossos — cuja perpetuação pretendiam assegurar — numa rápida decomposição das carnes, postas em contato direto com a terra.”

Heloísa Torres nasceu em 17 de setembro de 1895, na cidade do Rio de Janeiro. O pai, graduado em ciências jurídicas, foi deputado federal, presidente do Estado do Rio de Janeiro (1897-1900) e ministro do Supremo Tribunal Federal (1901-1909). Heloísa cresceu em colégios internos na Inglaterra. De volta ao Brasil, viveu rodeada de intensa atividade intelectual. Aos 22 anos, com a morte do pai, decidiu estudar antropologia. Procurou, no Museu Nacional², o professor Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) — médico, antropólogo, etnólogo, ensaísta e radialista —, cuja amizade e influência intelectual foram fundamentais para a sua carreira profissional. Estagiária do Laboratório da Seção de Antropologia e Etnografia do museu, colaborou em estudos sobre os tipos antropológicos da população brasileira. Tornou-se professora do Museu Nacional em 1925, e realizou expedições a sítios arqueológicos em São Paulo e Minas Gerais. Passou a integrar o grupo de pesquisadores do museu em 1930. Os resultados das escavações arqueológicas realizadas durante a primeira excursão à Ilha de Marajó, Pará, foram publicados no livro *Arte indígena na Amazônia* (1940). Heloísa guardou o caderno de campo dessa viagem, no qual se encontram mapas, expressões idiomáticas regionais referentes a animais, comidas, peixes, observações acerca da cultura local, relatos de superstições e registros sobre as escavações e o acondicionamento do material cerâmico levado para as coleções museológicas. Tornou-se diretora do museu (1938), nomeada pelo então presidente Getúlio Vargas (1882-1954). Criou a Seção de Extensão Cultural — estruturada em três serviços: de Exposições, de Publicações e de Assistência ao Ensino, este com o objetivo de divulgar conhecimentos científicos e estratégias de ensino dos saberes científicos — e promoveu concursos públicos para ingresso de novos pesquisadores em antropologia, botânica, geologia e zoologia. Criticou as condições de trabalho no museu, que atuava com apenas 22 naturalistas e técnicos para pesquisar todo o país e organizar exposições. Para Heloísa, os principais problemas não eram o pequeno número de cargos disponíveis e os baixos salários dos cientistas, mas a falta “de uma política segura no terreno de ciências naturais e antropológicas [...] e de um inquérito a ser levado a efeito em toda a extensão do território nacional, sobre as condições desses ramos de saber [...] e através de todos os tempos, desde que o Brasil é Brasil.”

“Muita gente pensa que os museus se destinam apenas a colecionar objetos ou peças, prepará-los, conservá-los e expô-los ao público [...]. Os museus de ciência, especialmente, são hoje em dia [...] instituições que se dedicam também à pesquisa científica [...]. Num trabalho silencioso e que passa despercebido à maioria das pessoas, dentro dos museus, equipes de cientistas, pesquisadores, especialistas estão continuamente se esforçando para descobrir, em estudo acurado e persistente, as grandes leis da natureza.” Após deixar a direção do museu (1955), Heloísa Torres exerceu funções no Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1938) e no Conselho Nacional de Proteção aos Índios (1939) — ao lado de Darcy Ribeiro (1922-1997) —, e na concepção da Associação Brasileira de Antropologia (1955). Substituiu Gilberto Freyre (1900-1987) na cátedra de antropologia social na Universidade do Distrito Federal³. Inspirou a heroína do romance *No Pacoval de Carimbé*⁴, no qual a protagonista — uma jovem cientista, de aguda inteligência e tenaz força de vontade — lidera uma expedição cheia de percalços à Ilha de Marajó no início de 1930.

Heloísa Torres faleceu em Itaboraí, cidade natal de seu pai. O Solar da Praça — que completou 200 anos em 2010 e serviu de pousada a Dom Pedro I (1798-1834) e Dom Pedro II (1825-1891) —, antiga residência da família e onde ela viveu seus últimos anos, foi doado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e transformado na Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres. O espaço, guardião da memória e da cultura de Itaboraí, abriga acervo que inclui parte dos estudos realizados pela antropóloga, livros raros e correspondências.

¹Expressão inglesa usada para descrever jazidas (sítios arqueológicos) contendo inúmeros objetos em barro de populações desaparecidas.

²O Museu Real foi criado por meio de decreto do rei Dom João VI em 6 de junho de 1818. A partir de 1892, o Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista — primeira residência da família real portuguesa — passou a abrigar o Museu Nacional de História Natural — primeira instituição museológica e de pesquisa do Brasil. Em 1946, foi incorporado à Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro).

³A Universidade do Distrito Federal foi extinta em 1937 e seus quadros incorporados à Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, criada em 1939. A Universidade do Brasil, por sua vez, passou a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro (Lei nº 4.831/1965).

⁴ÁVILA, José Bastos de. *No pacoval de Carimbé*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933. 224 p.



"Estou bem consciente dos muitos defeitos d'este trabalho. Além da própria imperfeição, alguns d'elles já provêm da dificuldade de conciliar as exigências da sciencia pura com as necessidades do leitor, amador da natureza mas sem instrução estrictamente scientifica [...]. Se terei conseguido, a pesar d'isto, estimular um ou outro dos leitores a emprehender investigações próprias e a colaborar no campo tão rico e tão interessante da ornithologia sulamericana, não julgarei perdido o tempo dedicado a este livro [Catálogo de Aves Amazônicas]."

Emília Snethlage — como assinava os artigos publicados no Brasil — nasceu em 13 de abril de 1868, em Kraatz¹, ao norte de Berlim, Alemanha. Com a morte da mãe, ela e os três irmãos foram educados em casa pelo pai, um pastor luterano. Aos 21 anos, começou a trabalhar como preceptora na Alemanha, Inglaterra e Irlanda. Dez anos mais tarde, inscreveu-se na Universidade de Berlim para estudar história natural. Foi uma das primeiras mulheres a frequentar a universidade na Alemanha. Estudou em Berlim, Jena e Freiburg, tornando-se doutora em ciências em 1904. No ano seguinte, tornou-se assistente de ornitologia no Museu de História Natural de Berlim.

Ao mesmo tempo, no Brasil, o auxiliar de zoologia do Museu Paraense² desentendeu-se com o diretor do museu, Emílio Goeldi (1859-1917). Para substituí-lo, Goeldi recorreu à sua rede de contatos na Europa. Foi assim que Snethlage soube da vaga que exigia formação em ciências naturais — especialidade ainda inexistente no Brasil — e “probidade científica”. Aos 37 anos, ela tinha a perspectiva de uma carreira sólida em museus alemães. Na Amazônia, fazia pesquisas de campo. Contudo, poderia manter contato com instituições, periódicos — por exemplo, o *Journal für Ornithologie* — e especialistas europeus, por meio de correspondência e viagens. “Ao assumir em agosto de 1905 as funções de auxiliar de zoologia do Museu Paraense, fui encarregada pelo Prof. Dr. E. A. Goeldi, director do Museu e meu chefe de secção n'aquelle' tempo, de principiar logo os trabalhos preparatórios para a edição de um catalogo da avifauna amazônica, tendo por base principal as collecções de pelles de pássaros conservadas no próprio Museu [...]”³

Realizou várias expedições científicas pela Amazônia para coletar espécimes, principalmente de aves. Dentre suas viagens, teve destaque a travessia entre os rios Xingu e Tapajós (1909), durante a qual ela contou apenas com a companhia de indígenas. “A região [...] é até agora uma das menos conhecidas da América do Sul. Os cursos médios d'estes dois grandes tributários do Amazonas só foram explorados na última parte do século passado. [...] parti da capital a 11 de outubro de 1908 e cheguei a 19 do mesmo mez ao ponto terminal da navegação a vapor no Rio Tapajoz ao pé da primeira cachoeira [...]. Muitos destes índios tinham comsigo um verdadeiro jardim zoológico. Macacos pregos ou coatás occupavam a extremidade da popa, e dos lados da tolda sobresahiam varas de páo com araras, papagaios e periquitos de diversas qualidades.”³

Em 1914, Emília Snethlage tornou-se diretora do museu, sendo a primeira mulher a dirigir uma instituição científica na América do Sul. Com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, foi afastada do cargo em 1918, sendo reintegrada no ano seguinte. Em 1922, aceitou o convite para trabalhar como naturalista viajante do Museu Nacional de História Natural, no Rio de Janeiro. Foi a segunda mulher a se tornar membro da Academia Brasileira de Ciências (1926). Faleceu em Rondônia, durante uma expedição científica. Snethlage também virou personagem de livro. *Os igaraúnas*⁴, obra que mistura ficção e realidade, destaca a presença dos naturalistas na Amazônia, registrando as riquezas da fauna e da flora. A personagem Emília é cientificista em seus diálogos: “Não se assuste, disse ela. A jaquiranaboia sempre foi inofensiva. É talvez o melhor símbolo da Amazônia. [...] julgada venenosa pela maioria dos escritores que vêm repetindo as mais sisudas asneiras deste trecho do planeta, é apenas uma cigarra esquisita porém tão foliona como as outras, que vivem a cantar e a estridular.” Helmunt Sick (1910-1991), naturalista que participou da Expedição Roncador-Xingu — coletando material zoológico e botânico para o Museu Nacional e Jardim Botânico do Rio de Janeiro — escreveu na sua obra *Ornitologia Brasileira* (1984): “Dedicado à Dra. Emilie Snethlage, pioneira na pesquisa de campo de aves no Brasil.”

¹Atualmente Gransee.

²O museu foi fundado em 1866, em Belém, para ser uma das instituições culturais que deveriam divulgar o progresso material e o grau de civilização alcançado pela sociedade paraense. Com o objetivo de reorganizar o museu sob diretriz científica, em 1894 o governador do Pará contratou o zoólogo suíço Emilio Goeldi.

³Foi mantida a grafia original de Snethlage.

⁴RAYMUNDO, Moraes. *Os igaraúnas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1938. 326 p.



“Antes de anoitecer fizemos uma pequena exploração nas imediações do acampamento e encontramos vestígios recentes da presença dos índios: penas de aves, lugar onde estiveram sentados e restos de um porco queixada [...]. Registramos a data do primeiro encontro com os xavantes: 25 de julho de 1945”.

Os Villas Bôas nasceram no interior de São Paulo. Orlando, em Santa Cruz do Rio Pardo, Cláudio e Leonardo, em Botucatu. Funcionários do comércio e do serviço público na cidade de São Paulo, em 1943, disfarçados de sertanejos analfabetos¹, inscreveram-se para integrar a Expedição Roncador-Xingu — criada pelo governo federal com o objetivo de desbravar áreas desconhecidas e desabitadas do Centro-Oeste e da Amazônia, para abrir pistas de pouso que serviriam de estações meteorológicas, de bases radiotelegráficas para integração das redes de comunicação nacionais e de ponto de aterrissagem de emergência para aviões nas rotas para Manaus, Lima e Miami. *“Só tínhamos a nossa vida de homens do interior. Embora morássemos numa cidade grande, nossa formação era típica de interior. Estávamos empolgados com o que íamos ver no sertão.”*

“Um dia nós fomos denunciados como alfabetizados. Eu passei a ser o secretário da base; Cláudio, o chefe do departamento de pessoal; e Leonardo de almoxarifado. Nós aceitamos essa função burocrática com a promessa de que nós seguiríamos com a vanguarda da expedição”. À medida que a expedição avançava, os irmãos revelavam liderança e interesse pelos índios. Mesmo sem formação antropológica, desenvolveram habilidades para estabelecer contato e amizade com os indígenas que encontravam pelo caminho: “Essa área considerada em branco não era uma área desabitada, era habitada por uma outra gente, que tinha um direito muito maior do que nós, invasores”. No rastro da expedição, ficaram 1.500 km de picadas abertas, novos rios explorados, localização do centro geográfico do Brasil às margens do rio Xingu, 18 aldeias indígenas assistidas, 42 novas vilas e cidades, 19 campos de pouso, dos quais quatro tornaram-se bases militares de controle do tráfego aéreo.

*“Rondon achava que os índios deveriam participar da vida nacional.” Em 1953, Orlando, Darcy Ribeiro (1922-1997) e Heloísa Torres (1895-1977), com o apoio do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958) e do sanitarista Noel Nutels (1913-1973), apresentaram ao governo a proposta de criação da primeira área protegida destinada aos “índios de cultura pura”, que deveriam ser preservados das frentes de expansão econômica que estavam sendo inauguradas na região. O Parque Nacional do Xingu² nasceu em 1961 — mesmo ano da morte de Leonardo Villas Bôas — depois de campanha de oito anos pela sua demarcação, com área aproximada 22 mil km². *“Foi uma bela experiência. Porque a política indigenista brasileira era simplesmente a da integração do índio à sociedade brasileira. Então, no Xingu, nós iniciamos algo diferente, ou seja, a demonstração de que o índio só sobrevive em sua própria cultura.”**

Orlando e Cláudio viveram mais de 30 anos nas matas que vão do rio Xingu ao Tapajós. Escreveram vários livros, dentre eles *A Marcha para o Oeste* (1995) — ganhador do Prêmio Jabuti de melhor livro-reportagem: *“Não queríamos que a região do Brasil Central morresse sem história”*. Em 1967, ambos receberam a medalha de ouro da Royal Geographic Society por suas explorações no Estado de Mato Grosso.

¹O propósito dos organizadores da Expedição Roncador-Xingu era contratar gente acostumada com o sertão. Supunham que sertanejos e analfabetos eram a mesma coisa e “que o analfabeto era mais resistente”.

²Decreto nº 50.455/1961. Com a publicação do Decreto nº 82.263/1978, passou a denominar-se Parque Indígena do Xingu.



“A riqueza de nossa 'entomofauna' é incrível. Pesquisas preliminares em regiões de florestas tropicais mostram que há um número impressionante de insetos desconhecidos. [...] Continuamente encontramos espécies ainda não descritas, pois não há levantamento sistemático de nossa fauna e flora.”

Padre Moure nasceu no dia 2 de novembro de 1912, em Ribeirão Preto, São Paulo, dois meses após a chegada de seus pais ao Brasil. O pai, engenheiro, deixou a região da Galícia, na Espanha, para trabalhar na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. *“O primeiro estímulo que recebi no campo das ciências naturais veio de um professor do grupo escolar, chamado pela meninada de Bigodinho de Arame. [...] ele nos levava ao bosque de Ribeirão Preto para colher flores, bichinhos, pedras, e nos dava muitas explicações. Era o melhor dia da semana.”* Formou-se em filosofia e ciências naturais no Seminário Claretiano de Rio Claro. Estudou latim, grego, francês e espanhol. *“Comecei [...] a coletar insetos quando já estava cursando filosofia [...]”. A chácara dos claretianos era um lugar excepcional. Havia ali uma quantidade impressionante de insetos. Havia noites em que pequenos insetos conhecidos por 'tesourinha' chegavam a cobrir todo o teto da sala de estudos.”* Em 1933, começou a cursar teologia no Seminário Claretiano de Curitiba. Foi ordenado padre em 1937.

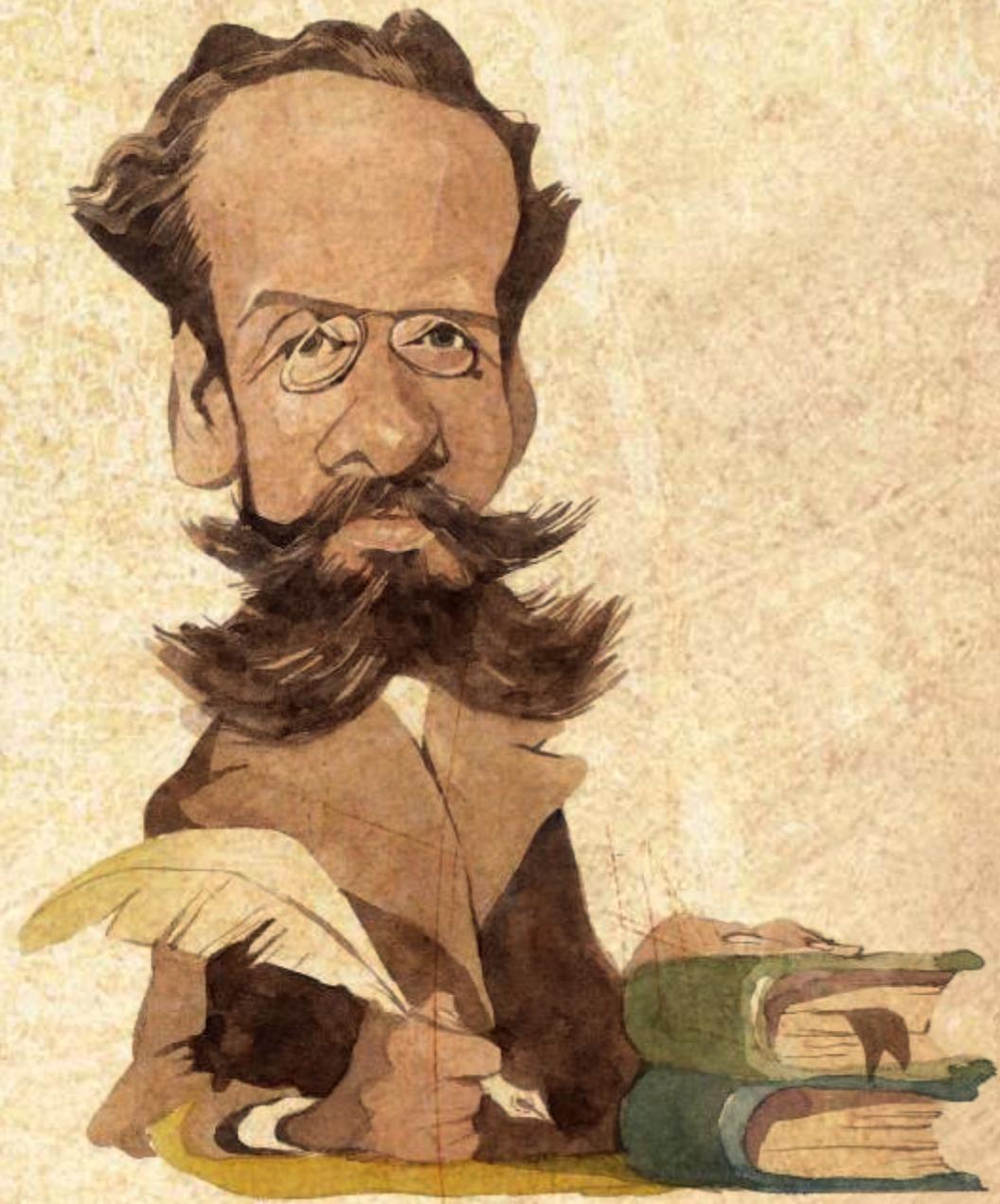
“Fui [...] nomeado professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Curitiba, em 1938, ano de sua fundação. Convidaram-me para dar aulas de história natural.” Mais tarde, a faculdade integrou-se à Universidade do Paraná¹, e Moure associou-se ao Museu Paranaense, do governo estadual. Mantinha contato com o entomologista Frederico Lane (1901-1979), do Museu Paulista. Passou a auxiliá-lo em traduções de textos em latim, e publicou seus primeiros artigos, a respeito de besouros. Sua aproximação com as abelhas se deu em 1940, quando Lane sugeriu que ele estudasse a coleção do museu. *“Segundo ele, ninguém ainda havia estudado esses animais na América do Sul. Achamos então que poderia ser um bom começo.”* Ao longo da década de 1940, estabeleceu uma rede de contatos, correspondendo-se com zoólogos da Universidade de São Paulo e do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Entre 1952-54, dirigiu o Museu Paranaense, modernizando a gestão e transformando a biblioteca em referência nacional na área de ciências naturais. Sua primeira longa viagem ao exterior foi em 1956, aos Estados Unidos. *“Sofri grande impacto ao chegar à Universidade de Kansas. Apesar de pequena, essa universidade era absolutamente diferente daquilo que se dizia ser universidade no Brasil.”* Com recursos recebidos da National Science Foundation, visitou vários museus europeus que mantinham coleções de abelhas neotropicais. *“Quando voltei da Europa [...], o Museu Paranaense havia sido desligado da universidade. Com isso, perdi minha biblioteca, minhas coleções, todos os meus instrumentos de trabalho. [...] fiquei tão desesperado que voltei aos Estados Unidos em 1959 [...]. Eles haviam me convidado para trabalhar na Universidade da Califórnia.”* Contudo, um pedido da Fundação Rockefeller o fez retornar ao Brasil.

“No fechamento de represas hidrelétricas têm-se salvado algumas espécies, com grande alarde jornalístico. No entanto, pouco se pensa na possibilidade de um levantamento faunístico sério das áreas a serem inundadas, com o objetivo de preservar exemplares em nossos museus. Mais grave que isso são os desmatamentos e queimadas indiscriminadas com vistas à implantação de grandes projetos agropecuários e estradas, sem o devido acompanhamento científico.” Durante mais de 65 anos, Padre Moure pesquisou as abelhas nativas do Brasil. É considerado um dos maiores taxonomistas² do mundo em abelhas-sem-ferrão da região neotropical. Descreveu cerca de 500 espécies e subespécies de abelhas e catalogou³ outras 12 mil. Em 1961, ingressou na Academia Brasileira de Ciências, sendo agraciado com o Prêmio Costa Lima em 1970 — destinado a quem contribuiu de modo notável para o progresso da entomologia no país. Em 1982, a coleção do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com cerca de 7 milhões de exemplares, passou a chamar-se Coleção de Entomologia Prof. Pe. Jesus Santiago Moure. Aos 90 anos, ainda rezava a missa pela manhã antes de chegar à UFPR, mantendo disposição para viagens, participação em congressos e visitas a coleções e museus. Por fim, decidiu descansar recolhido no convento dos claretianos em Batatais, São Paulo. *“A atitude que sempre tive em relação à natureza é a seguinte: descobrir como é que as coisas se fazem de acordo com a lei de Deus. E a lei de Deus é a lei da evolução correndo no tempo.”*

¹A Universidade do Paraná passou a se chamar Universidade Federal do Paraná (Lei nº 1.254/1950).

²A taxonomia é a ciência da classificação. O taxonomista cuida da descrição, identificação, agrupamento e catalogação dos seres vivos de acordo com as suas características morfológicas.

³Catálogo de Abelhas Moure (2007). Disponível em: <http://moure.cria.org.br>.



“Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto. [...] cousas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver cousas miúdas, cousas que escapam ao maior número, cousas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam.”

Machado de Assis nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839. Cresceu no Morro do Livramento, na chácara dos Barroso Pereira. “Uma espécie de vila ou fazenda, onde os dias [...] pareciam-se uns com os outros; [...] pequeno mundo.” Da capela no alto do morro — “às pessoas da vizinhança, que ali iam ouvir missa aos domingos, ou rezar a ladainha aos sábados. [...] em geral pobres, de todas as idades e cores” —, dava para ver parte das ruas estreitas e sujas da capital do Império, o Valongo e a baía de Guanabara, cercada por belezas naturais. Ainda criança, perdeu a única irmã — vítima de epidemia de sarampo — e a mãe. Em 1854, publicou seu primeiro soneto no *Periódico dos Pobres*. A infância pobre não permitiu que frequentasse regularmente a escola, mas aprendeu francês — não se sabe exatamente como. Em 1856, trabalhando na tipografia de Francisco de Paula Brito (1809-1861), fundador da Sociedade Petalógica, conheceu vários escritores e passou a colaborar com os principais jornais e revistas do Rio, tornando-se repórter parlamentar e escritor conhecido, com posição e opinião. “Peço aos deuses — também creio nos deuses — que afastem o Brasil do sistema republicano, porque esse dia seria o do nascimento da mais insolente aristocracia que o sol jamais alumiou.” Em 1869, casou-se com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais (1835-1904), irmã de um amigo poeta. “Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.” A morte da esposa inspirou o antológico soneto *A Carolina* (1906). O primeiro romance, *Ressurreição*, foi publicado em 1872. A carreira de funcionário público começou em 1867, no *Diário Oficial*. Em 1873, nomeado para o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, chefiou a seção encarregada dos assuntos de política de terras e escravidão, incumbida de acompanhar a aplicação da Lei do Ventre Livre¹. Em 1881, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado abandonou o romantismo da primeira fase de sua obra para dar início ao realismo no Brasil. “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas.” *Dom Casmurro*, outra obra marcante, é de 1899. “Machado de Assis foi aluno assíduo dos escritores da língua portuguesa, mas [...] faltando-lhe meios para comprá-los, lia-os de empréstimo, como assinante do [Real] Gabinete Português de Leitura.”² Participou da fundação da Academia Brasileira de Letras, à qual presidiu por mais de 10 anos. Viúvo solitário, sofrendo com dores e ataques epiléticos, ainda assim publicou mais três livros e uma peça de teatro. “Não se compreendia que uma vida que tanto viveu as outras vidas [...] que uma vida de tal porte desaparecesse no meio de tamanha indiferença, num círculo limitadíssimo de corações amigos. [...]”³. Foi sepultado junto à Carolina, no Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro.

O mulato de origem humilde que quase nunca saiu do Rio — “mas o escritor carioca sempre viajará ao estrangeiro, mas pelos navios da leitura. Dessas impressões de viagem retira o material que empresta aos elaborados personagens complexos que inventa”⁴ — tornou-se uma das vozes mais celebradas da literatura mundial. Observador, “ao contar suas histórias, escreveu e reescreveu a história do Brasil do século XIX”⁵, tendo como cena sua cidade natal. “A rua do Ouvidor resume o Rio de Janeiro. [...] O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloquente que exprime todos os sentimentos e todas as ideias.” Machado testemunhou as grandes mudanças e os principais acontecimentos políticos que marcaram o Brasil. “Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu, o mais encolhido dos caramujos [...]. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto [...]” Cético quanto à transformação do país em uma sociedade igualitária, na sua obra representou as tramas para se manterem privilégios e a exclusão, fazendo com que pobres, escravos e forros sempre lembrassem de sua inferioridade social. “Nada se mudaria; o régimen, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele.”

¹Lei nº 2.040/1871.

²ALENCAR, Mário de. Notas de leitura de Machado de Assis. Revista da Academia Brasileira de Letras, v. 1, Rio de Janeiro, 1910.

³CUNHA, Euclides. A última visita. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 30 set. 1908.

⁴SANTIAGO, Silvano. Machado: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 354.

⁵CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis: historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 17.



“Hoje posso afirmar, com toda a honestidade, que só permaneci 34 anos neste 'métier' porque encontrei arquitetos que me trouxeram problemas novos, desafios inéditos, obrigando-me a encontrar soluções bonitas e ousadas. Se tivesse que continuar com as soluções da arquitetura tradicional, teria abandonado os cálculos há muito tempo.”

Joaquim Cardozo¹ nasceu em 26 de agosto de 1897, no subúrbio do Recife, Pernambuco. Aos 12 anos, a família se mudou para Jaboatão. Com os colegas do Ginásio Pernambucano — escola reconhecida pela boa qualidade de seus professores —, editou um jornal no qual publicou seu primeiro conto — *Astronomia alegre* (1913). Publicou suas primeiras caricaturas e charges em 1914. “Os primeiros salários que obtive em minha vida foram, aos 17 anos, como caricaturista do jornal *Diário de Pernambuco*. Abandonei essa profissão para fazer o curso de engenharia civil.” Ingressou na Escola Livre de Engenharia de Pernambuco² em 1915, mas só concluiu sua formação em 1930. Foram várias interrupções durante as quais prestou serviço militar (1918-19) e trabalhou como topógrafo nos arredores do Recife e no mapeamento do litoral nordestino.

Na Comissão Geodésica do Recife (1920-24), trabalhou com topografia, irrigação e perfuração de poços. Em 1923, passou a frequentar o Café Continental, ponto de encontro de jornalistas, poetas, escritores e artistas. Na *Revista do Norte*, da qual Cardozo foi ilustrador e editor, publicou seus primeiros poemas, como *Recife morto*. A revista, “ligada às manifestações livres do espírito [...] produziu talvez, na época, as mais belas páginas da arte de impressão do Brasil”, congregou importantes intelectuais e artistas, como Gilberto Freyre. Formado engenheiro civil, começou a fazer cálculos estruturais de obras do Governo de Pernambuco. “[...] fui convidado a lecionar na Escola de Engenharia, onde obtive meu diploma de engenheiro e também dei lições na Escola de Belas Artes”. Mudou-se para o Rio de Janeiro (1940), onde trabalhou no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional com Lúcio Costa e Burle Marx. Tornou-se parceiro de Oscar Niemeyer e fez os projetos estruturais do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (Monumento dos Pracinhas) e do ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho). Na sequência, ambos trabalharam no Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha e no Conjunto Governador Juscelino Kubitschek (Edifício JK), em Belo Horizonte; no Parque do Ibirapuera, em São Paulo; nos palácios e na Catedral Metropolitana, em Brasília. “Não visualizo qualquer incompatibilidade entre a poesia e a arquitetura. As estruturas planejadas pelos arquitetos modernos são verdadeiras poesias. Trabalhar para que se realizem esses projetos é concretizar uma poesia.”

Em fevereiro de 1971, o Pavilhão da Gameleira, em Belo Horizonte — projeto de Niemeyer e calculado por Cardozo —, desabou, provocando a morte de 68 operários. Cardozo confirmou os cálculos que fez para a estrutura de concreto da obra e apontou a pouca solidez do solo como causa do desastre. “Uma estrutura não cai por erro de cálculo. O cálculo é apenas uma aproximação da realidade”. Foi absolvido pela Justiça. A tragédia, o inquérito e o processo judicial levaram-no à depressão. Fechou seu escritório de engenharia e encerrou sua atividade de calculista. “A vida está toda vivida.”

Solteiro e introspectivo, viveu durante muitos anos na companhia de uma empregada doméstica e de um gato. “Já vivi mais só. Houve um tempo em que não tinha gato nem empregada.” O nome de Joaquim Cardozo — “homem de cristal e aço” nas palavras de Jorge Amado — está ligado a mais de 100 edifícios e monumentos da arquitetura moderna brasileira. Tornou-se uma das personalidades do Circuito da Poesia, em Recife. Nas vozes de outros poetas: “A fusão de um rigor matemático com a expressão simples e arejada das coisas do Brasil”^{3a}, “Poeta de muita poesia e poucos versos [...] um poeta do modernismos [...] sensível às coisas e aos homens, capaz de aprender, no vulgar, o poético e de revoltar-se contra a injustiça e a arbitrariedade”^{3b}, “Possivelmente uma das figuras mais importantes da minha época [...] um homem que vivia entre livros.”^{3c}.

¹O sobrenome com “z” passou a ser usado por Joaquim a partir de 1925.

²Atualmente, Escola de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco.

^{3a}Carlos Drummond de Andrade, ^{3b}Ferreira Gullar, ^{3c}Roberto Burle Marx.



“Os geneticistas fazem genética, os agrônomos, agronomia, e não há nada intermediário. Talvez um dos segredos de nosso sucesso tenha sido o de procurar conciliar o pessoal da bioquímica e da genética com os agrônomos, tentando fazer uma ponte entre as disciplinas.”

Johanna Lisbeth nasceu em 22 de novembro de 1924, em Aussig¹, pequena cidade localizada nas montanhas entre a Tchecoslováquia (República Checa), Polônia e Alemanha. Cresceu em Praga, onde o pai, proprietário de pequena fábrica de produtos químicos para uso agrícola, passou a lecionar na universidade. Nos finais de semana, visitava o sítio dos avós, ajudando-os a cuidar do vinhedo. Os tchecos que falavam alemão foram perseguidos após a Segunda Guerra Mundial. Expulsa de seu país, trabalhou na Alemanha ordenhando vacas, espalhando esterco para adubar a terra em uma propriedade rural que selecionava variedades melhoradas de trigo.

Ingressou na Escola Superior de Agronomia, perto de Munique. “O diploma de agrônomo não valia muito, já que depois da guerra [...] os cursos na Alemanha eram muito fracos [...] não havia laboratórios.” Na Escola, conheceu seu futuro marido, Jürgen Döbereiner, estudante de veterinária. Em 1950, o casal imigrou para o Brasil. “Eu tentei sempre ser o mais brasileira possível, tentei não ser diferente, tentei me ajustar.” Em 1951, conseguiu emprego no Serviço Nacional de Pesquisa Agropecuária². “Eu não sabia de nada, nunca tinha trabalhado em laboratório [...] foi preciso mais de um ano, talvez, para eu aprender o beabá em microbiologia.” Naturalizada brasileira, a pesquisadora dedicou-se a estudar microbiologia do solo. “Quando fui confrontada com a agricultura tropical, eu sempre achei curioso [...] que a grama-batatais, que cresce em todo lugar, permanecesse verde e viçosa sem que ninguém nunca a adubasse com nitrogenados. O mesmo com a cana-de-açúcar, cultivada há séculos sem adubação, mantendo uma certa produção constante.” Bactérias inoculadas na raiz de plantas buscam o próprio alimento usando o nitrogênio do ar, produzindo nutrientes tanto para a planta quanto para si mesmas, dispensando adubação. Essa simbiose é chamada de fixação biológica de nitrogênio.

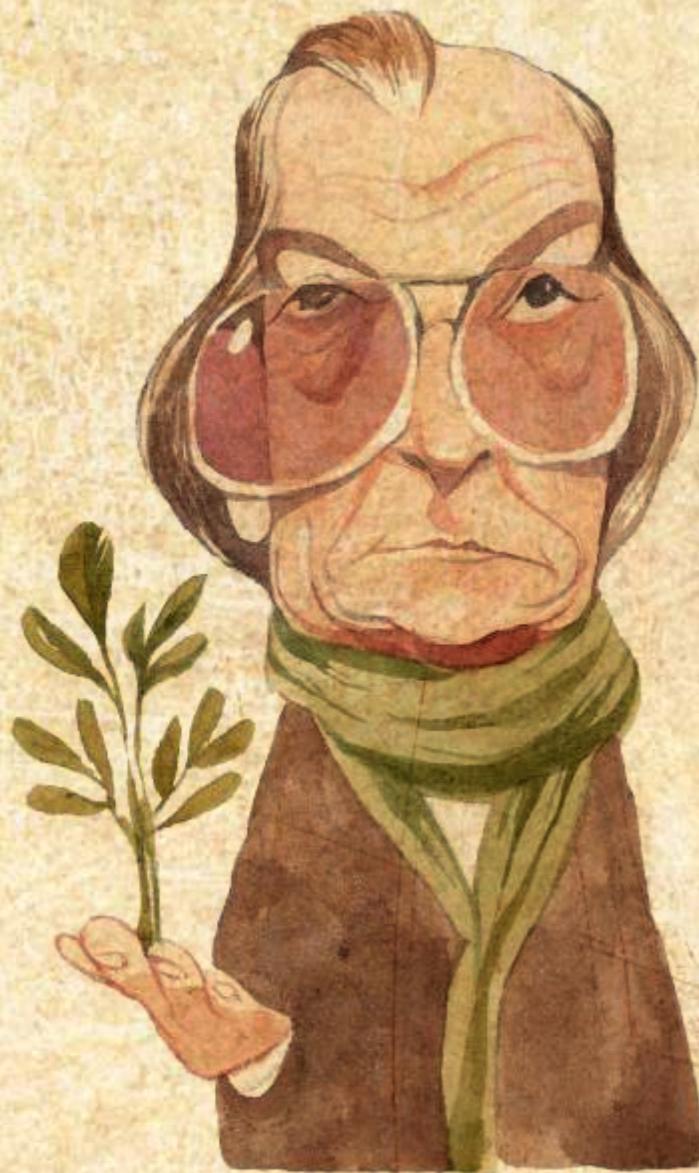
As descobertas de Johanna foram criticadas pela comunidade científica. “O pessoal me gozava, acho que ninguém realmente me levava a sério, porque não existia na literatura qualquer descrição da associação entre bactérias fixadoras do nitrogênio e plantas superiores”. Ela conseguiu adaptar linhagens de uma bactéria às condições da soja brasileira, reduzindo custos de produção e tornando o produto nacional competitivo. O Brasil tornou-se o segundo maior produtor mundial de soja. Outro impacto importante foi a diminuição da poluição dos lençóis freáticos e dos rios por fertilizantes agrícolas. Suas pesquisas também contribuíram para o cultivo da cana e o Programa Nacional do Alcool (Proálcool).

Johanna Döbereiner publicou mais de 350 artigos, orientou dezenas de estudantes de pós-graduação e estagiários, estrangeiros e brasileiros, e virou nome de bactérias fixadoras de nitrogênio. Foi membro da Pontifícia Academia de Ciência do Vaticano (1978), da Academia Brasileira de Ciências, sócia-fundadora da Academia de Ciências do Terceiro Mundo, e indicada ao Prêmio Nobel de Química em 1997. Em maio de 2017, a Embrapa inaugurou o Centro de Recursos Biológicos Johanna Döbereiner³ — estrutura que reúne laboratórios e uma coleção de 3 mil micro-organismos, coletados na natureza, em diferentes regiões do país, com potencial para estimular a fixação biológica de nitrogênio e, consequentemente, aumentar a produtividade das lavouras.

¹A cidade Ústí nad Labem, anteriormente conhecida pelo seu nome alemão, Aussig, localiza-se na atual República Tcheca.

²Incorporado à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) na sua fundação, em 1972.

³Embrapa Agrobiologia, Seropédica, Rio de Janeiro.



“Os fícus [...] criaram um lindo tapete de folhas secas. Esse tapete segura a umidade do solo, mantém o solo poroso e aberto para a penetração da água da chuva e evita a erosão, especialmente na parte mais íngreme do barranco [...]. Esse tapete promove também o desenvolvimento da vegetação arbustiva e rasteira, que dá ainda mais vida ao solo e abrigo à fauna, como corruíras e tico-ticos, lagartixas e insetos. Da janela do meu escritório, alegro-me cada vez que posso observar essa beleza.”

Lutzenberger nasceu no dia 17 de dezembro de 1926, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, filho de imigrantes alemães. Seu pai, engenheiro-arquiteto e artista plástico, chegou ao Brasil em 1920 para trabalhar. A mãe, católica fervorosa, queria que seu primogênito, José Antônio, se tornasse padre. “*Eu devo muito ao meu pai, pois ele era um grande artista. Ele tinha uma incrível capacidade de percepção, de harmonia — eu diria ser a coisa mais importante que ele me deu —, que então levei principalmente para a observação detida e profunda da natureza.*” Formou-se engenheiro agrônomo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1950) e fez pós-graduação em ciência do solo na Louisiana State University, Estados Unidos. Em 1957, contratado por uma indústria química alemã, atuou como assessor técnico e executivo em vários países. Descontente com o desenvolvimento de defensivos agrícolas¹ cada vez mais danosos ao meio ambiente, pediu demissão em 1970. Voltou à sua terra natal, passando a atuar profissionalmente de acordo com a sua convicção naturalista.

Para protestar contra a degradação ambiental e o uso de agrotóxicos, ajudou a fundar a Associação Gaúcha de Proteção Ambiental (1971). “Para Lutzenberger, os morcegos porto-alegrenses, ao contrário do que se supõe, não são vampiros. Com seu fantástico sistema de sonar, saíam à noite apenas para devorar milhares de perigosos mosquitos. *Esses sim, são os verdadeiros problemas sanitários da cidade.*” Tornou-se mais conhecido como Lutz, ativista que influenciou fortemente o movimento ambientalista. Em 1976, lançou o manifesto ecológico *Fim do futuro?*. “*Há gente pensando que a crise ecológica se resume a problemas como a destruição das florestas, a extinção da fauna, a poluição dos rios, ares e mares, e que requer, portanto, soluções meramente legais e científicas. Ora, a crise ecológica tem sua origem em valores completamente opostos às leis da vida.*”

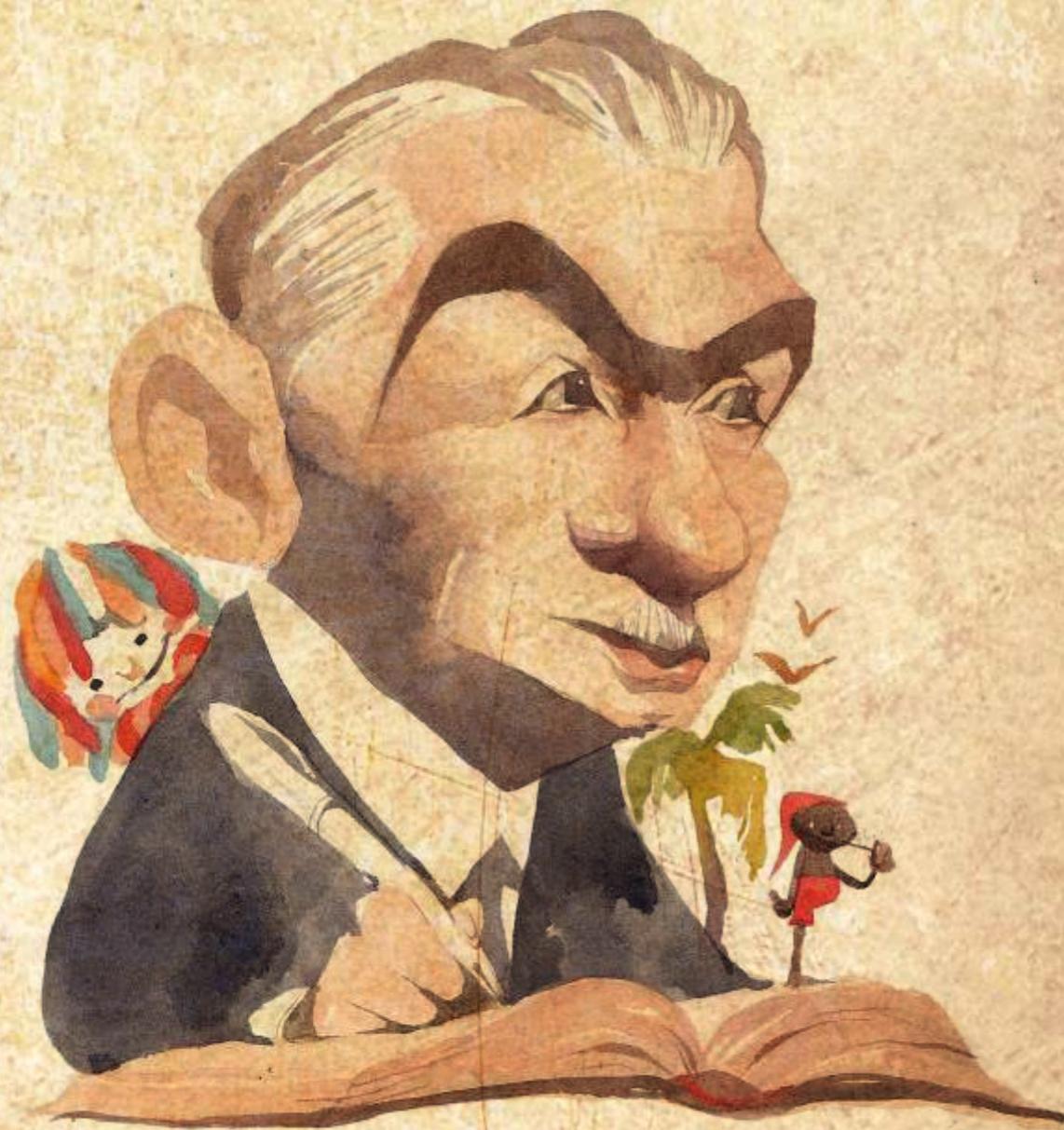
Em 1990, assumiu o comando da Secretaria do Meio Ambiente do Governo Federal. No cargo, sofreu desafetos e críticas, sendo taxado de atrapalhado e excêntrico. “Aquele alemão maluco.” Em 1991, durante viagem oficial do presidente da República à Itália e à Áustria, proibiu as mulheres da comitiva de usarem casacos de pele. Deixou a secretaria pouco antes da realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento — a Eco-92 —, a qual ajudou a organizar. “*Em sã consciência, não poderia recusar [o convite]. Eu nunca quis ser governo. Eu sabia que ia ser uma coisa horrível para mim, e foi [...] grande parte do movimento ambiental se virou contra mim. [...] trabalhei principalmente nos bastidores, falando o mínimo possível.*”

Conferencista internacional, fluente em cinco idiomas, escreveu dezenas de artigos e livros. Em 1987, criou a Fundação Gaia, centro de educação onde desenvolveu sua concepção de cultura ecológica. Primeiro brasileiro a ganhar o Right Livelihood Award² — por sua contribuição à proteção do meio ambiente no Brasil e no mundo —, Lutzenberger foi uma das vozes mais importantes do século XX a insistir na urgência de compreendermos os processos ecológicos e o papel que cada espécie desempenha no equilíbrio da natureza, sobre a qual os humanos interferem com tecnologias poderosas. Contudo, não se preocupava com o futuro do planeta: “*A Terra tem muito tempo*”. Desejava que seu discurso inspirasse novos caminhos e possibilidades de desenvolvimento. “*Faço um apelo a todos que ainda não o fizeram: observem esse aspecto importante e construtivo da Natureza, aprendam a ver a beleza na grande integração do Mundo Vivo.*” Foi sepultado como desejou em vida, envolto em uma colcha de algodão, no Rincão Gaia³, antiga pedreira entre os municípios de Pantano Grande e Rio Pardo. Sobre seu sepulcro, cresce um umbu — árvore símbolo do Rio Grande do Sul. “*Ou nós achamos maneiras de fazer com que a civilização conviva com a criação, ou nós não temos futuro.*”

¹No Brasil, a Lei nº 7.802/1989 dispõe sobre os agrotóxicos.

²Conhecido como Prêmio Nobel Alternativo.

³Área de 30 ha onde foi explorada uma jazida de basalto. A 120 quilômetros de Porto Alegre, o Rincão Gaia, que abriga a sede da Fundação Gaia, é exemplo de recuperação de uma área degradada. No lugar dos antigos buracos das pedreiras, hoje existem lagos rodeados de plantas típicas de ambientes áridos que, junto às rochas, formam jardins. É também habitado por espécies silvestres, como a jaçanã, o martim-pescador, o rato-do-banhado, a lontra, a coruja-das-torres.



“— Ora, se mataram a onça, que era a rainha da floresta, o mesmo farão, com a maior facilidade, a qualquer outro bicho menos forte do que a onça. Estamos pois com as nossas vidas ameaçadas de grande perigo e temos de tomar providências.”

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, em 18 de abril de 1882. Alfabetizado pela mãe, logo se tornou assíduo na biblioteca de seu avô. Acrescentou *Bento* ao nome pois queria herdar a bengala que fora do seu pai, a qual trazia as iniciais J.B.M.L gravadas no topo do castão. Aos 13 anos, foi estudar na cidade de São Paulo, onde a falta de dinheiro, por causa da precariedade dos negócios do pai, não lhe permitiu uma vida confortável: “*Vou à cidade a pé e por um caminho muito longo no qual se sobe uma ladeira porque não tenho 3 vinténs para passar no viaduto*”. Certa vez, na escola, foi reprovado no exame de português. “*Todos colaram, menos eu, que até esqueci de levar pena e papel [...]. E agora, no oral, essa bomba*”. Ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, embora preferisse a Escola de Belas Artes, vetada pelo avô.

Em 1907, chegou a Areias — município pioneiro no cultivo do café no Vale do Parnaíba — em lombo de cavalo para exercer o cargo de promotor público. Já escrevia para jornais e revistas. Casou-se em 1908 e teve quatro filhos. Com a morte do avô, herdou a fazenda Buquira, a qual vendeu para se mudar com a família para a cidade de São Paulo, em 1917. No mesmo ano, publicou o artigo *A propósito da Exposição Malfatti*¹. “*O verdadeiro amigo de um pintor não é aquele que o entontece de louvores; sim, o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura*.” A crítica rendeu-lhe a pecha de reacionário. Em 1918, comprou a *Revista do Brasil*² e publicou seu primeiro livro, *Urupês*, cuja personagem — “*Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!*” — ganhou fama. “*Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, [...] e de vários filhinhos pálidos e tristes*.” O primeiro livro infantil, *A menina do narizinho arrebitado* (1920), deu início à coleção *Sítio do Picapau Amarelo*, que se tornou um clássico da literatura. “*Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar*.” Pioneiro da indústria do livro no Brasil, fundou a editora Monteiro Lobato & Cia (1919) — que logo se transformou na Companhia Gráfico-editora Monteiro Lobato, uma das principais do país, com 142 títulos publicados — e a Companhia Editora Nacional (1925). Em seu único romance para adultos, *O Presidente Negro* (1926), aborda o conflito racial após a eleição de um negro para a presidência dos Estados Unidos, o sexismo, a hegemonia asiática e experimentos científicos semelhantes à clonagem. Entre 1927-30, foi adido comercial em Nova Iorque, Estados Unidos. “*Sinto-me encantado com a América! O País com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! Ninguém andando de costas!*” Deslumbrado com o progresso norte-americano, acreditava que o minério de ferro e o petróleo poderiam alavancar o desenvolvimento do Brasil. Fundou a Companhia Petróleos do Brasil (1932). No livro *O Escândalo do Petróleo* (1936) — censurado pelo governo de Getúlio Vargas (1882-1954) —, expõe as dificuldades para prover o Brasil de uma indústria petrolífera independente. Chegou a ser preso por conta das críticas ao presidente e à política de exploração mineral. Esteve à frente da campanha *O petróleo é nosso*, opondo-se aos chamados “entreguistas”. A campanha terminou com a criação da Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras). As muitas atividades como empresário, no entanto, não renderam riqueza a Lobato, que passou a dedicar-se à literatura.

Servidor público, escritor, empreendedor e ativista político, Monteiro Lobato foi defensor da arte brasileira genuína e autêntica, sem imitações e influências de cultura estrangeiras — “*europizações*” —, e crítico do atraso cultural, da miséria, da corrupção e do subdesenvolvimento do Brasil. Cunhou frases célebres como “*Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê*” e “*Um país se faz de homens e de livros*”. A Lei nº 10.402/2002 institui o Dia Nacional do Livro Infantil, comemorado na data de nascimento do escritor. “*Pela primeira vez na vida — primeira vez não, já falei uma vez — estou falando no rádio. E estou comovido*”³. Dois dias após a entrevista concedida à Rádio Record, em julho de 1948, o *Repórter Esso*⁴ transmitiu: “E agora uma notícia que entristece a todos: acaba de falecer o grande escritor e patriota Monteiro Lobato”.

¹Anita Catarina Malfatti (1889-1964), artista plástica modernista.

²Fundada em 1916 por um grupo do jornal *O Estado de São Paulo*, publicou textos de Monteiro Lobato desde o terceiro número.

³Murilo Antunes Alves (1919-2010) — por sete vezes vencedor do prêmio Roquette Pinto, como melhor repórter do rádio — fez a última entrevista com Monteiro Lobato, em julho de 1948, dois dias antes da morte do escritor.

⁴O *Repórter Esso* — patrocinado pela empresa americana Standard Oil Company of Brazil, conhecida como Esso do Brasil — foi ao ar pela primeira vez no dia 28 de agosto de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, quando anunciou o ataque aéreo da Alemanha à Normandia, na França, durante a Segunda Guerra Mundial.



“Quando eu comecei, na década de 40, havia certa reserva quanto ao cientista que frequentava as colunas de jornais e revistas populares. Hoje essa atitude mudou. Os cientistas já percebem que é importante dar ao público uma satisfação sobre o trabalho que realizam. Eles compreenderam que não podem se fechar, isolar-se em seus laboratórios.”

José Reis nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1907, em família de 13 irmãos. “Na escola, não tive dificuldades em aprender as matérias ensinadas, e tinha grande curiosidade intelectual, o que me levava a procurar estudar além do que o professor apresentava em aula. Desse esforço resultavam cadernos que circulavam entre os colegas.” Estudou em escolas públicas e no Colégio Pedro II, optando pela medicina devido a seu interesse por história natural. Frequentou a Faculdade Nacional de Medicina (1925-30) e complementou a sua formação no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). “A Escola de Medicina [...] só era boa na parte de clínica, que não me interessava. A parte básica era infame. Não aprendi nada lá. Só tive decepções porque os professores das cadeiras básicas não eram especialistas nas matérias.”

O bom desempenho no IOC garantiu-lhe convite para trabalhar como bacteriologista no Instituto Biológico (IB), em São Paulo. No Instituto Rockefeller (1935-36), em Nova Iorque, Estados Unidos, tornou-se especialista em ornitopatologia¹. Entre seus assistentes de pesquisa, estava a farmacêutica Annita Swensson (1909-2000), com quem se casou e publicou o *Tratado de Ornitopatologia* (1936). “Pois foi aí que eu comecei de fato minha carreira de divulgador da ciência [...] um modesto sitiante procurava o instituto para esclarecer qual era o problema que atacava suas galinhas, que eram dizimadas por uma peste [...] Aceitei o desafio e, resolvido esse, outros foram se apresentando. Mas para desincumbir-me bem dessa missão de aconselhar, informar os sitiantes, tornava-se importante estabelecer contato com eles e aprender a falar-lhes e escrever-lhes com a maior simplicidade. Ao fim de pouco tempo, eu estava escrevendo artigos em revistas agrícolas [...] preparei numerosos folhetos, em linguagem simples, sobre os diversos problemas que afetavam a criação de galinhas.”

Participou de reformas administrativas no Governo do Estado de São Paulo. Ajudou a fundar a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a criar a revista *Ciência e Cultura*. A partir de 1947, escreveu para o jornal *Folha da Manhã*², que lhe “propôs nova e grata tarefa, o desenvolvimento de uma seção permanente de ciência. Assim começou *No Mundo da Ciência*, na última página do jornal, a 1º de fevereiro de 1948. Era uma página dominical, que constava de um artigo principal [...] e uma seção de resenha bibliográfica [Se não leu, leia]. [...] na *Folha da Noite*, lancei a ideia de um concurso destinado a revelar novos cientistas e clubes de ciência”. Para Reis, a divulgação científica tomou impulso após a Segunda Guerra Mundial, devido ao uso da ciência para fins bélicos. Em 1962, Reis esclareceu³ aos educadores de ciência: “Ciência é, no fundo, originalidade, é iniciativa de investigar [...]. O que na verdade importa não é conhecer exemplos – [...] mas aproximar o estudante da natureza e fazer com que ele aprenda, naturalmente, a usar o método científico na solução dos problemas [...]. O que verdadeiramente importa é conhecer as coisas e não as palavras com que tantas vezes douramos a própria ignorância [...]. A linguagem pode parecer até imprecisa, mas precisa ser viva [...]. O professor precisa ter a coragem de ser simples, de suprimir a matéria que não lhe pareça fundamental [...]. Ensinar pouco não é ensinar mal, e nem ensinar muito é ensinar bem [...]. Quanta coisa se pode observar diretamente com os olhos.”

José Reis divulgou a ciência em revistas e jornais, em livros infantojuvenis, em palestras e na elaboração de roteiros para boletins da Rádio Excelsior de São Paulo: *A marcha da ciência*. Recebeu o Prêmio Kalunga para a Popularização da Ciência (1974), oferecido pela Unesco⁴ àqueles que mais contribuíram para disseminar a ciência e tecnologia entre a sociedade. Em 1979, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) instituiu o Prêmio José Reis de Divulgação Científica, destinado a jornalistas, pesquisadores, escritores, instituições e veículos de comunicação que atuam para popularizar a ciência, a tecnologia e a inovação. “A ciência é bonita e profundamente estética. Portanto, devemos exibi-la à sociedade.” Em 26 de maio de 2002, a coluna *Periscópio*, da *Folha de S. Paulo*, publicou o último texto de José Reis: *Esquizofrenia e PET*.

¹Especialidade médica-veterinária que estuda as doenças e as alterações que provocam no organismo das aves.

²Atual *Folha de S. Paulo*.

³DA COSTA ANDRADE, Edward Neville; HUXLEY, Julian Sorell. *Iniciação à ciência*. 2 ed. Tradução de José Reis, 1962. 2 v.

⁴Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.



“A atualidade civilizada pede ao cérebro humano um rendimento que jamais lhe foi exigido. Temos pois o dever de proteger nossa boa saúde mental, fonte de energia produtora. Daí resultou a modificação radical na antiga concepção social da loucura e dos distúrbios mentais.”

Juliano Moreira nasceu em 6 de janeiro de 1872, em Salvador, Bahia. Mulato pobre e doente — adquiriu tuberculose na infância — foi criado pela mãe, empregada doméstica, e reconhecido tardiamente pelo pai, português funcionário municipal, inspetor de iluminação pública. Precoce e inteligente, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia aos 13 anos — o que era permitido aos alunos excelentes da época — e formou-se aos 18, em 1891, com a tese *Etiologia da sífilis maligna precoce*. Cinco anos mais tarde, tornou-se professor de doenças nervosas e mentais da faculdade. *“A quem se arreceie de que a pigmentação seja nuvem capaz de marear o brilho desta faculdade [...]. Subir sem outro bordão que não seja a abnegação ao trabalho, eis o que há de mais escabroso [...]. Em dias de mais luz e hombridade, o embaçamento externo deixará de vir à linha de conta. Ver-se-á, então, que só o vício, a subserviência e a ignorância são que tismam a pasta humana quando a ela se misturam.”*

Entre 1895 e 1902, frequentou cursos sobre doenças mentais e visitou asilos na Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Escócia. Em 1903, nomeado diretor do Hospício Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, transformou a instituição em referência na assistência, pesquisa e formação profissional, desenvolvendo a psiquiatria como especialidade médica, com ideias e práticas inovadoras. Aboliu a camisa-de-força e retirou as grades de ferro das janelas do hospício. Separou adultos e crianças internadas, instalou um laboratório de anatomia patológica e de análises bioquímicas. Ampliou o corpo médico com especialistas e fortaleceu a formação de enfermeiros psiquiátricos. Propôs a Lei de Assistência aos Alienados, promulgada em 1903, e a criação da Assistência a Psicopatas — que mais tarde passou a se chamar Serviço Nacional de Assistência aos Psicopatas —, instituição pública da qual foi diretor-geral por 28 anos. *“Encafuando um alienado em uma célula de isolamento [...] ficamos garantidos contra suas más inclinações, mas não sabemos o que é feito dele. Ouvimo-lo gritar, podemos espia-lo pelo monóculo da célula, mas é incontestável que isto não é terapêutica.”*

Criou a Colônia de Alienados de Engenho de Dentro (1911) e de Jacarepaguá (1923), instaurando a admissão voluntária de insanos. *“Anexo ao hospital-colônia, em seus limites, deve o Governo construir casinhas para alugar às famílias dos bons empregados, que poderão receber pacientes suscetíveis de serem tratados em domicílio: far-se-á assim assistência familiar. Se nas redondezas houver gente idônea a quem se possa confiar alguns doentes, poder-se-á ir estendendo essa assistência heterofamiliar e até se tentar a homofamiliar.”* Criou também o Manicômio Judiciário (1919) — primeiro do gênero na América Latina — onde psicopatas criminosos podiam ser observados e assistidos como doentes, *“em enfermarias brancas e não em cárceres escuros.”* Moreira acreditava que os crimes são, na maioria das vezes, a expressão de anormalidades mentais transitórias ou permanentes, que mereciam ser estudadas.

Considerado o fundador da psiquiatria científica no Brasil, Juliano Moreira tinha especial interesse pela chamada “psiquiatria comparada”: manifestações das doenças mentais em culturas diversas. Publicou mais de 100 artigos e foi o primeiro a divulgar¹ o trabalho do médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939) para os alunos da Faculdade de Medicina da Bahia. Membro de sociedades científicas nacionais e internacionais, ajudou a criar a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal (1907) e periódicos científicos. Também presidiu a Sociedade Brasileira de Ciências² — onde recebeu Albert Einstein (1879-1955), durante a visita do físico ao Brasil em 1925.

¹Em 1914, Moreira fez uma comunicação oficial sobre psicanálise à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.

²Originada nas dependências da Escola Politécnica, a Sociedade Brasileira de Ciências, na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, foi fundada em 3 de maio de 1916. Em dezembro de 1921, a Sociedade passa a chamar-se Academia Brasileira de Ciências.



“Enfim, no dia 25, às 4 h da manhã o céu no horizonte se mostra límpido, e foi possível assistir a um espetáculo de uma beleza acima de toda a expressão. Nesse momento, uma parte somente da cauda emergia do horizonte, e o aspecto era verdadeiramente imponente, pois parecia mais uma coluna de fogo do que um feixe de luz.”

Louis Cruls nasceu em 21 de janeiro de 1848, em Diest, na Bélgica. Frequentou a Escola de Engenharia Civil da Universiteit Gent (ou Gand). Em 1872, foi admitido como aspirante de engenharia militar, obtendo o posto de primeiro-tenente. Permaneceu no Exército por dois anos, embarcando, em seguida, para o Rio de Janeiro, movido pela curiosidade de conhecer novas culturas. *“Era o dia 5 de setembro de 1874. Poucos instantes depois de deixar o cais, eu travei conhecimento com um dos passageiros [...]. Era Joaquim Nabuco¹ [...]. Uma simpatia mútua nos aproximou um do outro, e nos levou bem rápido a trocar confidências [...]. De sua parte, Nabuco me dizia que ele fazia questão de me proteger no Brasil, onde um vasto campo estava aberto à iniciativa de todas as inteligências.”* Cruls foi admitido como engenheiro na Comissão da Carta Geral do Império. Casou-se em 1877 e teve seis filhos. Como ajudante no Imperial Observatório do Rio de Janeiro², recebeu formação em astronomia. Em 1879, ascendeu a astrônomo adjunto e, em 1881, foi nomeado primeiro astrônomo — mesmo ano em que foi naturalizado com seu nome aportuguesado para Luiz, a fim de evitar críticas nacionalistas, já que a competência e utilidade do Observatório vinham sendo questionadas e seu fechamento recomendado. Ruy Barbosa (1849-1923) chegou a publicar uma nota a favor da instituição. Contudo, o Observatório consolidou seu prestígio participando de projetos internacionais, como a observação do trânsito de Vênus pelo disco do Sol.

“O cometa continuava visível em todas as partes do Brasil, e os telegramas que nos chegavam relatavam que ele esteve visível em pleno dia e a poucos graus do Sol, nos dias 18, 19 e 20 de setembro [de 1882].” A Académie des sciences, em Paris, reconheceu o mérito da descoberta, concedendo a Cruls o Prêmio Valz. O corpo celeste passou a ser conhecido como Cruls (1882 II) ou cometa Brilhante 1882. Cruls fundou a *Revista do Observatório* (1886-1891) — *“Prendemos pois dar à Revista o cunho de uma publicação de vulgarização [...] de conhecimentos exactos, apresentados debaixo de uma forma que os torne acessíveis para todos.”*³ — e, entre 1896-98, manteve seção na *Revista Brasileira*, em que explicava fatos científicos e criticava erros que circulavam nos jornais da época. Para ele, a maioria das pessoas só conhecia a astronomia por meio de *“descobertas ruidosas anunciadas pelos jornais diários”*, fantásticas e duvidosas. *“É singular como a opinião pública acolhe com extraordinária credulidade as fantasias mais extravagantes.”*

Membro correspondente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e da Academia de Ciências de Paris, Cruls publicou dezenas de artigos, muitos deles com descrições das órbitas de cometas e meteoros. Em homenagem a sua contribuição à astronomia, uma cratera em Marte recebeu o seu nome. Além de pesquisador do espaço sideral, foi explorador do território brasileiro. Em 1892, foi designado para chefiar a Comissão de Exploração do Planalto Central do Brasil, encarregada de levantamento geológico e mineral da região, assim como da demarcação da área para instalação da futura capital do país, prevista na Constituição de 1891. A expedição ficou conhecida como Missão Cruls. *“Existe no interior do Brasil uma zona gozando de excelente clima com riquezas naturais, que só pedem braços para serem exploradas [...]. Tenho a mais absoluta convicção de que da mudança da capital [...] resultará, para o Brasil, sua prosperidade e desenvolvimento futuro.”* Em 1894, Cruls retornou ao planalto central à frente da Comissão de Estudos da Nova Capital da União para escolher a melhor localização para a capital dentro da área previamente demarcada. Em 1901, também chefiou a Comissão Mista de Limites Brasil-Bolívia, que se dirigiu ao rio Javari para demarcar a posição das nascentes desse rio situado entre o Brasil, o Peru e a Bolívia. A beribéri e a malária contraídas durante essa missão levaram-no, sete anos depois, à morte. O Dia Nacional da Astronomia⁴ é celebrado em 2 de dezembro, data de nascimento de Dom Pedro II (1825-1891) — astrônomo-amador que frequentava a casa de Cruls para observar eventos astronômicos.

¹Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) foi político, diplomata, historiador e jornalista, formado pela Faculdade de Direito do Recife. Em 1878, ao lado de outros jovens deputados, iniciou a campanha em favor da abolição da escravidura.

²Com a Proclamação da República, em 1889, o Imperial Observatório do Rio de Janeiro passou a se chamar Observatório Nacional.

³Foi mantida a grafia original da *Revista do Observatório*, publicação mensal do Imperial Observatório do Rio de Janeiro, janeiro de 1886.

⁴Projeto de Lei da Câmara nº 8/2015. Pronto para deliberação do plenário do Senado desde 1/4/2016.



Brasília, cidade que inventei

Lúcio Costa

“Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz [...] É assim que, sendo monumental é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional”.

Lúcio Costa nasceu em Toulon, na França, em 27 de fevereiro de 1902, mas foi registrado como brasileiro nato porque seu pai — o engenheiro naval Joaquim Ribeiro da Costa (1858-1937), natural de Salvador, Bahia — estava em missão oficial do governo brasileiro na data de seu nascimento. No mesmo ano a família retornou ao Rio de Janeiro, lá permanecendo até 1910, quando, novamente, partiu para a Europa. Lúcio frequentou o ensino básico na Inglaterra e na Suíça. Revelou aptidão para o desenho desde cedo. Com 15 anos, já produzia ilustrações a carvão, de alta qualidade. “A guerra, em agosto de 1914, nos pegou na Suíça [...] então fomos para Montreux e ali ficamos dois anos e meio [...] quando resolvemos voltar ao Brasil em plena guerra.”

De volta ao Rio, ingressou (1917) na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). “Meu pai sempre quis ter um filho artista, que fosse músico, poeta, pintor etc. Como eu gostava de desenhar, ele tomou a iniciativa e me matriculou na Escola de Belas Artes”. Formou-se arquiteto em 1924. Seus primeiros projetos seguiam a arquitetura da época, influenciados pelos traços das construções de Diamantina, Minas Gerais. Anos depois, mudou radicalmente seu estilo, rompendo com a arquitetura neocolonial. “Eu estava apenas em uma fase de renovação mental [...] já não conseguia fazer aquela arquitetura acadêmica [...]. Eu continuava sendo procurado por pessoas que queriam construir casas de estilo histórico, e aquilo eu já não podia mais fazer. Eu propunha fazer coisas contemporâneas de acordo com a nova tecnologia construtiva do aço e do concreto.”

Em 1930, foi convidado a renovar o ensino das artes plásticas e implantar um curso de arquitetura moderna na ENBA. Como diretor, promoveu o primeiro salão de artes plásticas aberto aos artistas modernos. “Eu fiz tudo para não aceitar porque eu não queria me incomodar... Foi nessa época que a experiência fracassou, porque houve uma oposição muito grande por parte dos acadêmicos.” Entre os alunos da escola, estavam Oscar Niemeyer (1907-2012) e Burle Marx (1909-1994). Em 1936, participou do projeto do edifício do Ministério da Educação e Saúde (Palácio Capanema) — que se tornou um marco da arquitetura moderna mundial com sua fachada envidraçada. Entre 1937-72, Lúcio Costa trabalhou no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1957, seu projeto para a Nova Capital da República venceu o concurso promovido pelo presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976). Brasília foi inaugurada três anos depois. “Oscar [Niemeyer] ficou os três anos lá no batente, respirando poeira, aquela coisa toda, e projetando aquelas belezas, aqueles projetos [...]. Não tinha paisagem. Brasília é um espaço sem paisagem. E a paisagem foi criada pelo Oscar. A paisagem de Brasília é uma paisagem arquitetônica”. Marco da arquitetura e do urbanismo modernos, Brasília é considerada Patrimônio Mundial¹.

Dentre as muitas homenagens recebidas por Lúcio Costa, estão o grau de doutor *honoris causa* concedido pela Harvard University (1960) e a Legião de Honra (1970), condecoração mais importante conferida pelo governo francês. “Nesses 90 anos de vida eu já vi o país passar por altos e baixos, não é? Uma carreira muito acidentada, e sempre, sempre encontrando o caminho. O Brasil é um país precursor, eu acho que vai ser, por várias razões. Pelo fato de ter raças diferentes, as três raças convivendo, compreende, eu acho isso tão importante. E tem uma força viva, uma criatividade [...]. Eu confio cegamente no Brasil”.

¹Em 1987, o Plano Piloto de Brasília foi inscrito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na lista dos sítios declarados Patrimônio Cultural Mundial.



“O Homem vence o espaço sideral, transplanta vísceras, explora o átomo, mas não foi possível imaginar outra maneira de concordância coletiva e pública se não agitando os braços e batendo as palmas das mãos. Infelizmente, hoje em dia, já não se sabe por que bater as mãos. Mas se bate.”

Câmara Cascudo nasceu no dia 30 de dezembro de 1898, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. O primeiro banho foi com água morna, temperada com vinho do Porto — para ficar forte — e com um patacão de prata do Império — para nunca lhe faltar dinheiro. No batizado, o padre o abençoou com nome em latim informado pelo padrinho: *Ludovicus*. O pai, delegado e comerciante, teve com a esposa outros três filhos que morreram de difteria. Filho único de família rica, recebeu educação privilegiada. Proibido de correr, pular, andar descalço, subir em árvores — pelo medo dos pais de que viesse a ter o mesmo fim dos irmãos —, sua obediência era aparente, já que enquanto brincava no quarto cheio de brinquedos, fugia para tomar banho frio, brincar na rua e pescar no rio Potengi. “Meu avô paterno era um dos chefes do Partido Conservador [...] que também tinha um apelido de Partido Cascudo, que quer dizer teimoso, obstinado, e deram para chamar o meu avô de 'o velho Cascudo' [...]. Assim, não há família Cascudo, é um apelido que se tornou patronímico.” Frequentou o colégio Atheneu Norte-Rio-Grandense, onde se tornaria professor de história e diretor, bem como alvo de críticas de colegas que não achavam adequado falar aos alunos sobre lobisomem, saci-pererê e mula-sem-cabeça.

Em 1913, a família se mudou para uma chácara no bairro do Tirol. “Fundou-se o Principado do Tirol, com toda a hierarquia aristocrática [...]. Meus primeiros artigos e livros nasceram nesse clima. Para ali fui rapazinho de 15 anos e saí aos 34, casado e com um filho.” Passou a escrever uma coluna sobre cultura e literatura no jornal *A Imprensa*. “Meu pai fundou um jornal em 1914 [...] com 17 anos eu era repórter. O hábito e a vida de repórter, junto às leituras de movimento, fizeram de mim a curiosidade viva pelo povo, ouvindo, anotando e divulgando.” Ingressou no curso de medicina em Salvador (1918), Bahia. Queria ser doutor, ter um laboratório e pesquisar, sonho que demandava recursos dos quais não mais dispunha. Abandonou a medicina no último ano. Publicou seu primeiro livro em 1921 — *Alma patricia*. Entrou na Faculdade de Direito do Recife, sobrevivendo com as economias pessoais. Formou-se em 1928. “A pobreza de meu pai, altiva e nobre, não me permitia abandoná-lo e viajar para o sul, vencer no Rio. Filho único devia retribuir em assistência quanto tivera em pecúnia e carinho. Fiquei, definitivamente e sem recalques, provinciano. Ia ser, até a velhice, professor jagunço.” Após a falência do pai, em parte causada pela quebra da bolsa de valores norte-americana em 1929, prosseguiu como professor, jornalista e escritor. Escreveu ao amigo Mário de Andrade (1893-1945)¹: “Minha situação aqui é asfíxiante e besta. Ganho uma miséria como professor, e as dez pessoas da família que sustento não podem esperar pão de outra parte.”

Assim como Câmara Cascudo, o movimento modernista valorizava o regionalismo e a cultura brasileira. “Aquilo² foi uma reunião de vários temperamentos, e alguns mais explosivos como Oswald de Andrade (1890-1954)³, que eu chamava por 'doido-mor' [...]. 'Tupy or not Tupy', dizia o doido-mor [...] que em plena confusão de 22 me abraçou com muito carinho pela minha preocupação em descrever o dia a dia brasileiro.” Em 1951, foi nomeado professor da Faculdade de Direito, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lá permanecendo até a sua aposentadoria. “Nenhuma ciência possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana que o folclore. O conto popular é um documento vivo.” Publicou mais de 200 livros e opúsculos — dentre eles o *Dicionário do folclore brasileiro* (1954). “Era inicialmente um simples caderninho de notas para facilitar meu trabalho [...]. Posso dizer que o Dicionário [...] representa, incontestavelmente, o mural das minhas habilidades no tempo e no espaço. Ali estão as minhas curiosidades, o segredo, a alegria da minha preferência.” Câmara Cascudo é considerado o maior folclorista brasileiro. A casa na qual ele viveu grande parte de sua vida, no centro de Natal, abriga o Ludovicus⁴, sendo aberta à visitação pública em 2010 para divulgar a vida e a obra do cientista potiguar. A dedicação de Cascudo ao folclore foi estampada nas notas de 50 mil cruzeiros, que circularam entre 1991-94.

¹Poeta, cronista e romancista, crítico de literatura e de arte, musicólogo e pesquisador do folclore brasileiro, um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna.

²Semana de Arte Moderna, realizada no período de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo.

³Romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta e jornalista, criador do Movimento Antropofágico e um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna.

⁴Instituto Câmara Cascudo, cujo objetivo é a preservação e divulgação do legado cultural de Câmara Cascudo.



“Tive que subir no barco com meu material de trabalho e me sentei lá, em frente ao botão, esperando ele abrir. Ele se movia enquanto se abria. Podíamos vê-lo se abrindo. Isto era emocionante! E quando se abriu, exalou um perfume maravilhoso que atraiu os insetos que vão espalhar seu pólen. Havia uma lua cheia, que víamos através dos galhos das árvores, magnífica! E o tempo todo os sons dos pássaros da noite”.

Margaret Brown nasceu no dia 22 de maio de 1909, em Chesdam, no condado de Buckingham, Inglaterra. A infância e a juventude foram marcadas pelas conturbações políticas, sociais e econômicas das guerras. Em 1932, ela foi à Alemanha testemunhar a ascensão do Terceiro Reich. “*Foram momentos intensamente emocionantes e importantes*”. Em Londres, casou-se em 1936. Ao lado do primeiro marido, foi ativista do movimento sindical. “*Esta resolução, se colocada em prática com energia e entusiasmo por todo o movimento sindical, poderia mudar o futuro da juventude deste país*”. Trabalhou no escritório de desenho da fábrica de aviões De Havilland durante a Segunda Guerra Mundial. Depois, frequentou aulas noturnas na Saint Martin's School of Art. Seu talento lhe rendeu uma bolsa de estudos na Camberwell School of Art (1947-49), na qual ela obteve diploma em pintura e design.

Em 1952, cativada pela exuberância do Brasil, decidiu viver em São Paulo. Foi professora de arte na Escola Britânica de São Paulo e trabalhou como ilustradora para o Instituto de Botânica de São Paulo (1960-65), realizando viagens pelo Brasil, as quais ampliaram seus conhecimentos sobre a diversidade florística do país. Em 1968, mudou-se com o segundo marido para o bairro de Santa Teresa, Rio de Janeiro, onde manteve seu ateliê. A artística plástica que se tornou ilustradora botânica viveu 36 anos no Brasil, durante os quais fez 15 expedições à Amazônia. “*O pequeno avião de carga e passageiros partiu do aeroporto de Congonhas, em São Paulo, com destino a Belém, capital do Pará. Para mim e para minha acompanhante, Rita, essa era nossa primeira viagem à Amazônia e nosso entusiasmo era enorme. Estávamos ambas vestidas para a selva — ou pelo menos pensamos que estávamos*”. A última expedição (1988), no mês do seu aniversário, teve como objetivo documentar o desabrochar da flor-da-lua, que floresce e morre em apenas uma noite. A primeira vez em que ela viu o cacto endêmico da região do arquipélago fluvial de Anavilhanas foi em 1964, durante a terceira expedição. “*Remamos a canoa diretamente para a árvore em que crescia o cacto. A flor estava se abrindo. Com muita hesitação e medo decidi retirá-la. Provavelmente não cresceria mais ou se fecharia com o calor do dia, pois, como era uma flor branca, imaginei que seria polinizada à noite por mariposas ou morcegos*”.

Crítica da exploração destrutiva das florestas, dedicou sua arte à preservação da Amazônia, conquistando a admiração de muitos, como a do amigo Burle Marx (1909-1994). Em 1976, foi agraciada com a Most Excellent Order of the British Empire (Excelentíssima Ordem do Império Britânico), por suas contribuições às artes e ciências. Em 1979, recebeu a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul¹, a mais alta condecoração brasileira atribuída a cidadãos estrangeiros. Margaret Mee produziu mais de 400 pranchas de ilustrações botânicas² em guache (aquarela), 40 cadernos de desenhos (*sketchbooks*), alguns livros sobre as flores encontradas nas florestas do Brasil e 15 diários detalhados de suas expedições, notas que ela começou a tomar a partir da primeira viagem com destino a Murutucum, no rio Gurupi, em 1956. Nove espécies de plantas registradas em suas ilustrações receberam o seu nome³.

No outono de 1988, a artista estava em Londres, Inglaterra — para palestrar na Royal Geographical Society e inaugurar a exposição *A Amazônia de Margaret Mee*, no Royal Botanic Gardens (Kew Gardens) —, quando faleceu em um acidente de automóvel. Desde 1997, o Margaret Mee Fellowship Program concede bolsas de estudo para o aprimoramento técnico e científico de aquarelistas, pintores e desenhistas brasileiros no Royal Botanic Gardens. “*O ponto mais alta dessa cadeia de montanhas do Brasil é conhecido como Pico da Neblina, na Serra da Neblina. Fazendo valer seu nome, o pico estava coberto por nuvens. A visão da Serra, bonita e misteriosa, me excitou de tal forma que prometi volta um dia para explorar as maravilhas dessa montanha.*”

¹A Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul — originária da extinta Ordem Imperial do Cruzeiro, instituída pelo Decreto de 1º de dezembro de 1822 de Dom Pedro I (1798-1834) — foi restabelecida pelo Decreto nº 22.165, de 5 de dezembro de 1932 e destina-se a galardoar pessoas físicas ou jurídicas estrangeiras que se tenham tornado dignas do reconhecimento da Nação brasileira.

²Ilustração científica é a representação gráfica ou artística da natureza, utilizada para comunicar descobertas, elucidar estruturas, auxiliar o entendimento de descrições científicas ou a identificação de espécies.

³Por exemplo, as bromélias *Aecmea meana* e *Neoregelia margaretae*.



“Para esta competição [Olimpíada de 1938], a delegação viajou de cargueiro para a Alemanha com seis mulheres. Os organizadores construíram um tanque que servia de piscina no convés, para que os atletas treinassem. O tanque era muito pequeno e não permitia que déssemos mais de duas braçadas. Nosso técnico, Carlito [Carlos de Campos Sobrinho], teve uma ideia: com uma corda ele amarrava a gente na borda. Assim, eu podia nadar sem sair do lugar”.

Maria Lenk nasceu na cidade de São Paulo, em 15 de janeiro de 1915. O pai, imigrante alemão, foi campeão de ginástica e queria que os filhos também praticassem atividades desportivas. Para 'fortalecer o pulmão' da filha — que teve uma pneumonia aos 10 anos de idade —, ele decidiu ensiná-la a nadar. “Meu pai [...] prendia meu maiô num anzol, ficava segurando a vara com uma corda do lado de fora do rio [Tietê] e dizia como eu devia fazer, enquanto desajeitadamente eu batia pernas e braços e bebia muita água [...]. Todas as crianças daquela época aprendiam a nadar assim [...] já que não existia piscina em São Paulo.”

“Comecei a nadar em São Paulo, aprendendo no rio Tietê. Depois, construiu-se uma piscina na Associação Atlética São Paulo e comecei a treinar em piscina.” A primeira piscina regulamentar do Brasil — com medidas oficiais para competições de natação (25 m de comprimento por 12 m de largura) — foi inaugurada em 1930 e comportava 2.500 espectadores na arquibancada. Aos 15 anos, Lenk participou da Travessia de São Paulo a Nado, época em que as águas do rio Tietê eram limpas e nele se realizavam competições de remo, natação e saltos. “Venci quatro anos seguidos, de 1932 a 1935.” Aos 17, embarcou para os Jogos Olímpicos de Los Angeles (1932). A delegação brasileira tinha 67 atletas — sendo 66 homens, que dividiam espaço no navio Itaquicê com 55 mil sacas de café, que seriam vendidas nos Estados Unidos para custear a viagem. Lenk foi a primeira mulher latino-americana a participar de uma olimpíada. “Existia a lei do amadorismo que determinava que nós, atletas, não podíamos ganhar dinheiro com o esporte. Não se podia receber nem mesmo roupas especiais [...]. Era um amadorismo muito severo e treinávamos por amor ao esporte.” A viagem durou seis semanas. “Eu competi com um uniforme emprestado, que tive de devolver quando as provas acabaram.”

Nos Jogos de Berlim (1936), apresentou uma braçada inovadora, lembrando o bater de asas de uma borboleta. A técnica passou a ser considerada um novo estilo em 1950. “Minha mãe insistia para que a gente aprendesse alemão. Ela importava revistas alemãs [...] foi numa [...] que fiquei sabendo que o nadador John Higgins criara uma nova maneira de nadar peito. Eu comecei a fazer a mesma coisa.” Em 1939, tornou-se recordista mundial das provas de 200 m e 400 m nado de peito. “Eu estava no auge de minha condição atlética. Me preparava para os Jogos Olímpicos de 1940 e poderia ter vencido, se eles não tivessem sido cancelados. Mas a Segunda Guerra acabou com esse sonho. Essa foi a maior decepção da minha vida.” No início dos anos 40, concluiu o curso de Educação Física na Universidade de Illinois, Estados Unidos, e ajudou a fundar a Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil¹. Na década de 60, foi a primeira a mulher a se tornar diretora da escola e a integrar o Conselho Nacional de Desportos (CND), no qual lutou pelo fim das restrições à prática esportiva feminina². Aos 33 anos, casou-se com o diplomata norte-americano Gilbert Zigler, com quem teve dois filhos.

Maria Lenk foi voz na CPI³ da Mulher (1977). “Se a posição da mulher na Educação Física e no esporte no Brasil ainda deixa muito a desejar, isso é consequência do conceito geral que se tem da mulher e da posição que se quer dar a ela na sociedade.” Ganhou lugar no Hall da Fama da Federação Internacional de Natação (Fina) por ser uma das dez melhores da natação master no mundo. Aos 72 anos, recebeu a Ordem Olímpica — maior honraria concedida pelo Comitê Olímpico Internacional a esportistas que contribuíram para o movimento olímpico e sua evolução. Publicou cinco livros, dentre eles sua autobiografia. Nadou 11 mundiais master, conquistando 54 medalhas (37 de ouro) e dezenas de recordes. “Cada vez que eu entro numa faixa etária nova, eu fico batendo recorde. Agora eu estou contando os dias para chegar aos 90 [...] quero bater algum recorde também [...] Mesmo sendo velhinha como eu, tem que ter ambição.” Na manhã de 16 de abril de 2007, Maria Lenk faleceu enquanto nadava, preparando-se para mais uma competição.

¹Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²Decreto-lei nº 3.199/1941. Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

³Comissão Parlamentar Mista de Inquérito para Examinar a Situação da Mulher em Todos os Ramos de Atividades.



“Primeira parteira brasileira que ia sahir da escola de medicina do Rio de Janeiro, influida como se é aos 24 anos julgava-me autorizada ou melhor, rigorosamente obrigada a servir de modelo ás que viessem depois de mim: adoptei um vestuario [masculino] que não só me pareceu mais commodo para os trabalhos da minha profissão, como mais decente e característico para parteira. Julgava que esse meu exterior deveria actuar muito no moral da mulher, inspirando-lhes mais confiança e distinguindo a parteira do commum das mulheres; e não me enganei [...] por mais de uma vez as minhas parturientes confessarão-me, que só es e meu trajar dava muita fé, para servir-me das expressões delas.”¹

Josephine Durocher nasceu em 6 de janeiro de 1809 em Paris, França, filha de Anne Nicolli, costureira e florista, defensora de ideias políticas liberais. A identidade do pai não foi registrada na certidão de nascimento. Em 1816, mãe e filha seguiram os passos de muitos imigrantes franceses desolados com as Guerras Napoleônicas e mudaram-se para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades. *“Foi minha mãe a primeira franceza que abriu uma loja de fazendas francezas e que conservou a loja aberta durante a noite: estou ainda bem lembrada, quando a rua do Ourives se achava repleta de gente, na primeira noite e nas seguintes [...] Vê-se que a escassez de estrangeiros obrigou minha mãe a relacionar-se com famílias do paiz [...] ficando eu mesma uma brasileirinha completa”*. Josephine trabalhou como caixeira até o falecimento da mãe (1829). *“Tão grande era o desejo que tinha minha mãe que eu aprendesse essas línguas [inglês e alemão], quanto a minha repugnancia para ellas, que eu achava muito feias; criança, não as estudei e fiz progresso de carangueijo.”*

Josephine manteve-se como modista até a falência da loja ser decretada em 1832. No mesmo ano, seu companheiro foi assassinado. *“Mãe então de dois filhos, sem pai, e dispondo de escassos recursos (5 contos e tanto), tive de reflectir seriamente sobre os meios que devia adoptar para proporcionar aos meus filhos, com a instrução e sustento honesto e fazer para eles o que para mim tinha feito minha boa mãe”*. Decidiu tornar-se parteira, por influência de duas amigas francesas, também parteiras. Em 1833, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro² abriu seu primeiro curso de parteiras. Na inscrição era necessário comprovar o conhecimento da leitura e da escrita — o que dificultava o acesso de mulheres que já partejavam. Naturalizada brasileira, Durocher foi a primeira e única mulher a matricular-se em 1834. Completou sua formação com médicos renomados e foi a primeira mulher a obter o título de parteira diplomada. *“Não podemos deixar de lastimar que as Faculdades do Brasil imitassem as francezas quanto á questão relativa ás parteiras [...] só lastimamos esta triste mania de imitar tudo o que é francez sem se dar ao trabalho de discriminar o que é bom do que é máo [...] se aquillo que lá convem, tambem convem aqui”*. Além de assistir às mulheres em trabalho de parto, as parteiras frequentemente davam conselhos às novas mães sobre como cuidar do bebê.

Madame Durocher, como ficou conhecida, realizou mais de 5 mil partos. Provavelmente, foi a parteira de maior reconhecimento e prestígio de sua época. Atendeu a imperatriz Tereza Cristina no parto da princesa Leopoldina, filha de Dom Pedro II (1825-1891). Foi também a primeira mulher a publicar textos de medicina e a ingressar na Academia Imperial de Medicina (1871). *“[...] entendo que todo cidadão deve contribuir com seu contingente de mais ou menos intelligencia, para tudo quanto julga poder ser útil e contribuir ao bem estar do paiz que pisa e que o alimenta.”*

“A parteira Durocher, respondendo ás pessoas que diariamente lhe pedem informações a respeito da maternidade ou enfermaria de partos contigua á casa de saude de Nossa Senhora da Ajuda, estabelecida á rua da Ajuda n. 66, participa a todas as pessoas, a quem isto por uma ou outra circumstancia possa interessar, que o edeficio tem salas próprias para escravas, fornecendo-se tudo o que fôr mister, inclusive roupa [...] aparecendo algum caso perigoso, sempre é chamado o Sr. Dr. Feijó [...] pessoas que mandarem suas escravas para esta enfermaria podem certificar-se [...] todos os doentes têm direitos ás mesmas atencões, remedios, etc., pois a caridade não conhece posições, nem é distinctiva para o livre ou escravo [...]”³

¹Foi mantida a grafia original de Durocher.

²A Carta Régia de 3 de outubro de 1832 promoveu a Reforma da Educação Superior e deu nova organização às Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia, que passaram a ser denominadas Faculdades de Medicina, concedendo os títulos de Doutor em Medicina, de Farmacêutico e de Parteira. A partir dessa lei, não se concedeu mais o título de Sangrador e ninguém podia curar, ser proprietário de botica ou fazer partos, sem ter concluído uma das duas faculdades médicas.

³Diário do Rio de Janeiro, 19 de maio de 1863.



“Antes de ser matemático, é preciso ser um cidadão preocupado com problemas da sua época. Mais importante do que fazer pesquisa, é poder formar alunos, é entender que a matemática é uma forma de pensar, de interpretar o mundo e resolver as situações que se apresentam.”

Maria Laura Mouzinho nasceu em Timbaúba, Pernambuco, em 18 de janeiro de 1919, primogênita de sete mulheres e um homem. Matemática não era o seu forte quando ingressou na Escola Normal de Pernambuco. “Ele [o professor Luiz de Barros Freire (1986-1963)] foi responsável pela minha vocação matemática. Era um professor criativo que [...] contava histórias da matemática na biblioteca.” A família Mouzinho mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro. Para que Maria Laura conseguisse ser aceita no Instituto Lafayette, o pai ‘providenciou’ uma nova certidão de nascimento, datada de 1917. No ano seguinte, a família seguiu para Petrópolis, onde ela concluiu o ginásio no Colégio Sion, com aulas ministradas em francês.

Tentou o vestibular de engenharia, mas foi reprovada em desenho. “Meus pais [...] se preocupavam muito com a nossa formação”. No ano seguinte, buscou a Universidade do Distrito Federal (UDF)¹, voltada à formação de professores. Mas o vestibular já havia acontecido. “Quando eu estava saindo, quem vinha chegando? O Luiz Freire [decano da Escola de Ciências da UDF]. Ele fez muita festa e contei a ele minhas misérias. Ele me perguntou: você passou em matemática e física no vestibular para engenharia? Então, está matriculada!”. Maria Laura formou-se em matemática. Passou a lecionar geometria na universidade e a se dedicar à livre-docência², que lhe rendeu o título de primeira doutora em ciências matemáticas no Brasil (1949). Em 1950, visitou Harvard, nos Estados Unidos, onde conheceu computadores do tamanho de armários. “E hoje, o que temos? Computador que levamos no bolso. Mas e o ensino? Será que evoluiu na mesma escala?”. Casou-se com o físico José Leite Lopes (1918-2006). Entre 1958-60, participou das discussões que resultaram no projeto de criação da Universidade de Brasília — liderado por Darcy Ribeiro (1922-1997). “No ano do golpe, em 1964, não perdemos nossas posições [...]. Leite recebeu um convite para a Universidade de Paris [...]. Ficamos lá até 1967”, ano em que foi promovida à professora titular do recém-criado Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)¹. Todavia, ela e o marido foram aposentados com base no Ato Institucional nº 5/1968, editado durante a ditadura empresarial-militar. Deixaram o Brasil. Em Estrasburgo, na França, Maria Laura participou do programa de reciclagem de professores do Institut de Recherche sur l'Enseignement des Mathématique. “Comecei a trabalhar sem ganhar nada, mas logo depois fui contratada. Fiquei lá até 1974.” De volta ao Rio de Janeiro, fundou o Grupo de Estudos e Pesquisa de Educação Matemática, que organizou o I Seminário sobre o Ensino de Matemática com o objetivo de obter um panorama do ensino da matemática no Brasil. Com a anistia (1979), foi reintegrada à UFRJ. “Muitos professores [...] tinham sido meus alunos e colegas [...] pessoas que se interessavam pela educação matemática. [...] decidimos fazer uma pesquisa [...] para avaliar o desempenho dos alunos [...] do ensino básico, nas quatro operações fundamentais [...] concluímos que as crianças não estavam preparadas. [...] tínhamos pronto um diagnóstico das dificuldades dos alunos e [...] o caminho para saná-las: a formação continuada dos professores.” Em 1983, surgiu o Projeto Fundão³. “Porque se o professor não é competente, não adianta. E não há varinha de condão: é um processo longo e dinâmico.”

Maria Laura considerava que os avanços em ciência e tecnologia dependiam da formação de uma base sólida e criativa de ensino de matemática e ciências, com professores bem preparados. Participou da criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (1949) e do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (1952). Foi uma das cinco primeiras mulheres a ingressar na Academia Brasileira de Ciências. Recebeu o título de professora emérita da UFRJ (1996). Afirmou nunca ter se sentido discriminada por ser mulher. “Aceitem os desafios, porque só a partir deles é que vocês poderão realmente ser grandes pessoas. ‘A alma do aluno não é um vaso que se deve encher, mas uma lareira que se deve acender’ [Plutarco, pensador grego]. Fico contente, porque acho que acendi muita lareira por aí.”

¹A Universidade do Distrito Federal foi extinta em 1937 e seus quadros incorporados à Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, criada em 1939. A Universidade do Brasil, por sua vez, passou a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro (Lei nº 4.831/1965).

²A livre-docência é um título concedido no Brasil por uma instituição de ensino superior, que atesta excelência na docência e na pesquisa. Na época, era a única possibilidade de obter o grau de doutor.

³O projeto busca a valorização do professor por meio do seu reconhecimento pela sociedade, melhoria de salário e condições de trabalho, além de capacitação e sensibilização para a adoção de metodologias inovadoras em sua prática docente.



“Eu chamo a globalização de globalitarismo porque estamos vivendo em uma nova fase de totalitarismo. O sistema político utiliza os sistemas técnicos contemporâneos para produzir a atual globalização, conduzindo-os para formas de relações implacáveis, que não aceitam discussão, que exigem obediência imediata.”

Milton Santos nasceu em 3 de maio de 1926, em Brotas de Macaúbas, Bahia, e foi alfabetizado pelos pais, professores primários. “Nasci numa família [...] remediada, humilde, mas não pobre, e que tentou me dar uma educação [...] para ser um homem que pudesse [...] conversar com todo mundo”. Aos 10 anos, ingressou no Instituto Baiano de Ensino, em Salvador. “Todas as atividades ditas populares eram desaconselhadas, de forma não explícita, na produção de um homem de elite [...] fui extraído da família. Era, então, um exílio.” Destacou-se como líder estudantil. “Quando criei a Associação de Estudos Secundaristas Brasileiros na Bahia, os meus amigos do Partido Comunista se opuseram à minha eleição para presidente. O medo deles era que não seria conveniente que um negro fosse presidente de uma associação tão importante.”

“Eu tinha tido um professor^{1a} muito importante [...] e um livro importante^{1b} [...]. Era ao mesmo tempo um debate filosófico sobre o destino do homem [...] e a história do mundo se fazendo através da produção do espaço geográfico.” Apesar da influência da geografia no ginásio, cursou direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA). “Havia uma notícia generalizada de que a Escola Politécnica não tinha muito gosto em acolher negros, então fui aconselhado [...] a estudar direito.” Formado (1948), optou por ser professor secundário de geografia em Ilhéus. “Desde menino, a noção de movimento me impressionava. Ver as pessoas se movendo, as mercadorias se movendo. A noção de movimento de ideias veio depois, mas a das mercadorias, das coisas, das pessoas talvez tenha me levado para a geografia.” Em 1956, tornou-se professor da Universidade Católica de Salvador e redator do jornal *A Tarde*. Concluiu o doutorado em geografia na Université de Strasbourg em 1958. “Chego à França e abro um jornal chamado *Le Monde* e me pergunto: mas o mundo é aquele que eu escrevo ou este outro? Foi esse o meu primeiro grande choque, a primeira grande mudança na minha visão de mundo.”

Retornou à Bahia e prestou concurso para a UFBA. No golpe militar de 1964, foi preso por flertar com a esquerda. Sem alternativa, aceitou o convite para lecionar na Université de Toulouse, na França. Ministrando aulas e escrevendo artigos para revistas, sobreviveu no exílio por 13 anos. Conheceu sua esposa na França e se dedicou a estudar a movimentação do homem sobre o planeta. De volta ao Brasil (1977), tornou-se professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979) e professor titular da Universidade de São Paulo (1983). Também foi reintegrado (1995) à UFBA, da qual tinha sido demitido por ‘ausência’. No livro *A natureza do espaço* (1996)² — resultado de 25 anos de pesquisas —, critica a globalização. “O atual processo de globalização é [...] única forma de utilizarmos recursos que a humanidade pode gerar neste fim de século, mas utilizá-los de forma que me parece perversa. Então, a crítica essencial é esta, a humanidade [...] sonhou com a possibilidade de uma ciência a serviço do homem, e quando isso se obtém exatamente, esses objetivos são [...] deixados de lado, para que essa globalização que nós estamos presenciando sirva a um número extremamente limitado, não só de pessoas, mas também a um número limitado de empresas, e a um número limitado de instituições [...].”

“O geógrafo é antes de tudo um filósofo, e os filósofos são otimistas porque eles têm diante deles a infinidade. [...] na cabeça de um filósofo essa extensão é substituída exatamente pela infinidade que é própria da inteligência.” Milton Santos publicou mais de 30 livros — o último, *O Brasil: território e sociedade no início do século 21*, no ano de sua morte. Os livros são resultado da sua insatisfação com a geografia da sua época, que segundo ele discutia mais a disciplina que o objeto da ciência geográfica: o espaço. Seu maior interesse era compreender o homem dentro de seu espaço social. Recebeu o título de doutor *honoris causa* de 13 universidades brasileiras e sete estrangeiras, e o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud. “O terrível é que [...] aumenta o número de letrados e diminui o de intelectuais. Não é este um dos dramas atuais da sociedade brasileira? Tais letrados [...] ou não pensam para encontrar a verdade, ou, encontrando a verdade, não a dizem.”

^{1a} Oswaldo Imbassay; ^{1b} *Geografia Humana*, de Josué de Castro.

² Vencedor do 39º Prêmio Jabuti (1997), na categoria Ciências Humanas.



“A caricatura nasce da observação. Eu demoro a observar. Sou um pouco lenta, vagarosa mesmo. Estudo bem a pessoa. E então o desenho sai-me de uma só vez, quase que num só traço. É este, aliás, o segredo da espontaneidade, requisito indispensável para o caricaturista. Se o artista não é natural e espontâneo, adeus caricatura.”

Nair de Teffé nasceu no dia 10 de junho de 1886, na cidade do Rio de Janeiro, filha de Antônio Luiz von Hoonholtz (1837-1931) — o “Barão de Teffé”, oficial da marinha, geógrafo e diplomata. Nair passou a maior parte de sua infância e adolescência na Europa. Em 1894, iniciou seus estudos na França, quando esboçou sua primeira caricatura: “*Estudava no Convent de Saint Ursule. Gostava de desenhar [...]. Um dia, resolvi rabiscar a caricatura da professora, com um nariz muito comprido, os olhinhos muito apertadinhos [...]. Em Paris [...] comecei a aprender pintura [...] Por mais que quisesse, não conseguia esquecer a caricatura [...]. E era com carinho que ele [papai] procurava desviar a minha vocação de caricaturista.*”

A família Teffé retornou ao Brasil em 1905, passando a viver em Petrópolis, onde as caricaturas de Nair começaram a fazer sucesso. “*Cheguei a desenhar dez e até vinte caricaturas por dia.*” Por sugestão de um de seus irmãos, passou a usar o pseudônimo Rian¹. “*Por esse tempo, meu pai [...]. Já não punha embaraços a que eu colaborasse nos jornais e revistas do Rio. Sem remuneração, está claro.*” Nair foi a primeira mulher a publicar caricaturas na imprensa brasileira, em 1909. Passou a colaborar com vários jornais e revistas (nacionais e francesas).

Aos 27 anos, casou-se com o presidente da República Hermes da Fonseca (1855-1923), que havia ficado viúvo. “*Meu esposo era um homem extraordinário [...]. Casei-me por amor [...]. Meu pai [...] não queria a princípio o nosso casamento [...]. Temia [...] que a diferença de idade entre nós fosse um terrível obstáculo para a felicidade do amigo.*” Passou a dedicar-se ao casamento e à administração do Palácio do Catete², mas não deixou de desenhar. “*Fazia [caricaturas], é verdade; mas não as publicava.*” Certa vez, durante uma reunião do Ministério, apareceu diante de todos usando um vestido em que na parte inferior havia presas caricaturas de todos os ministros da República. Promoveu vários saraus no Catete. No último deles, tocou ela mesma no violão o maxixe *Corta Jaca* de Chiquinha Gonzaga (1847-1935), ritmo considerado cafona, vulgar e indecente pelos conservadores. Os opositores do presidente consideram “*insulto à Nação*” apresentar a música popular e o violão no Palácio. Ruy Barbosa (1849-1923), derrotado por Hermes da Fonseca nas eleições quatro anos antes, discursou no Senado Federal: “*A mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do batuque, do cateretê e do samba.*”

Após a morte do marido (1923), do pai (1931) e da mãe (1934), Nair isolou-se em Petrópolis. Permaneceu viúva, mas adotou quatro crianças. “*Por que permitir ainda que os homens continuem a atrapalhar a vida econômica do sexo frágil [...] disputando-lhes os empregos e os cargos ao alcance de suas forças e capacidades?*” Presidiu a Academia Petropolitana de Letras e foi membro da Academia Fluminense de Letras. Aos 90, desenhou no formulário da Receita Federal uma caricatura do ministro da Fazenda, Delfim Netto, com o seguinte recado: “*Ministro, desculpa-me, mas essa coisa de Imposto de Renda é muito complicada pra mim. Vocês deviam dispensar os adultos com mais de 70 anos.*” Em sua velhice, enfrentou dificuldades financeiras. Morreu aos 95 anos, no dia do seu aniversário.

¹Anagrama do seu próprio nome e transcrição literal, em português, da pronúncia de *rien* que, em francês, significa 'nada'.

²O Palácio Nova Friburgo foi construído entre 1858 e 1867, no então chamado Caminho do Catete, atual bairro do Catete, região que surgiu com o aterramento de uma área coberta por mangues. Em abril de 1896, foi adquirido pelo governo federal para sediar a Presidência da República.



“Descobri não ter a menor vocação para tratar doentes mentais à base de eletrochoques, insulina e lobotomia, práticas que associei imediatamente à tortura policial [...] Aquilo que se impõe à psiquiatria é uma verdadeira mutação, tendo por princípio a abolição total dos métodos agressivos, do regime carcerário, e a mudança de atitude em face do indivíduo que deixará de ser o paciente para adquirir a condição de pessoa, com direito a ser respeitada.”

Nise da Silveira nasceu em Maceió, Alagoas, em 15 de fevereiro de 1905. Filha única, gostava de frequentar a biblioteca do pai. “*Ele foi o meu primeiro mestre de psicologia.*” Para escapar da carreira de pianista, seguiu o desejo de primos decididos a estudar medicina, embora tivesse pavor de sangue. “*Eu era muito insegura por causa do meu fracasso como música. Não ter me tornado pianista, como minha mãe, foi um grande golpe para mim. Meus pais adoravam música, eu tinha os dedos perfeitos para o teclado [...], mas logo descobri que tinha ouvidos de chumbo.*”

“Nunca aceite privilégios por ser mulher”, aconselhou o pai. Nise ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia aos 15 anos, graças a uma identidade falsa. Foi a primeira mulher a cursar medicina na Bahia — única na turma de 58 formandos de 1926 — e primeira alagoana a se formar médica. Em 1933, passou a trabalhar no Hospital Nacional de Alienados (Hospício Praia Vermelha), no Rio de Janeiro — primeira instituição psiquiátrica do país, dirigida por Juliano Moreira durante 27 anos. “*Minha primeira visão da psiquiatria foi através dos livros. Depois, morando no hospício [...], vi que o louco extrapolava em muito os livros.*” Durante o Estado Novo (1937-1945), foi detida pelo envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro e exonerada do cargo. “*É como se uma pessoa naufragasse e perdesse todas as suas coisas.*” Passou 16 meses presa, quando conheceu Graciliano Ramos (1892-1953), que mais tarde a transformaria em personagem de *Memórias do Cárcere* (1953). Foi reintegrada ao serviço público em 1946 e criou a seção de terapia ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II (CPII), na cidade do Rio de Janeiro. Festas, musicais, práticas artísticas e redação faziam parte das atividades dos pacientes. Muitos médicos negavam-se a enviar seus pacientes à seção de terapia. “*Nunca me interessou ficar sentada numa cadeira e receitar remédios e mandar o paciente embora. Queria compreender o paciente.*” Com poucos recursos, Nise inaugurou um atelier de pintura e modelagem que, em três meses, já acumulava 245 obras. Passou a organizar exposições dessas obras no próprio hospital. “*Mestre², no [...] Rio de Janeiro existe, ao lado de outros setores de terapia ocupacional, um ateliê onde os doentes desenham e pintam com a mais completa liberdade. [...] E eis que surgem imagens primordiais em suas pinturas, apresentando uma demonstração empírica da psicologia analítica.*” Em 1952, Nise inaugurou o Museu de Imagens do Inconsciente (MII)³. “*Guardo cada rabisco que é feito. Se eu perdesse um só desses documentos, seria como se perdesse parte de hieróglifos que me revelam uma história.*” O MII participou do II Congresso Internacional de Psiquiatria (1957), em Zurique, Suíça, com a exposição 'A esquizofrenia em imagens'. A exposição foi aberta por Jung, que se deteve particularmente diante das imagens circulares: “*Essas formas demonstram que a psique perturbada, fragmentada, possui um potencial reorganizador e autocurativo que se configura sob a forma de imagens circulares denominadas mandalas.*”

Nise recebeu a Medalha de Mérito Oswaldo Cruz (1981). Seu pioneirismo no tratamento da doença mental por meio da arte é reconhecido internacionalmente. Em 2016, o Senado Federal instituiu a comenda Nise Magalhães da Silveira, conferida a personalidades que contribuíram para o desenvolvimento de técnicas e condições de tratamento humanizado da saúde no Brasil. Em 1955, Nise criou o setor de uso de animal em terapia. Cães e gatos, os “coterapeutas”, passaram a circular livremente pelo CPII. Ela também fundou a Casa das Palmeiras (1956), onde as portas e janelas estavam sempre abertas. Os “clientes” passavam o dia na casa e, à noite, retornavam às suas famílias. O método revolucionou o tratamento do portador de doença mental, auxiliando na sua reconciliação com a família. A terapia ocupacional deu lugar à “emoção de lidar”, termo expressado por um cliente após tocar num pedaço de veludo: “*Como é macio, sinto grande emoção de lidar com ele entre minhas mãos.*” Nise gostava de gatos. Chegou a ter 20. “*Os gatos são verdadeiros sábios e sabem como ninguém distinguir quem tem boa ou má índole.*” Carlinhos foi seu último gato de estimação.

¹Machado de Assis (1839-1908).

²Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicanalista suíço, fundou a psicologia analítica.

³Atualmente, o MII é um centro de estudos e pesquisa na área da saúde mental. Conserva cerca de 350 mil obras produzidas nos ateliês terapêuticos. Em 2003, o acervo do MII foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Em 2017, passou a integrar o Registro Internacional do Programa Memória do Mundo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).



“Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, a curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, nas nuvens do céu, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o universo, o universo curvo de Einstein”.

Oscar Niemeyer nasceu em 15 de dezembro de 1907, na cidade do Rio de Janeiro. “*Eu gostava de desenhar. Eu lembro quando eu era menino... eu começava a desenhar com o dedo assim no ar [...]. De modo que foi o desenho que me levou para a arquitetura*”. Na mocidade, “*parecia que estávamos na vida pra nos divertir*”. Jogou futebol e frequentou aulas de jiu-jítsu. Aos 21 anos, casou-se e teve apenas uma filha. Ingressou na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1929, formando-se engenheiro arquiteto. Logo conseguiu emprego no ateliê de Lúcio Costa (1902-1998). O primeiro projeto arquitetônico de Niemeyer foi a sede da organização Obra do Berço (1937), também no Rio de Janeiro, no qual emprega elementos da arquitetura moderna como o *brise-soleil* (quebra-sol utilizado para reduzir a insolação no interior de um edifício). Participou do grupo de arquitetos encarregados de projetar a sede das Nações Unidas em Nova Iorque (1974), tendo o seu trabalho servido de base para o projeto definitivo.

O Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha¹ — composto pela Igreja de São Francisco de Assis, Cassino (atual Museu da Pampulha), Casa do Baile (atual Centro de Referência em Urbanismo, Arquitetura e Design de Belo Horizonte), late Tênis Clube, espelho d'água do lago artificial (Lagoa da Pampulha) e pela orla trabalhada com paisagismo —, construído entre 1942-43 em Belo Horizonte, foi o primeiro projeto público de Niemeyer para o então prefeito da capital mineira, Juscelino Kubitschek (1902-1976), com a colaboração do pintor Cândido Portinari (1903-1962) e do paisagista Burle Marx (1909-1994). Em 1956, nomeado para a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) — responsável pela implementação do projeto urbanístico de Lúcio Costa para Brasília — concebeu os edifícios mais importantes da cidade, como o Palácio da Alvorada, Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal — marcados por arcos e pilares nas fachadas principais. “*Quando faço o desenho de um edifício, penso sempre na função [...] o meu trabalho é lógico*”. Comunista convicto, chegou a abrigar militantes perseguidos em seu escritório, que mais tarde foi cedido ao Partido Comunista do Brasil. “*A arquitetura evoluiu em função da técnica, mas também em função da melhoria da sociedade, de uma sociedade mais justa*”. Exilou-se na França em 1964. “*Eu fui antes do golpe. [...]. Lembro que, quando fui me despedir do Darcy Ribeiro, ele me disse: 'Oscar, estamos no poder'. Depois de 15 dias na Europa [...] ouvi a notícia do golpe pela rádio.*”

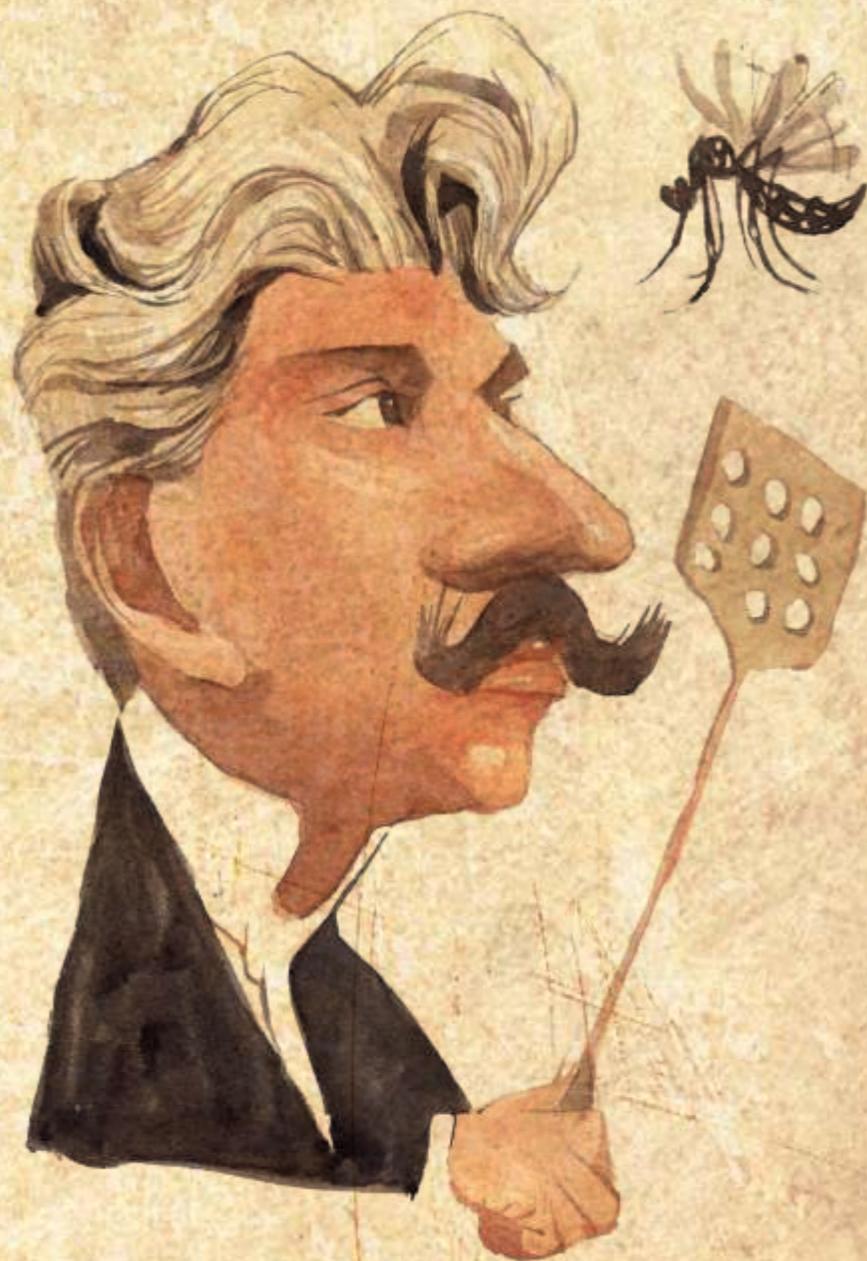
Além de edificações residenciais e públicas, praças, parques, museus, bibliotecas e universidades em vários países, também projetou móveis, monumentos e esculturas. Foi autor de mais de uma dezena de livros, que revelam histórias de suas criações e opiniões. “*A primeira escultura que criei foi no monumento JK². O alto fuste que, terminado em curva, protege e realça sua figura, esculpida por Honório Peçanha. O protesto foi contrariar os que o desprezavam — a ditadura vigente — obrigando-os a vê-lo todos os dias, sorrindo vitorioso sobre a cidade que construiu e eles desdenhavam.*” Niemeyer é considerado um dos maiores arquitetos dos tempos modernos. Recebeu um sem-número de condecorações e homenagens. A obra do Patrono da Arquitetura Brasileira³ está registrada e retratada em dezenas de publicações. O Arquivo Arquitetônico de Oscar Niemeyer, composto por 8.927 documentos — dentre eles esboços originais raros —, guarda os traços de curvas livres e poéticas que marcaram a obra do arquiteto, bem como revelam o seu método de trabalho. O arquivo integra o Registo Internacional do Programa Memória do Mundo (MoW)⁴ desde 2013. Niemeyer deixou seu estilo enraizado na arquitetura brasileira e influenciou gerações de arquitetos. “*A minha vida não tem nada de especial. É [a de] um ser humano assim insignificante [que] atravessa a vida, que é um sopro, né?*”

¹Em 2016, o Conjunto Moderno da Pampulha foi inscrito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na lista dos sítios declarados Patrimônio Cultural Mundial.

²Juscelino Kubitschek (1902-1976).

³Lei nº 11.117/2005.

⁴O MoW foi criado em 1992 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), para salvaguardar o patrimônio documental da humanidade do esquecimento coletivo, da omissão, dos danos provocados pelo tempo e pelas condições climáticas e da destruição intencional e deliberada.



“Desde o primeiro dia [em] que nos foi facultado admirar o panorama encantador que se divisa quando se coloca os olhos na ocular de um microscópio, sobre cuja platina está uma preparação; desde que vimos com o auxílio deste instrumento maravilhoso os numerosos seres vivos que povoam uma gota de água; [...] enraizou-se em nosso espírito a ideia de que os nossos esforços intelectuais de ora em diante convergiriam para que nos instruíssimos, nos especializássemos numa ciência que se apoiasse na microscopia.”

Oswaldo Cruz nasceu em 5 de agosto de 1872, em São Luís do Paraitinga, São Paulo. Aos cinco anos, mudou-se com a família para a cidade do Rio de Janeiro. Alfabetizado pela mãe, na companhia das cinco irmãs mais novas, foi aluno mediano na escola. Certa vez, foi surpreendido fumando. O pai explicou a ele sobre os males do vício e como o fumo era prejudicial à saúde: “Mas se é assim, por que o senhor fuma?”. Nunca mais nenhum dos dois voltou a fumar. A vocação para a medicina veio do pai, também médico, com quem Oswaldo mantinha forte relação de afeto e admiração. “Soube sempre se impor pelo estudo, pelo caráter, pela delicadeza e pela bondade.” Com 15 anos, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a mesma onde o pai havia estudado. Interessou-se pela microbiologia, apresentando a “these” de conclusão de curso — *A vehiculação microbiana pelas águas* — em 8 de novembro de 1892, no mesmo dia em que seu pai faleceu. “À memória do meu idolatrado pai e melhor amigo”. Casou-se com Emília da Fonseca (1873-1952) após noivado cheio de cartas de amor em papeis floridos. “Elas te dirão o que eu não tenho coragem de te dizer: não me esqueças”. Tiveram seis filhos. Em sua casa, montou pequeno laboratório, presente de casamento oferecido pelo sogro, que também patrocinou sua visita ao Instituto Pasteur, em Paris, França, em 1897. “Minha querida Miloquinha e meus queridos filhinhos, com os mais ardentes e sinceros votos que faço [...] o Bom Deus conceda-lhes o maior numero possível de felicidades e venturas envie a cada um e a todos juntos, com esse ramalhete o mais affectuoso beijo e as melhores caricias de saudosissimo, Oswaldo”¹ (Londres, 25 de dezembro de 1908).

Oswaldo Cruz tornou-se sanitarista², pioneiro na pesquisa e na fabricação de vacinas no Brasil. Foi responsável pela erradicação de doenças como a malária, a peste bubônica e a febre amarela. Nas palavras de Ruy Barbosa (1849-1923), nasceu, “por feliz coincidência, ao alvorecer da era de Pasteur”³, e era dedicado ao “mundo infinitamente mínimo”. Criou políticas públicas de prevenção e combate a doenças. Na epidemia de varíola no Rio de Janeiro, em 1904, instituiu a vacinação obrigatória da população, o que desencadeou o movimento que ficou conhecido como Revolta da Vacina, devido à forma autoritária como foram implementadas as medidas de saneamento. Na Região Norte, desempenhou importante papel no controle da malária que matava os trabalhadores da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Tornou-se prefeito da cidade de Petrópolis em 1916. No ano seguinte, em fevereiro de 1917, faleceu vítima de insuficiência renal, a mesma doença provocou a morte de seu pai. Gostava de literatura francesa, de doces, de arquitetura e fotografia. “Espero que a família, que tanto quero, se conforme com esses inofensivos desejos, que nasceram da maneira pela qual encaro a morte, fenômeno fisiológico naturalíssimo, ao qual nada escapa. Tão geral, tão normal, tão banal, que julgo absolutamente dispensável frisá-la com cerimônias especiais [...]. É preciso que nos conformemos com os ditames da natureza.”

Em 28 de março de 1948, o jornal *A Manhã* lançou a primeira edição de um novo suplemento, dedicado à divulgação científica. “Esta seção — Gente Nossa — destina-se a revelar um pouco do que tem sido as lutas, as decepções e as vitórias dos cientistas brasileiros. Procuraremos tornar mais conhecidas os grandes nomes da Ciência do Brasil [...]. Esta série, logicamente, teria de ser iniciada com a figura admirável de Oswaldo Cruz. O saneador do Rio de Janeiro assinala, em nossa história científica, uma nova era. É certo que antes dele houve algumas figuras de inegável mérito e que produziram trabalhos de grande valor no terreno da medicina experimental [...]. Mas a Oswaldo Cruz cabe com justiça o título de criador da medicina experimental no Brasil.” O suplemento circulou durante quase três anos. A última das 34 edições chegou às bancas de jornal em 31 de dezembro de 1950. Em 1970, o Governo Brasileiro criou a Medalha de Mérito Oswaldo Cruz⁴.

¹Foi mantida a grafia original de Oswaldo Cruz.

²Especialista em saúde pública.

³Louis Pasteur (1822-1895), cientista francês considerado um dos fundadores da microbiologia, inventor da pasteurização: processo utilizado para destruir micro-organismos patogênicos em alimentos (leite, queijo, iogurte, cerveja ou vinho).

⁴Destinada a galardoar pessoas que, no campo das atividades científicas, educacionais, culturais e administrativas relacionadas com a higiene e a saúde pública, tenham se destacado, contribuindo para o bem-estar físico e mental da coletividade brasileira.



“Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida.”

Paulo Freire nasceu em Recife, Pernambuco, em 19 de setembro de 1921. Cresceu no bairro Casa Amarela, onde aprendeu a ler e escrever. A crise de 1929 afetou os negócios do tio que garantia ajuda financeira. Paulo tinha 10 anos quando a família se mudou para Jaboatão, área pobre a 19 km da capital. “*Fiz a escola primária no período mais duro da fome, de uma fome suficiente para atrapalhar o aprendizado*”. Aos 13 anos perdeu o pai e aos 17 começou a trabalhar. “*Não sou de choramingar, de lamentar. Sempre aprendo com a negatividade ou a positividade da situação. Não é por vergonha de sofrer não*”. Conseguiu o primeiro emprego em 1941, como professor no Colégio Oswaldo Cruz, o mesmo que havia lhe concedido bolsa para cursar o ginásio. “*Me lembro que era um menino curioso. Um professor que não exerce a curiosidade está equivocado. Eu perguntava muito, perguntava aos outros*”. Ingressou na Universidade de Recife em 1943 para cursar direito. Desistiu da profissão após pegar sua primeira causa: para defender seu cliente, deveria exigir o confisco do material de trabalho de um jovem dentista, pai de família.

Dedicou-se ao Serviço Social da Indústria (Sesi) de 1947-57, período fundamental para a sua formação. Em 1959, concluiu o doutorado em filosofia e história da educação. Época em que havia descaso sobre a alfabetização de adultos no Brasil, participou de movimentos pela educação, como o *Movimento de Cultura Popular*, a campanha *De Pé no Chão Também se Aprende a Ler* e a *Campanha de Alfabetização de Angicos*¹— experiência pioneira na qual Freire conseguiu alfabetizar 300 trabalhadores rurais em 45 dias. Coordenou o Plano Nacional de Alfabetização, criado em 1963 para alfabetizar cinco milhões de adultos, através do Método Paulo Freire. Acusado de subverter a ordem, foi preso após o Golpe Militar de 1964, exilando-se no Chile. Mas continuou a praticar seu método de ensino e a difundir suas ideias na América Latina. Trabalhou na Harvard University, no Departamento de Educação do Conselho Mundial da Igreja, na Suíça, e para vários governos na África. Retornou ao Brasil em 1980. Lecionou na Universidade Estadual de Campinas, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e foi Secretário de Educação no município de São Paulo (1989).

Pedagogia do oprimido (1970), escrita no exílio no Chile e traduzida em 17 idiomas, é a obra mais marcante do educador, na qual expõe a filosofia de ensino baseada na igualdade dos homens e mulheres e na educação para a libertação: “*Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?*” Os livros de Paulo Freire foram traduzidos para diversos idiomas. O último foi publicado em 1997, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*: “*A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria*.” Em 1986, recebeu o Prêmio Unesco da Educação para a Paz, por mobilizar a consciência humana a favor da paz e por seus esforços incansáveis e constante preocupação com aqueles que procuram não apenas a educação, mas a libertação, a dignidade e a justiça, sem as quais a humanidade não pode realizar plenamente o seu potencial. “*De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social [...]*.” Paulo Freire continua sendo um dos pensadores mais notáveis da pedagogia mundial. Foi reconhecido com o título de doutor *honoris causa* por 36 universidades e declarado² Patrono da Educação Brasileira. A Coleção Educador Paulo Freire, que pode ser visitada no Instituto Paulo Freire, na cidade de São Paulo, passou a integrar o Registo Internacional do Programa Memória do Mundo (MoW)³ em 2017.

¹Município de Angicos, Rio Grande do Norte.

²Lei nº 12.612/2012. O Projeto de Lei do Senado nº 148/ 2017 propõe a inclusão de Paulo Freire no Livro de Heróis da Pátria.

³O MoW foi criado em 1992 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), para salvaguardar o patrimônio documental da humanidade do esquecimento coletivo, da omissão, dos danos provocados pelo tempo e pelas condições climáticas e da destruição intencional e deliberada.



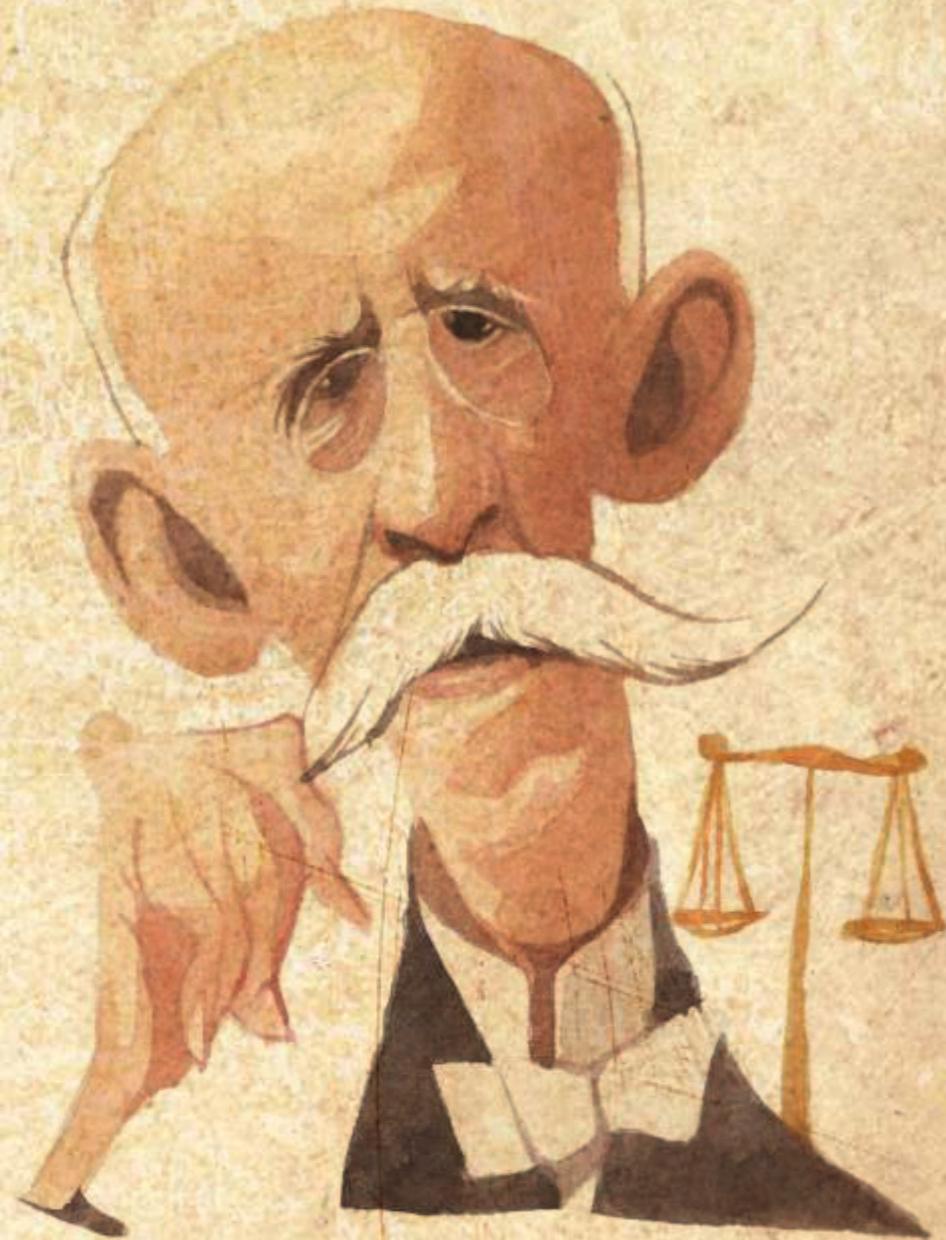
“O paisagista está sempre subordinado ao urbanista. Sem compreender as necessidades de uma cidade e, principalmente sem compreender as funções das áreas verdes, o paisagista não poderá realizar jardins [...]. Acredito que sem técnica não se chega a um bom resultado [...]. O jardim é uma natureza organizada pelo homem e para o homem. Disciplina muitas vezes ajuda a chegar a um resultado.”

Roberto Burle Marx nasceu no dia 4 de agosto de 1909, na cidade de São Paulo. O pai era um alemão culto que lhe comprava revistas sobre botânica. “Teria nos educado na Alemanha, se tivesse dinheiro”. A mãe, pernambucana, neta de franceses, gostava de plantas. “Lembro-me dela em manhãs de sol do inverno paulistano, cuidando das roseiras, e eu já interessado por aqueles esqueletos de plantas”. Passou a infância no Rio de Janeiro. “Eu tive uma mãe musicista, cantava muito bem, era ótima pianista”. Aos 19 anos, mudou-se com a família para Berlim, Alemanha, para tratar de um problema de visão, estudar canto e desenho. “[...] Tudo o que eu vi na época em que estive em Berlim [...] as sinfonias de Beethoven [...] foram artistas que tiveram uma importância muito grande na minha formação [...] frequentei assiduamente o Jardim Botânico de Dahlem. Esse, cujas coleções de plantas, agrupadas [...] sob critérios geográficos, foram para mim vivas lições de botânica e ecologia. Foi ali onde pude apreciar pela primeira vez [...] exemplares da flora típica do Brasil. Eram espécies belíssimas quase nunca usadas em nossos jardins”.

De volta ao Brasil, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro (1930-34). Realizou seu primeiro projeto paisagístico em 1932, por meio do arquiteto Lúcio Costa, que também o convidou para projetar os jardins elevados do Ministério da Educação e Cultura. Dividiu-se entre a pintura e a “arte de fazer jardins”. Foi diretor de parques e jardins do Recife, Pernambuco (1934-37), período em que teve aulas com Cândido Portinari, chegando a trabalhar como seu assistente. Burle Marx integrou sua obra ao modernismo e seus jardins passaram a ser divulgados em revistas nacionais e internacionais de arquitetura. “Aprendi [...] que uma associação botânica pode ser também uma associação estética”. Realizou inúmeras viagens pelo Brasil na companhia de botânicos, para coletar e catalogar a flora brasileira, sempre presente na sua obra. “[...] tive a felicidade de conviver com [...] Graziela Barroso, cuja vida de atitude sempre humana contrasta com o extraordinário saber [...]”. As viagens aumentavam seu conhecimento sobre a flora. “Em 1950, estive no Amazonas. Nas florestas inundadas, onde a água, às vezes, atinge 14 metros acima do leito, é como se estivéssemos num mar arborizado”.

Na década de 1970, fez-se voz ativa em defesa da natureza. “Acabo de fazer uma viagem de carro através de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo, num giro de mais de 4 mil km, a fim de recolher material botânico para parques e jardins. Fiquei acabrunhado com o que vi: uma destruição tenaz e impiedosa, liquidando florestas de valor inestimável. Algo profundamente lamentável [...]. Em consequência, a fauna também vai sendo exterminada [...] nos encaminhamos a passos largos para o completo extermínio de nossa cobertura vegetal [...]. Uma severa modificação climática [...]. Nascentes vão secar, rios vão virar riachos”. Burle Marx foi autor de mais de 2 mil projetos paisagísticos em mais de 20 países. Ao longo de sua carreira, associou-se a importantes arquitetos brasileiros, como Oscar Niemeyer. Entre os projetos mais notáveis¹, estão os jardins do Museu de Arte de Pampulha (1940), o Aterro do Flamengo (1961), no Rio de Janeiro, e os jardins do Palácio Itamaraty (1965), em Brasília. “Na Pampulha, no jardim que idealizei em 1939, os jardineiros quiseram contribuir, desfigurando totalmente o projeto original. Em caixas construídas para plantas aquáticas, colocaram cactos”.

¹O Salão Oeste do Palácio do Planalto abriga um painel de Burle Marx — pintura a óleo sobre madeira medindo 4,2 m de altura por 16,7 m de comprimento.



“O Brasil, senhores, sois vós. O Brasil é esta assembleia. O Brasil é este comício imenso, de almas livres. Não são os comensais do erário. Não são as ratazanas do Tesouro. Não são os mercadores do Parlamento. Não são as sanguessugas da riqueza pública. Não são os falsificadores de eleições. Não são os compradores de jornais. Não são os corruptores do sistema republicano”.

Ruy Barbosa nasceu no dia 5 de novembro de 1849, na Freguesia da Sé, Salvador, Bahia. Sob os olhos vigilantes do pai, tomou gosto pela leitura. Cresceu rodeado de livros, estudou música e oratória. Introverso, todavia declamava com surpreendente desenvoltura. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1866. Dois anos depois, transferiu-se para a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Nessa época, tornou-se conhecido jornalista. Participou da associação literária Ateneu Paulistano, ao lado de Castro Alves e Joaquim Nabuco.

Em maio de 1876, partiu para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades para a carreira jurídica, dando início à militância a favor da abolição da escravatura e da promoção dos direitos e garantias individuais. Deixou em Salvador a noiva, para quem escreveu 64 cartas de amor: *“Decididamente, minha Cota, não se morre de dor, desde que eu não morri ainda. Mas morrerei, ou enlouquecerei, se isto continua, e eu não posso ir reunir-me contigo, ou tu comigo. Não sei, não sei como ainda vivo!”*. Em novembro, casou-se com Maria Augusta Viana Bandeira. Tiveram cinco filhos.

Ruy Barbosa foi homem de cultura extraordinária, admirado orador e estudioso da língua portuguesa, jornalista, jurista, deputado, senador, ministro, duas vezes candidato à Presidência da República, diplomata, ensaísta, poeta, filólogo e tradutor. Político combativo, autor de discursos inflamados, é considerado um dos intelectuais mais brilhantes da história do Brasil. *“Não há tribunais que bastem para abrigar o direito, quando o dever se ausenta da consciência dos magistrados”*. Em 1882, atuou no Projeto de Reforma do Ensino Secundário e Superior encomendado por Dom Pedro II (1825-1891). Em 1890, então ministro da Fazenda, ordenou que todos os registros sobre a escravidão no Brasil fossem queimados. Ao lado de Prudente de Moraes, escreveu a Constituição de 1891. Como delegado na II Conferência da Paz, em Haia (1907)¹, ganhou notoriedade pela defesa da igualdade entre as nações, sendo apelidado *“Águia de Haia”*, embora tenha sido considerado o membro *“mais enfadonho”* do encontro pelo chefe da delegação alemã. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, presidindo-a de 1908 a 1919, em substituição a Machado de Assis. Sua obra conta com mais de 100 títulos.

Em 1948, o defensor do *habeas corpus* foi aclamado pelo Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil como Patrono dos Advogados Brasileiros². *“O advogado pouco vale nos tempos calmos; o seu grande papel é quando precisa arrostar o poder dos déspotas, apresentando perante os tribunais o caráter supremo dos povos livres”*. Ruy Barbosa é um dos listados no *Livro dos Heróis da Pátria*³. A casa onde morou até os 16 anos, na antiga rua dos Capitães, que hoje leva o seu nome, no Centro Histórico de Salvador, abriga o Museu Casa de Ruy Barbosa. Já a casa de Botafogo, no Rio de Janeiro, onde residiu até a morte, abriga a Fundação Casa de Rui Barbosa, vinculada ao Ministério da Cultura, inaugurada em 1930 com a finalidade de divulgar e cultivar a obra e a vida do renomado jurista.

¹Os senadores ofereceram a Ruy Barbosa, por sua participação em Haia, um cartão de ouro com dedicatória. O cartão (placa), bem tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), está localizado no Congresso Nacional.

²Desde 1971, o Conselho confere a *“Medalha Rui Barbosa”* a profissionais que prestaram serviços notáveis à causa do Direito e da advocacia brasileira.

³Lei nº 13.162/2015. O livro feito de páginas de aço — que se destina ao registro perpétuo do nome de brasileiros ou de grupos de brasileiros que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo — está depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, localizado na Praça dos Três Poderes, em Brasília, Distrito Federal.



“Ele queria que eu tivesse a mão muito firme e me dava então aquele papel muito grande para trabalhar, não é? Ele ia me explicando tudo, fazer traços sem régua, sem nada. Comecei com o desenho. Eu não era uma colorista no princípio. Fazia cópias de gesso também, com sombreado, coisas de anatomia que tinha que copiar, conhecer bem [...] era muito bom porque a pessoa aprendia anatomia e sabia as proporções, não é?”

Tarsila do Amaral nasceu no dia 1º de outubro de 1886, em Capivari, São Paulo. “Quando eu era pequena, eu morava numa fazenda. Meu pai adorava tudo que era fazenda, comprava muitas terras, era um homem muito rico”. Começou a estudar arte em 1902, no colégio Sacré Couer de Barcelona, Espanha. Em 1904, voltou ao Brasil e se casou. Teve uma filha¹. O casamento durou pouco e, contra a vontade da família, Tarsila se separou. Em 1913, mudou-se para a cidade de São Paulo. Aprendeu piano e começou a copiar pinturas. Foi ampliando seu aprendizado com vários mestres, como Pedro Alexandrino (1856-1942). Incentivada a conhecer a arte moderna europeia, partiu para Paris, na França, em 1920, quando ingressou na Académie Julian. “Havia muitos ateliers e a moda era dos nus: punham o modelo só cinco minutos diante do artista para ele fazer rapidamente, eu gostava até porque já tinha prática.” Conheceu os trabalhos de Pablo Picasso (1881-1973) e de outros modernistas.

“Embora eu estivesse na Europa, eu acho que participei da Semana² de 22 pela carta que a Anita Malfatti me mandou, contando tudo, com todas as minúcias [...]. Eu voltei ao Brasil pouco depois da Semana, mas eu não gostava do que a Anita Malfatti fazia, era tudo assim muito deformado. Mas é claro que estava completamente chocada e contra o Monteiro Lobato [...] [que] falava dos quadros dela como se fossem feitos por um burro com um pincel amarrado no rabo, e conforme as moscas atormentavam o burro ele dava aquelas pinceladas assim na tela, não é?” Ainda em 1922, voltou a Paris, onde passou a viver com Oswald de Andrade (1890-1954) e a estudar com novos professores, experiência que deu outro rumo à sua carreira. A obra *Autorretrato — Le manteau rouge* — na qual Tarsila se retrata com o casaco vermelho que vestira em jantar oferecido pelo embaixador do Brasil para homenagear Santos Dumont (1873-1932) — é desse período. De volta ao Brasil, formou o Grupo dos Cinco — com Anita Malfatti (1889-1964), Mário de Andrade (1893-1945), Menotti del Picchia (1892-1988) e Oswald —, mantendo acesa a revolução estética proposta durante a Semana de Arte Moderna e tornando-se uma das principais vozes do Modernismo. Mais interessada na figuração tipicamente brasileira, passou a pintar com cores ousadas e pinceladas marcadas. O vigor das suas obras era comparado ao das obras de Villa-Lobos (1887-1959).

Tarsila participou dos movimentos Pau-Brasil e Antropofágico, a favor de uma estética originalmente brasileira. Suas telas inspiraram o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*³. Em 1928, presenteou o companheiro com um quadro “poderoso, perturbador, onírico, ancestral”. “Eu quis fazer um quadro que assustasse o Oswald, sabe? Que fosse uma coisa mesmo fora do comum.” A pintura a óleo mostra uma figura antropomorfa, com pés e mãos enormes e uma pequena cabeça, contrastando com o céu azul, um cacto e um sol — como se fosse uma flor do cacto. Oswald achou aquela figura extraordinária, “uma coisa do mato”. “Eu tinha um dicionário de Montoia⁴, um padre jesuíta [...]. Para dizer homem [...] na língua dos índios era Abá. Eu queria dizer homem antropófago. Folhiei o dicionário todo e não encontrei. Só nas últimas páginas tinha uma porção de nomes e vi Porú, e quando eu li dizia ‘homem que come carne humana’, então achei, ah, como vai ficar bem, Aba-Puru.” A partir de 1933, as telas de Tarsila — como *Operários* — ganharam aparência mais realista, influenciadas pelas ideias socialistas. Tornou-se uma das mais importantes pintoras brasileiras.

¹Dulce do Amaral Pinto (1906-1966).

²Semana de Arte Moderna, realizada no período de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo.

³Texto publicado pelo escritor Oswald de Andrade, no jornal *Correio da Manhã*, em 18 de março de 1924, no qual defende a valorização da identidade brasileira — “o contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica” — e apresenta a nova estética que iria nortear o seu trabalho e o de outros modernistas brasileiros.

⁴RUIZ DE MONTOYA, Antonio. Tesoro de la lengua guarani. Madrid: Iuan Sanches, 1639, 407 f.



“A psicanálise pode fazer benefícios para a humanidade. Se melhoramos nosso psíquico, melhoramos a vida para todo mundo. E hoje me interesso pela física quântica. Podemos reunir a dinâmica da física quântica com a da energia psíquica. Os detritos do átomo têm atração e repulsão. É o mesmo mecanismo da energia psíquica, que tem amor e ódio [...]. Psicanálise e física são a maior herança do século XX para o futuro.”

Virgínia Bicudo nasceu em 21 de novembro de 1910 na cidade de São Paulo. O pai, Theophilo Julio¹, nascido de “ventre livre”, afilhado de um fazendeiro de café em Campinas, recebeu formação escolar, tornando-se funcionário dos Correios e Telégrafos. A mãe, Giovanna Leone, filha de imigrantes italianos, era ama da filha do fazendeiro. Foi nesse contexto — do escravo, do imigrante e do dono das terras — que os pais de Virgínia se conheceram. *“Eu fui criada fechada em casa, quando saí foi para ir à escola e foi quando, pela primeira vez, [na Escola Normal do Braz] a criançada começou: negrinha, negrinha [...]. Então eu levei um susto [...]. Eu me fechava em casa [...] ser ótima aluna e ter nota boa é uma proteção para o negativo: negrinha é negativo, nota boa é positivo. Ser negrinha com nota boa.”*

Em 1936, ingressou na segunda turma da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, que tinha como proposta estudar a realidade brasileira em seu processo de modernização. Virgínia foi a única mulher entre os oito bacharéis em ciências políticas e sociais de 1938. *“Eu fui para a escola de sociologia porque eu tinha sofrimento, tinha dor, e eu queria saber o que me causava tanto sofrimento. E eu colocava que eram condições exteriores a mim [...] no segundo ano, pela primeira vez em minha vida, eu ouvi falar de Freud [...]. Então [...] não é a sociologia que eu tenho que estudar. Eu tenho que estudar é psicanálise”.* Ela passou a estudar com Durval Marcondes (1899-1981), fundador do movimento psicanalítico brasileiro. Em 1939, começou a frequentar sessões com Adelheid Koch (1896-1980)². *“Eu fui a primeira pessoa a deitar no divã da Dra. Koch [...] A doutora chegou, todo mundo com receio, com medo [...]. Eu quero! Eu sempre brinco que estreei o divã no Brasil.”* Após cinco anos de análise didática³, Virgínia passou a atender pacientes em sua casa. A partir daí, desenvolveu paralelamente as carreiras de socióloga e de psicanalista, integrando o Grupo Psicanalítico de São Paulo que, anos mais tarde, transformou-se na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Virgínia Bicudo foi a primeira psicanalista sem formação médica no Brasil. *“Eu estava sentada e os médicos, todos de pé, todos gritando: 'Absurdo! Psicanalistas não médicos!' Foi horrível [...]: 'Você é charlatã!' Ser chamada de charlatã publicamente. Ah, você não fica de pé. Você vai para casa e quer morrer.”* Em 1954, durante o Congresso de Saúde Mental, Virgínia foi acusada de exercício ilegal da medicina por um grupo de psiquiatras opositores da psicanálise. No ano seguinte, partiu para o Tavistock Institute of Human Relations, em Londres, Inglaterra, um dos centros de psicanálise mais reconhecidos do mundo. Retornou a São Paulo em 1959, passando a ser muito requisitada para compartilhar a experiência que havia tido ao lado de importantes nomes da psicanálise. Assumiu a direção do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (1961-75), responsável pela formação dos psicanalistas no Brasil. Sua atuação profissional como analista didata e supervisora influenciou a formação de centenas de psicanalistas.

A partir da década de 1960, dedicou-se também à divulgação da psicanálise. Em programa na Rádio Excelsior, tratava de problemas do cotidiano das famílias, orientava jovens casais e apresentava conceitos como inconsciente, agressividade, inveja, ciúme, culpa, fantasia, amor e ódio. *“Os artistas [do radioteatro] representavam falando, e eu interpretava. Foi um grande sucesso em São Paulo. Todo mundo ouvia.”* Virgínia Bicudo soube fazer uso das plataformas disponíveis à época — rádio, jornal e revista — para defender a função social do psicanalista. Também escreveu artigos para o jornal *Folha da Manhã*, compilados no livro *Nosso Mundo Mental* (1955). Para comemorar o centenário de seu nascimento, a dissertação apresentada por ela à Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo em 1945 — e guardada nos arquivos da escola por 65 anos — foi transformada no livro *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*.

¹Theophilo passou a usar o sobrenome Bicudo, do 'coronel' Bento Augusto de Almeida Bicudo. Era costume dos escravos libertos, na falta de um sobrenome de família, adotar o dos patrões.

²Psicanalista alemã credenciada pela Associação Psicanalítica Internacional, fundada por Sigmund Freud (1856-1939) em 1910.

³O psicanalista didata é responsável pela formação e supervisão do psicanalista clínico.



“A inteligência e a capacidade de inventar não têm fronteiras. Não imagino haver lugar, em um congresso científico, para argumentos baseados em preconceitos de superioridade, ilusões ou tradições. Só haveria valor para argumentos baseados em razões científicas, com provas experimentais.”

Yolanda Monteux nasceu em Paris, França, em 3 de outubro de 1910. Com três anos, mudou-se para São Paulo com os pais e o irmão. Aos 17, dava aulas de francês para os filhos da burguesia paulistana. Seu pai, negociante de café, havia perdido a fortuna. cursou o secundário no Ginásio de São Paulo. Numa época em que as ciências exatas eram consideradas impróprias para mulheres, Yolande ingressou (1935) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), na Subseção de Matemática. Em 1934, a FFCL foi concebida sob o pensamento liberal, no qual a educação era vista como ferramenta de organização social, voltada à formação de elites intelectuais, cuja atuação levaria ao progresso cultural de toda a sociedade. A instituição inovou ao oferecer novos cursos, possibilitando formações específicas em química, ciências, geografia e história, ciências sociais, letras, matemática e física.

Yolande foi a primeira mulher a se formar em física no Brasil e uma das duas primeiras a se formar em matemática. Entre 1937-42, integrou a equipe de pesquisa sobre raios cósmicos, liderada pelo pesquisador Gleb Wataghin (1899-1986) — o mesmo que convenceu Cesar Lattes (1924-2005) a estudar física. Em 1941, foi contratada pela USP como assistente das disciplinas Física Geral e Experimental, Física Teórica e Física Matemática. No mesmo ano, durante o Simpósio Internacional de Raios Cósmicos, no Rio de Janeiro, apresentou os resultados de suas pesquisas com a Câmara de Wilson¹. O simpósio contou com participação de físicos norte-americanos liderados por Arthur Compton (1892-1962), prêmio Nobel de Física. Em 1943, Yolande passou a estagiar na Seção de Química do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), que desenvolvia pesquisas tais como o estudo da substituição do querosene por outro combustível em aparelhos de iluminação. Na Colmeia, “entidade destinada a prestar assistência moral, educacional, econômica e cívica aos alunos dos cursos secundários”, cuidava da divulgação científica, promovendo palestras e debates. Em 1944, contratada pelo IPT, passou a estudar minérios radioativos, areias monazíticas e dessalgamento da água do mar. Participava de encontros e congressos científicos com frequência. Publicou diversos artigos, dentre eles, *Determinação espectrográfica do molibdênio no aço*.

Em 1960, foi convidada para trabalhar no Escritório Internacional de Pesos e Medidas (BIPM)², em Paris. Durante conferência internacional, uma autoridade científica francesa palestrava sobre método de medida de densidade de urânio, quando Yolande disse que no IPT era usado outro método, mais eficiente. “Você quer dizer que no Brasil há métodos mais adiantados que na Europa?”, refutou o cientista. Ela não teve seu contrato de trabalho renovado no BIPM, transferindo-se para o Imperial College, em Londres — considerado uma das melhores universidades da Europa. Sempre reagia contra atitudes autoritárias e preconceituosas, defendendo suas ideias e a qualidade da pesquisa realizada no Brasil. “*Um asno ou uma máquina podem fazer uma soma certa, mas só um cérebro humano pode inventar um novo método ou tipo de raciocínio.*” Apesar de ter nascido na França, enfrentou dificuldades porque o diploma brasileiro não era bem aceito pelos europeus. Impedida de trabalhar como pesquisadora, tornou-se professora do ensino fundamental na França, Tunísia e República do Niger — onde participou do projeto experimental 'Universidade Popular', por meio do qual todos podiam aprender matemática, física e ciências. Dava atenção especial a temas ambientais, como desflorestamento e poluição nuclear, e à responsabilidade social do cientista de difundir o conhecimento para a construção de uma sociedade menos desigual, além de alertar a respeito dos perigos do mau uso da ciência. Casou-se em 1948 e teve dois filhos. Ao lado do marido, trabalhou na tradução de obras literárias para o português, como *O Continente Branco* (1959). Nunca retornou ao Brasil. Faleceu aos 79 anos, em Chartres, na França.

¹Dispositivo que mostra o rastro deixado por partículas subatômicas emitidas por substâncias radioativas.

²O Bureau International de Poids et Mesures (BIPM) foi criado em 1875, por 17 países (dentre eles, o Brasil), com a missão de assegurar a unificação mundial das medidas físicas e estabelecer as unidades e os padrões internacionais das principais grandezas físicas.

* Nota: Agradecimento especial a Mathieu Correa de Sá e a Walkiria Fucilli Chassot (Acervo Histórico do Instituto de Física da Universidade de São Paulo), pelas contribuições.



“Como os pássaros, que cuidam de seus filhos ao fazer um ninho no alto das árvores e nas montanhas, longe de predadores, ameaças e perigos, e mais perto de Deus, deveríamos cuidar de nossos filhos como um bem sagrado, promover o respeito a seus direitos e protegê-los.”

Zilda Arns Neumann nasceu em Forquilha, Santa Catarina, em 25 de agosto de 1934, filha de descendentes alemães. *“Em meu tempo não havia miséria e todas as crianças frequentavam a escola [...]. O esporte, o coral e a arte faziam parte de nosso lazer.”* Aos 21 anos, casou-se com o marceneiro Aloysio Bruno Neumann (1931-1978), que se encantou pela jovem que tocava piano quando foi chamado à casa dos Arns. Tiveram seis filhos. Zilda ficou viúva em 1978. cursou medicina na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba (1953-59). Para tanto, contou com a ajuda do irmão Paulo Evaristo Arns (1921-2016)¹, que havia estudado na Université Paris-Sorbonne e convenceu o pai de que, no exterior, estavam começando a formar mulheres médicas. Durante o curso, trabalhou como voluntária atendendo gestantes e crianças menores de um ano. Especializou-se em saúde materno-infantil. Tornou-se médica da Secretaria de Saúde do Estado do Paraná (1960).

Em 1983, Zilda Arns criou a Pastoral da Criança, com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). *“Esta história de amor teve início em 1982, em Genebra, com uma conversa entre James Grant² [...] do Unicef, e [...] Paulo Evaristo Arns, durante uma reunião da ONU. Grant estava convencido de que a igreja poderia salvar milhares de crianças, se ensinasse às mães ações simples como preparar o soro oral para evitar a desidratação, e essa experiência poderia começar no Brasil. Dom Paulo me telefonou [...]. Senti que estava sendo chamada por Deus para uma grande missão de vida.”* A primeira ação da Pastoral foi realizada no município de Florestópolis, Paraná, onde o índice de mortalidade infantil chegava a 127 para cada mil crianças, e a maioria das famílias trabalhava como boia-fria nas plantações de cana-de-açúcar. *“Há muitos lugares em que a condição de vida é aviltante. Pessoas vivem como farrapos humanos. Como podemos achar isso normal?”* Passado um ano, o índice de mortalidade caiu para 28. A Pastoral expandiu sua presença para bolsões de pobreza em todo o país. O soro caseiro³ e a “multimistura”⁴ viraram símbolos do combate à desidratação e à desnutrição. Para o Unicef, nenhuma outra inovação médica do século XX conseguiu evitar tantas mortes, em um período de tempo tão curto e com tão baixo custo, como o soro caseiro. A Pastoral da Criança tornou-se umas das maiores organizações não governamentais do mundo. *“A esquerda criticava por não lutarmos por saneamento. A igreja, porque pesávamos crianças em vez de evangelizar [...]. Projetamos uma balança [para bebês] que até pendurada num galho de árvores era confiável.”* Atua em todo o Brasil e em 17 países, por meio de 'redes de solidariedade' formadas por milhares de voluntários, capacitando lideranças comunitárias para o acompanhamento de gestantes e do desenvolvimento de cerca de dois milhões de crianças. *“As crianças, quando são bem cuidadas, são sementes da paz e esperança. Não existe ser humano mais perfeito, mais justo, mais solidário e sem preconceito que a criança.”*

Zilda Arns recebeu inúmeros prêmios, homenagens e condecorações, inclusive quatro indicações do governo brasileiro ao Prêmio Nobel da Paz e a Medalha de Mérito Oswaldo Cruz (2009). Morreu vítima do terremoto ocorrido no Haiti em 2010. *“A construção da paz começa no coração das pessoas e tem seu fundamento no amor, que tem suas raízes na gestação e na primeira infância, e se transforma em fraternidade e responsabilidade social. A paz é uma conquista coletiva. Tem lugar quando encorajamos as pessoas, quando promovemos os valores culturais e éticos, as atitudes e práticas da busca do bem comum, que aprendemos com nosso mestre Jesus: 'Eu vim para que todos tenham vida e a tenham com abundância'.”*

¹ Dom Paulo Evaristo Arns, frade franciscano e cardeal brasileiro, conhecido por sua luta em favor dos direitos humanos, principalmente durante os anos da ditadura empresarial-militar.

² James Pineo Grant (1922-1995).

³ A Pastoral da Criança distribui a colher-medida gratuitamente para as famílias com crianças e gestantes prepararem o soro caseiro (água, açúcar e sal), dado por via oral para repor água e sais minerais perdidos com o vômito e a diarreia, além de prevenir a desidratação.

⁴ Farinha composta por farelos de arroz, de trigo, casca de ovos e folhas de mandioca.



A Ordem do Mérito Cultural foi criada em 1991¹ para premiar cidadãos, órgãos e entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, que se destacaram por suas relevantes contribuições à cultura. As personagens podem ser agraciadas nas classes (grau) Grã-Cruz, Comendador e Cavaleiro. Órgãos e entidades são admitidos na Ordem, todavia sem grau. O presidente da República é o Grão-Mestre da Ordem e o ministro de Estado da Cultura, o Chanceler.

As propostas de admissão à Ordem (ou de promoção) são apresentadas ao Chanceler por personalidades do setor da cultura, pela Academia Brasileira de Letras ou por um dos membros do Conselho da Ordem — composto pelos ministros de Estado da Cultura, da Ciência e Tecnologia, da Educação e das Relações Exteriores. — avaliadas por uma Comissão Técnica constituída por até cinco profissionais de reconhecida notoriedade no campo cultural e artístico, com mandato não superior a dois anos, designados pelo Chanceler. Cabe à Comissão preparar relatório sobre cada indicação a ser apreciada pelo Conselho, que proporá ao Chanceler os nomes a serem admitidos ou promovidos na Ordem. Os membros da Ordem recebem diploma e um conjunto de peças que compõem as insígnias: faixa ou fita de gorgorão de seda chamalotada de púrpura, placa (apenas para a classe Grã-Cruz, com a forma de estrela aureolar de oito pontas, tendo ao centro fixada outra medalha, para fixação no peito com alfinete de segurança, medalha, barreta e botão de lapela.

A medalha da Ordem mede 60 mm de largura por 80 mm de altura, e representa a cruz de São Tiago da Espada, esmaltada de branco e perfilada de ouro. No centro, em círculo esmaltado de branco, um livro aberto lavrado de ouro sobre uma coroa de louros, circundado pela legenda *Ordem do Mérito Cultural*, gravada em ouro sobre campo esmaltado de púrpura.

As insígnias são entregues em solenidade presidida pelo Grão-Mestre ou pelo Chanceler, no dia 5 de novembro de cada ano, data em que se comemora o Dia da Cultura e da Ciência — criado para homenagear a data natalícia de figuras exponenciais das letras e das ciências, no Brasil e no mundo, como a de Ruy Barbosa.

¹A Ordem do Mérito Cultural foi instituída pelo artigo 34 da Lei °. 8.313/ 1991.



A Ordem Nacional do Mérito Científico foi criada em 1993¹ para condecorar personagens nacionais e estrangeiras que tenham prestado contribuições relevantes à ciência e se destacado por suas qualidades intelectuais, acadêmicas e morais. Podem ser agraciadas até 40 personagens por ano, nas classes (grau) Grã-Cruz e Comendador. O presidente da República é o Grão-Mestre da Ordem e o ministro de Estado da Ciência e Tecnologia, o Chanceler.

As propostas de admissão à Ordem (ou de promoção) são apresentadas ao Chanceler por qualquer um dos membros do Conselho da Ordem — composto pelos ministros de Estado da Ciência e Tecnologia, da Educação, das Relações Exteriores e da Indústria e Comércio Exterior —, pela Academia Brasileira de Ciências ou por qualquer autoridade do campo da ciência. Essas propostas são avaliadas por uma Comissão Técnica constituída por nove membros designados pelo Chanceler, pela Academia Brasileira de Ciências e pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Os membros da Ordem recebem diploma e um conjunto de peças que compõem as insígnias²: faixa com roseta (Grã-Cruz) ou colar de fita (Comendador) — vermelhos com bordas brancas — medalha, placa (apenas para a classe Grã-Cruz, com a forma de estrela aureolar de oito pontas, tendo ao centro fixada outra medalha, para fixação no peito com alfinete de segurança), miniatura (da medalha), barreta e botão de lapela.

A medalha tem forma de cruz com pontas arredondadas — mede 55 mm de extremidade a extremidade, é confeccionada em metal *tombac*, com acabamento dourado (Grã-Cruz) ou prateado (Comendador), esmaltada nas duas faces na cor vermelha, com um círculo ao centro esmaltado em branco, medindo 32 mm de diâmetro, no qual estão gravadas em metal dourado (Grã-Cruz) ou prateado (Comendador) a legenda *Ordem Nacional do Mérito Científico* e três estrelas. No centro do círculo, em alto relevo, apresenta a efígie de José Bonifácio de Andrada e Silva. No verso, está gravado o grau do mérito.

As insígnias são entregues em solenidade presidida pelo Grão-Mestre ou pelo Chanceler, no dia 13 de julho de cada ano, data em que se comemora o nascimento de José Bonifácio de Andrada e Silva, patriarca da Independência do Brasil e cientista universal do iluminismo. A Ordem Nacional do Mérito Científico também concede medalha de prata a órgãos e entidades públicas e privadas que tenham prestado serviço de relevância no campo da ciência, tecnologia ou inovação. Esta medalha mede 50 mm de diâmetro por 3 mm de espessura; apresenta na face da frente, em alto relevo, a efígie de José Bonifácio, circundada pela legenda *Ministério da Ciência e Tecnologia*; no verso, em baixo relevo, apresenta a legenda *Medalha Nacional do Mérito Científico*.

¹O Decreto nº 772/1993 instituiu a Ordem Nacional do Mérito Científico.

²As insígnias vêm acompanhadas de um estojo revestido de percalina adornada com a estampa das Armas da República, impressa em dourado no centro da parte superior. A tampa é forrada internamente com cetim branco, e o berço em veludo vermelho, com fenda-encaixe para a barreta e o botão da lapela, e espaço para a fixação da faixa, da placa e da miniatura.

Kleber Sales nasceu em Brasília. É artista plástico formado pela Universidade de Brasília. Ilustrador desde 1996, trabalha para o jornal Correio Braziliense (criação de infográficos e gráficos, programação visual, ilustração editorial, charges e caricaturas) e colabora com vários veículos impressos tais como Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Revista Piauí, Revista Playboy, Viagem e Turismo e Aventuras na história. Premiado no Society for News Design (SND), recebeu indicação ao HQ Mix com sua adaptação para linguagem de história em quadrinhos do conto A cartomante, de Machado de Assis, publicado no livro Domínio Público (Editora DCL, 2008). Ilustrou o livro infantil Brasília de A a Z (Editora Lê, 2009).

www.behance.net/klebersales



Otávio Maia é Analista em Ciência e Tecnologia vinculado ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), no qual integra a equipe do Canal Ciência. Nascido em Belo Horizonte, é formado em medicina veterinária pela Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalhou como Analista Ambiental no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), quando coordenou o Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (Sisbio) — um dos vencedores do Prêmio Inovação na Gestão Pública Federal em 2009. Participou dos trabalhos do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) de 2002 a 2008. Em 2013, publicou o Vocabulário Ambiental Infantojuvenil e, em 2015, o Livro Vermelho das Crianças.

otavio@ibict.br

5 de março

Dia Nacional da Música Clássica

18 de abril

Dia Nacional do Livro Infantil

23 de abril

Dia Mundial do Livro e dos Direitos Autorais

18 de maio

Dia Internacional dos Museus

Semana dos Museus

8 de julho

Dia Nacional do Pesquisador

Dia Nacional da Ciência

19 de agosto

Dia Nacional do Historiador

22 de agosto

Dia do Folclore

17 de outubro

Dia Nacional da Música Popular Brasileira

12 de outubro

Dia Nacional da Leitura

Semana Nacional da Leitura e da Literatura

29 de outubro

Dia Nacional do Livro

5 de novembro

Dia da Cultura e da Ciência

10 de novembro

Dia Mundial da Ciência pela Paz

pelo Desenvolvimento

22 de novembro

Dia da Música

18 de dezembro

Dia Nacional do Museólogo

1. ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. *Membros. Biografias e currículos de Acadêmicos, Membros Afiliados e Institucionais*. Disponível em: <<http://www.abc.org.br>>. Acesso em: 28 jan. 2017.
2. _____. *18 cientistas brasileiros e suas contribuições*. Rio de Janeiro, 2016, 44 p. Disponível em: <http://www.abc.org.br/rubrique.php3?id_rubrique=446>. Acesso em: 28 jan. 2017.
3. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Membros. Perfil do acadêmico, biografia, bibliografia e textos escolhidos*. Disponível em: <<http://www2.academia.org.br/academicos/membros>>. Acesso em: 28 jan. 2017.
4. _____. *Série Essencial*. Oferece informações básicas sobre cada um dos ocupantes das 40 cadeiras da Academia Brasileira de Letras ao longo da História, bem como sobre os patronos da instituição. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/publicacoes/colecoes-da-abl/serie-essencial>>. Acesso em: 28 jan. 2017.
5. ALMEIDA, Marta; VERGARA, Moema (Org.). *Ciência, história e historiografia*. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: Mast, 2008. 397 p.
6. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CENTROS E MUSEUS DE CIÊNCIA. *Centros e museus de ciência do Brasil 2015*. Rio de Janeiro: UFRJ-FCC; Casa da Ciência; Fiocruz; Museu da Vida, 2015. 312 p.
7. ASSOCIAÇÃO O ECO. *O Eco*. Dedicado a cobertura de pautas sobre o meio ambiente. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br>>. Acesso em: 18 mai. 2017.
8. BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Museu de Valores do Banco Central*. Brasília. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/n/CEDMOEBR>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
9. BRASIL. Câmara dos Deputados. *Datas comemorativas*. Brasília: Centro de Documentação e Informação, Edições Câmara, 2012. 175 p. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/datas-comemorativas>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
10. _____. _____. *Mulheres pioneiras: elas fizeram história*. Brasília: Centro Cultural da Câmara dos Deputados, 2016. 115 p. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/arquivos/mulheres-pioneiras-elas-fizeram-historia>>. Acesso em: 28 jan. 2017.
11. _____. *Decreto n. 21.011*, de 1º de fevereiro de 1932. Dia da Música. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21011-1-fevereiro-1932-559157-publicacaooriginal-81167-pe.html>>. Acesso em: 5 abr. 2017.
12. _____. *Decreto n. 56.747*, de 17 de agosto de 1965. Institui o dia do Folclore. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D56747.htm>. Acesso em: 15 fev. 2017.
13. _____. *Decreto n. 772*, de 16 de fevereiro de 1993. Institui a Ordem Nacional do Mérito Científico. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D772.htm>. Acesso em: 28 jan. 2017.
14. _____. *Decreto n. 1.711*, de 22 de novembro de 1995. Aprova o Regulamento da Ordem do Mérito Cultural. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D1711.htm>. Acesso em: 28 jan. 2017.
15. _____. *Decreto n. 4.115*, de 6 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre a Ordem Nacional do Mérito Científico, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4115.htm>. Acesso em: 28 jan. 2017.
16. _____. *Decreto de 31 de maio de 2004*. Institui a Semana dos Museus e o Dia Nacional do Museólogo. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Dnn/Dnn10192.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
17. _____. *Decreto de 13 de janeiro de 2009*. Institui o Dia Nacional da Música Clássica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Dnn/Dnn11919.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
18. _____. *Lei n. 5.579*, de 15 de maio de 1970. Institui o Dia da Cultura e da Ciência e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L5579.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
19. _____. *Lei n. 5.191*, de 13 de dezembro de 1966. Institui o Dia Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5191.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
20. _____. *Lei n. 8.313*, de 23 de dezembro de 1991. Institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura e dá outras providências [Ordem do Mérito Cultural]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8313cons.htm#art34>. Acesso em: 5 mai. 2017.
21. _____. *Lei n. 10.221*, de 18 de abril de 2001. Institui o dia 8 de julho como o Dia Nacional da Ciência e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/L10221.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
22. _____. *Lei n. 10.402*, de 8 de janeiro de 2002. Institui o Dia Nacional do Livro Infantil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10402.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
23. _____. *Lei n. 11.597*, de 29 de novembro de 2007. Dispõe sobre a inscrição de nomes no Livro dos Heróis da Pátria. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11597.htm>. Acesso em: 28 abr. 2017.
24. _____. *Lei n. 11.807*, de 13 de novembro de 2008. Institui o Dia Nacional do Pesquisador. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/L10221.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
25. _____. *Lei n. 11.899*, de 8 de janeiro de 2009. Institui o Dia Nacional da Leitura e a Semana Nacional da Leitura e da Literatura. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11899.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
26. _____. *Lei n. 12.130*, de 17 de dezembro de 2009. Institui o Dia Nacional do Historiador. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12130.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
27. _____. *Lei n. 12.624*, de 9 de maio de 2012. Institui o dia 17 de outubro como o Dia Nacional da Música Popular Brasileira. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12624.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.
28. _____. Ministério das Relações Exteriores. *Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul*. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/cerimonial/5696-ordem-nacional-do-cruzeiro-do-sul>>. Acesso em: 5 fev. 2017.
29. CANAL FUTURA. *Um cientista, uma história*. Série em animação, que conta a biografia de 30 nomes importantes da ciência brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLNM2T4DNzmq7vjsROHWOVU0L3anc_qW0>. Acesso em: 28 jan. 2017.
30. CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. Organização não governamental que mantém relações formais com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), executando parte de seu programa para museus. Disponível em: <<http://www.icom.org.br>>. Acesso em: 28 jan. 2017.
31. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - CNPq. *Pioneiras da ciência no Brasil*. Brasília: [ca. 2006]. Disponível em: <<http://cnpq.br/pioneiras-da-ciencia1>>. Acesso em: 5 fev. 2017.
32. FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 263 p.
33. FUNDAÇÃO JOSÉ DE PAIVA NETTO; TV BRASIL. *Conhecendo museus*. A obra audiovisual apresenta, com detalhes, os principais museus do Brasil. Disponível em: <<http://www.conhecendomuseus.com.br>>. Acesso em: 5 fev. 2017.
34. FUNDAÇÃO WIKIMEDIA. *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Enciclopédia colaborativa, universal e multilíngue disponível na internet. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 2 mar. 2017.
35. IMPRENSA NACIONAL. *Diário Oficial da União*. Publicidade dos atos do governo. Disponível em: <<http://portal.imprensanacional.gov.br>>. Acesso em: 28 jan. 2017.
36. INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT. Portal de divulgação científica Canal Ciência. *Galeria de cientistas Brasileiros notáveis*. Disponível em: <<http://www.canalciencia.ibict.br/menu/listaNotaveis.html>>. Acesso em: 4 mai. 2017.
37. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Guia dos Museus Brasileiros*. Brasília, 2011. 592 p. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/guia-dos-museus-brasileiros>>. Acesso em: 5 fev. 2017.
38. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. *Livros do tombo e lista dos bens tombados*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>>. Acesso em: 5 mar. 2017.
39. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. *Patrimônio Cultural no Brasil*. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/cultural-heritage>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

- ↑ _____. *Dia Mundial do Livro e dos Direitos Autorais*. 1995. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001018/101803E.pdf> . Acesso em: 29 abr. 2017.
- ↑ _____. *Dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento*. 2001. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001246/124687e.pdf#page=51> . Acesso em: 29 abr. 2017.
- ↑ _____. *Brasil ganha três novas inscrições no Registro Internacional Memória do Mundo*. 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/brazil_has_won_three_new_inscriptions_on_the_memory_of_the_w/>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- ↑ MASSARANI, Luisa et al. *Guia de Centros e Museus de Ciência da América Latina e do Caribe*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: RedPOP; Montevideú: Unesco, 2015. 566 p.
- ↑ SOUZA, Hamilton Octavio de (Org.). *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2015. 384 p. (Coleções Caros Amigos).
- ↑ TV CULTURA. *Memória Roda Viva*. Acervo do programa Roda Viva, da TV Cultura. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br> . Acesso em: 3 fev. 2017.

Adelmar Coimbra Filho

- ↑ CASTRO, Haroldo. O dia em que jequitibás e micos-leões choraram a partida de Adelmar Coimbra Filho. *Revista Época*. Rio de Janeiro, 7 mai. 2016. Disponível em: <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/viajologia/noticia/2016/07/o-dia-que-jequitibas-e-micos-leoes-choraram-partida-de-adelmar-coimbra-filho.html> . Acesso em: 9 fev. 2017.
- ↑ COIMBRA FILHO, Adelmar Faria. Acerca da redescoberta de *Lentidões chrysoptygys* (Mikan, 1823) e apontamentos sobre sua ecologia. *Rev. Brasil. Biol.*, São Carlos, v. 30, n. 2, p. 249-268, 1970.
- ↑ _____. Sem qualquer cerimônia – com Adelmar Coimbra Filho. *O Eco*, 15 out. 2004. Entrevista concedida a Lorenzo Aldé, Manoel Francisco Brito, Marcos Sá Corrêa e Sérgio Abranches. Disponível em: <http://www.oeco.org.br/reportagens/10921-oeco_10543> . Acesso em: 9 fev. 2017.
- ↑ LORÉNZO, Aldé. A serviço público, por conta própria. *O Eco*. Rio de Janeiro, 19 mai. 2004. Disponível em: <http://www.oeco.org.br/reportagens/786-oeco9877> . Acesso em: 9 fev. 2017.
- ↑ MUSEU DA PESSOA. *História de Adelmar Faria Coimbra Filho*. Museu aberto e colaborativo que registra histórias de vida qualquer pessoa. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/historia-de-vida-46581> . Acesso em: 9 fev. 2017.
- ↑ PROCÓPIO, Paula de Oliveira; GRATIVOL, Adriana Daudt; RUIZ-MIRANDA, Carlos Ramon. *Conservação do mico-leão-dourado*: enfrentando os desafios de uma paisagem fragmentada. Campos dos Goytacazes : Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2008. 200 p. (Série em Ciências Ambientais, v. 3). Disponível em: <https://goo.gl/KGynhf> . Acesso em: 9 fev. 2017.
- ↑ RAPPA, Cristina; BRUHNS, Heloisa; BOTAR, Lívia. *Primates no Brasil*: cada macaco no seu galho. São Paulo: Avisbrasilis, 2015. 240 p.
- ↑ REZENDE, Gabriela Cabral. *Mico-leão-preto*: a história de sucesso na conservação de uma espécie ameaçada. São Paulo: Matrix, 2014, 164 p.
- ↑ RIO DE JANEIRO. Instituto Estadual do Ambiente. *Centro de Primatologia do Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://200.20.53.3:8081/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/CentredePrimatologia/index.htm&lang=#ad-image-0> . Acesso em: 9 fev. 2017.

Alberto dos Santos Dumont

- ↑ BRASIL. *Lei n. 218*, de 4 de julho de 1936. Institui o Dia do Aviador 23 de outubro. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-218-4-julho-1936-398056-publicacaooriginal-1-pl.html> . Acesso em: 12 fev. 2017.
- ↑ _____. *Lei n. 7.243*, de 6 de novembro de 1984. Proclama o Marechal-do-Ar Alberto Santos Dumont Patrono da Aeronáutica Brasileira, o Marechal-do-Ar Eduardo Gomes Patrono da Força Área Brasileira, e cria a “Medalha Eduardo Gomes”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/L7243.htm> . Acesso em: 12 fev. 2017.

- ↑ _____. *Lei n. 11.298*, de 9 de maio de 2006. Inscribe o nome do Marechal-do-Ar Alberto Santos Dumont, o Pai da Aviação, no Livro dos Heróis da Pátria. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/L11298.htm> . Acesso em: 13 fev. 2017.

- ↑ _____. *Lei n. 12.831*, de 20 de junho de 2013. Dispõe sobre a obrigatoriedade de homenagem permanente a Santos Dumont, o pai da aviação, nos aeroportos, bases aéreas e similares. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/L11298.htm> . Acesso em: 12 fev. 2017.

- ↑ FUNDAÇÃO SANTOS DUMONT. *A Fundação Santos Dumont é detentora de um dos mais importantes acervos da história da aviação brasileira e atua no resgate da memória aeronáutica*. Disponível em: <http://www.santosdumont.org.br> . Acesso em: 13 fev. 2017.

- ↑ GARBIN, Luciana. A Redescoberta de Santos-Dumont (edição multimídia). *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 nov. 2015. Disponível em: <http://infograficos.estadao.com.br/especiais/a-redescoberta-de-santos-dumont> . Acesso em: 13 fev. 2017.

- ↑ TV BRASIL. Empresa Brasil de Comunicação. *Conhecendo museus: Museu Casa Santos Dumont*. A obra audiovisual Conhecendo Museus apresenta, com detalhes, os principais museus do Brasil. Disponível em: <http://www.conhecendomuseus.com.br/temporada-4/museu-casa-santos-dumont> . Acesso em: 12 fev. 2017.

Alcides Carvalho

- ↑ BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010, 480 p.

- ↑ INSTITUTO AGRONÔMICO. *Centro de Café Alcides Carvalho*. Disponível em: <http://www.iac.sp.gov.br/areasdepesquisa/cafe/centrocafe2.php> . Acesso em: 24 fev. 2017.

- ↑ SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo, 1998. 852 p

André Rebouças

- ↑ BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010, 480 p
- ↑ GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES. Canal Brasil. *Retrovisor: André Rebouças*. Exibido em 19 dez. 2015 Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/4705509> . Acesso em: 2 mar. 2017.
- ↑ LIMA, Tania Andrade; SENE, Glaucia Malerba; SOUZA, Marcos André Torres de. Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.24, n.1, p. 299-391, jan.- abr., 2016.

- ↑ MACHADO, Carlos Eduardo Dias. *Ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente*. [S.l.]: Bookess Editora, 2014. 379 p. Disponível em: <http://www.bookess.com/read/19840-ciencia-tecnologia-e-inovacao-africana-e-afrodescendente> . Acesso em: 2 mar. 2017.

- ↑ REBOUÇAS, A. *Garantia de juros*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874, p. 87.
- ↑ TRINDADE, Alexandre Dantas. *André Rebouças*: da engenharia civil à engenharia social. 2004. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

Antônio Houaiss

- ↑ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Antônio Houaiss*. Perfil do acadêmico. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/antonio-houaiss> . Acesso em: 8 fev. 2017.

- ↑ HOUAISS, Antônio. Depoimento acadêmico Antônio Houaiss. Direção: Roberto Salvador. Produção: Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: BDA: TVE Canal 2: Funtêvê, [1985]. Vídeo *on-line* (78 min), son., color.. Disponível em: <http://www.academia.org.br/memoria-da-abl/videos> . Acesso em: 7 fev. 2017.

- ↑ _____. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2001. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa14496/antonio-houaiss> . Acesso em: 7 fev. 2017. Verbete da Enciclopédia.

- ↑ INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Site*. Disponível em: <http://www.iah.com.br/sp/index.php> . Acesso em: 7 fev. 2017.
- ↑ SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998. 852 p.
- ↑ TV CULTURA. *Memória Roda Viva*. Entrevista com Antônio Houaiss. Veiculado em 10 dez. 1990. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/material/458/entrevistados/antonio_houaiss_1990.htm> . Acesso em: 7 fev. 2017.

Athos Bulcão

- ↑ ARTE. O compositor. *Veja*, São Paulo, n. 493, p. 92-93, 15 fev. 1978.
- ↑ ATHOS Bulcão In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2001. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10287/athos-bulcao> . Acesso em: 9 mai. 2017. Verbete da Enciclopédia.
- ↑ BULCÃO, Athos. *Arte & Integração*. Brasília: Câmara dos Deputados: Fundação Athos Bulcão, 2015. 8 p. Catálogo de exposição, 2 fev.-26 mar. 2015, Galeria de Arte da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/arquivos/athos-bulcao> . Acesso em: 9 mai. 2017.
- ↑ FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO. *Cronologia*. Disponível em: <http://www.fundathos.org.br/cronologia> . Acesso em: 9 mai. 2017.
- ↑ MUSEU VIRTUAL DE BRASÍLIA. Athos Bulcão. Disponível em: <http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/personalidades.php?ator=athos> . Acesso em: 9 mai. 2017.

Augusto Ruschi

- ↑ BRASIL. *Lei n. 8.917*, de 13 de julho de 1994. Concede o título de Patrono da Ecologia do Brasil ao cientista e pesquisador Augusto Ruschi. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11597.htm> . Acesso em: 28 fev. 2017.
- ↑ ESTAÇÃO BIOLOGIA MARINHA AUGUSTO RUSCHI. *Escola de ecologia*, dedicada a pesquisas, cultura e educação, fundada pelo cientista Augusto Ruschi, em Santa Cruz, que foi dirigida pelo seu filho André Ruschi. Disponível em: <http://ebmar.com.br/index.html> . Acesso em: 28 fev. 2017.
- ↑ POLETTO, Ricardo dos Santos. Augusto Ruschi: o homem que falava com beija-flores. *Revista Juca*, Brasília, p. 88-93, 2009. Disponível em: <http://juca.ir.br:itamaraty.gov.br/pt-br/juca_03.xml> . Acesso em: 28 fev. 2017.
- ↑ RUSCHI, Augusto. Ecologia: "No Brasil não há clima pra isso". *O Pasquim*, n. 432, 7 out. 1977. Entrevista concedida a Marcelo Quiroga Santa Cruz.

Bertha Lutz

- ↑ ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (Org.). *Memória feminina*: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. 246 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/> . Acesso em: 19 mar. 2017.
- ↑ BRASIL. Senado Federal. *Resolução n. 2*, de 2001. Institui o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz e dá outras providências. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextointegral.action?id=219535&norma=232195> . Acesso em: 27 abr. 2017.
- ↑ FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Biblioteca Virtual em Saúde. *Biblioteca Virtual Adolpho Lutz*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2005. Disponível em: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br> . Acesso em: 29 abr. 2017.
- ↑ LÓBO, Yolanda. *Bertha Lutz*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. 148 p. (Coleção Educadores).
- ↑ MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. *Bertha Lutz*. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. 239 p. (Série Perfis parlamentares, n. 73). Disponível em: <http://livraria.camara.leg.br/livros/bertha-lutz.html> . Acesso em: 27 abr. 2017.

- ↑ LUTZ, Bertha. Anfíbios anuros da coleção Adolpho Lutz do Instituto Oswaldo Cruz. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 46, n. 1, p. 295-297, São Paulo, 1948.

- ↑ _____. *Brazilian Species of Hyla*. Austin: University of Texas Press, 1973. 265 p.

Cândido Portinari

- ↑ BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010, 480 p.
- ↑ MIRANDA, Eraldo. *Guerra e Paz*: painéis de Candido Portinari. Alfenas: Cria Mineira Editora, 2012. 32 p.
- ↑ NEM mosaico nem mural de Portinari. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1958. p. 1.
- ↑ PORTINARI, João Candido (Coord.). *Guerra e Paz*: Portinari. 2 ed. Rio de Janeiro: Projeto Portinari, 2012. 240 p.
- ↑ PROJETO PORTINARI. *Portal Portinari*. Resgate sistemático, minucioso e abrangente da vida e da obra de Candido Portinari a serviço da busca da identidade cultural e preservação da memória nacional. Disponível em: <http://www.portinari.org.br> . Acesso em: 12 mar. 2017.

Carmen Portinho

- ↑ *CARMEN Portinho*. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carmen_portinho> . Acesso em: 28 mar. 2017.
- ↑ NELDSON, Marcolin. Sempre na vanguarda. *Revista Fapesp*, São Paulo, n. 134, abr. 2007. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2007/04/01/sempre-na-vanguarda> . Acesso em: 29 mar. 2017.
- ↑ SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998. 852 p.

Carolina Bori

- ↑ MATOS, Maria Amélia Matos (Org.). Psicologia e ciência no Brasil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 9, n.1, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/issue/view/8172> . Acesso em: 11 fev. 2017.
- ↑ REIS, José. Revista de psicologia faz homenagem a Carolina Bori. Folha de S. Paulo, São Paulo, 9 ago. 1998. Caderno mais!, Periscópio, p. 13. Disponível em: <acervo.folha.uol.com.br> . Acesso em: 11 fev. 2017.
- ↑ SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo, 1998. 852 p.

Celso Furtado

- ↑ CENTRO INTERNACIONAL CELSO FURTADO DE POLÍTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Biblioteca Celso Furtado*. Disponível em: <http://www.bibliotecacelsofurtado.org.br> . Acesso em: 30 mar. 2017.
- ↑ DELMANTO, Júlio. Celso Furtado: compromisso com o desenvolvimento. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 4, p. 99-112, 2015. (Coleções Caros Amigos).
- ↑ NABUÇO, Wagner (Coord.). *18 entrevistas*: Revista Caros Amigos. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2016. 308 p. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/conteudo/8752-livro-18-entrevistas> . Acesso em: 30 mar. 2017.
- ↑ SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo, 1998. 852 p.

César Lattes

- 108. SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo, 1998. 852 p.
- 109. SUGIMOTO, Luiz. O legado pessoal de Lattes. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 20 fev. 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/marco2006/ju314pag12.html> . Acesso em: 9 mar. 2017.
- 110. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. *Arquivo Cesar Lattes*. Disponível em: <http://www.siarq.unicamp.br/lattes> . Acesso em: 9 mai. 2017.

Crodowaldo Pavan

- 111. MENGARDO, Bárbara. Crodowaldo Pavan: a arte de democratizar a ciência. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 3, p. 81-94, 2015. (Coleções Caros Amigos).
- 112. PAVAN, Crodowaldo. História da ciência no Brasil. *Fundação Getúlio Vargas*, São Paulo, 6-25 mai. 1977. Entrevista em texto, disponível para *download*, concedida a Tjerk Franken e Márcia Bandeira de Mello Leite Ariela. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-tematica/crodowaldo-pavan> . Acesso em: 26 mar. 2017.
- 113. SILVEIRA, Evanildo da et al. Especial Crodowaldo Pavan. *Revista Fapesp*, São Paulo, n. 168, abr. 2010. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2010/02/05/especial-crodowaldo-pavan> . Acesso em: 26 mar. 2017

Darcy Ribeiro

- 114. DARC| Ribeiro. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/darcy_ribeiro> . Acesso em: 13 mar. 2017.
- 115. DELMANTO, Júlio. Darcy Ribeiro: a busca do Brasil indígena. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 5, p. 131-144, 2015. (Coleções Caros Amigos).
- 116. FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. Instituição cultural, de pesquisa e desenvolvimento científico guardiã de todo o acervo documental de Darcy e Berta Ribeiro. Disponível em: <http://www.fundar.org.br> . Acesso em: 13 mar. 2017.
- 117. GOMES, Candido Alberto. *Darcy Ribeiro*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. 152 p. (Coleção Educadores).
- 118. TV PUC SÃO PAULO. *Diálogos impertinentes*: A utopia. Debate entre o antropólogo, escritor e senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ) e o psicanalista e escritor Rubem Alves, mediado pelo filósofo e
- 119. PROFESSOR MÁRIO SÉRGIO CORTELLA. Gravado em 29 ago. 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xp6VW1jwnRM> . Acesso em: 12 mar. 2017.
- 120. ZARVOS, Guilherme (Org.). *Darcy Ribeiro*. São Paulo: Azougue Editorial, 2007. 240 p. (Coleção Encontros).

Eurico Santos

- 121. BRASIL. *Decreto n. 48.577*, de 22 de julho de 1960. Fica reconhecida a Medalha de Mérito Agrícola, instituída pela Confederação Rural Brasileira. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextolntegral.action?id=86727&norma=112990> . Acesso em: 5 mai. 2017.
- 122. FIORAVANTI, Carlos. Prazer em descrever: o agrônomo Eurico Santos foi um divulgador da natureza brasileira durante 50 anos. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 229, mar. 2015. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/03/13/prazer-em-descrever/> . Acesso em: 7 mai. 2017.
- 123. HITOSHI, Nomura. Eurico Santos e a divulgação científica no Brasil. *Sitientibus Série Ciências Biológicas*, v.9, n.1, p. 71-85, 2009.
- 124. MARCHINI, Silvio. Eurico Santos, divulgador da natureza brasileira. *O Eco*, Rio de Janeiro, 22 fev. 2013. Disponível em: <http://www.oeco.org.br/colunas/silvio-marchini/26923-eurico-santos-divulgador-da-natureza-brasilica> . Acesso em: 4 mai. 2017.
- 125. SANTOS, Eurico. *Da ema ao beija-flor*: vida e costumes das aves do Brasil. Rio de Janeiro: F. Brigueit & Cia., 1938. 358 p. il. (Coleção Zoologia Brasília, 10).

- 126. _____. *Moluscos do Brasil*: vida e costumes. Rio de Janeiro: F. Brigueit & Cia., 1955. 136 p. il. (Coleção Zoologia Brasília, 10).
- 127. _____. *Nossos peixes marinhos*: vida e costume dos peixes do Brasil. Rio de Janeiro: F. Brigueit & Cia., 1952. 258 p. il. (Coleção Zoologia Brasília, 1).
- 128. STRAUBE, Fernando Costa. Uma visão bio-bibliográfica de Eurico Santos: divulgador da natureza brasileira. *Atualidades Ornitológicas On-line*, Ivaiporã, n. 148, 2009. Disponível em: <http://www.ao.com.br/download/ao148_38.pdf> . Acesso em: 4 mai. 2017.
- 129. VON MATTER, Sandro. *Aves da Mata Atlântica do Sudeste ganham belíssimo livro*, organizado pela Wildlife Conservation Society. *Conexão Planeta: inspiração para a ação*, São Paulo, 26 nov. 2015. Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/aves-do-sudeste-da-mata-atlantica-ganham-belissimo-livro> . Acesso em: 4 mai. 2017.

Euryclides Zerbini

- 130. BRASIL. *Lei n. 9.434*, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9434.htm> . Acesso em: 12 mar. 2017.
- 131. MAGALHÃES, Luiz Edmundo (Coord.). *Humanistas e cientistas do Brasil*: Ciências da Vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. 416 p.
- 132. OLIVEIRA, Lúcia Helena de. Dr. Zerbini, o mago do coração. *Superinteressante*, 31 mai. 1993. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/dr-zerbini-o-mago-do-coracao/#> . Acesso em: 12 mar. 2017.
- 133. STOLF, Noedir Antônio Groppo; BRAILE, Domingo Marcolino. Euryclides de Jesus Zerbini: uma biografia. *Rev. Bras. Cir. Cardiovas.*, v.27, n.1, p. 137-147, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1678-9741.20120020> . Acesso em: 12 mar. 2017.
- 134. ZERBINI, Euryclides de Jesus. A cabeça no coração. *Veja*, São Paulo, n. 1.252, p. 7-9, 16 set. 1992. Entrevista concedida a Regina Scharf.

Francisca Gonzaga

- 135. *ACERVO DIGITAL CHIQUINHA GONZAGA*. Acesso à obra da compositora para piano solo, canto e piano e outras formações. Disponível em: <http://www.chiquinhagonzaga.com.br> . Acesso em: 18 fev. 2017.
- 136. COSTA, Lara Denise Góes da. *Abram alas para ela passar*: Chiquinha Gonzaga e a agência no Rio de Janeiro do século XIX. 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- 137. DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga*: uma história de vida. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 320 p.
- 138. GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES. Canal Brasil. *Retrovisor: Chiquinha Gonzaga*. Exibido em 21 nov. 2015 Disponível em: <https://globosatplayglobo.com/canal-brasil/v/4612465> . Acesso em: 18 fev. 2017.
- 139. INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Portal IMS*. Instituição singular na paisagem cultural brasileira, com importantes acervos de fotografia, música, literatura e iconografia. Disponível em: <http://www.ims.com.br/titularcolecac/chiquinha-gonzaga> . Acesso em: 16 mai. 2017.
- 140. LAGO, Pedro Corrêa do. *Brasiliانا Itáu*: uma grande coleção dedicada ao Brasil. 2 ed. São Paulo: Capivara, 2014. 728 p.
- 141. REDE MINAS TV. *Programa Harmonia*: Chiquinha Gonzaga. Entrevista com a participação da pianista Luísa Mitre e do músico e pesquisador Du Macedo. Publicado em 7 mar. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WQ2h01Fsoy4> . Acesso em: 10 mar. 2017.

Gilberto Freyre

- 142. FALCÃO, Joaquim. *Quase todos*. Rio de Janeiro: FGV, 2014. 232 p.
- 143. FREYRE, Gilberto. Se fosse jovem, seria hippie: da necessidade do palavrão ao ideal anarquista. *Veja*, São Paulo, n. 84, p. 3-6, 15 abr. 1970. Entrevista concedida a José Saffioti Filho.
- 144. *GILBERTO* Freire. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. Disponível em:

- <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gilberto-de-melo-freire> . Acesso em: 17 mar. 2017.
- 145. LIMA, Mário Hélio Gomes de. *Gilberto Freyre*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. 160 p. (Coleção Educadores).
- 146. NAGOYA, Otávio. Gilberto Freyre: em busca da benevolência da tirania. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 6, p. 177-190, 2015. (Coleções Caros Amigos).
- 147. PAULINO, Rafael Rodrigues. Gilberto Freyre e o lusotropicalismo: passado, presente e futuro. *Revista Juca*, Brasília, p. 48-55, 2009. Disponível em: <http://juca.irbr.itamaraty.gov.br/pt-br/juca_03.xml> . Acesso em: 28 fev. 2017.
- 148. SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998. 852 p.

Graziela Barroso

- 149. INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO (Org.). *Jardim Botânico do Rio de Janeiro*: 1808-2008. Rio de Janeiro, 2008. 250 p.
- 150. PRADO, Débora. Graziela Maciel Barroso: uma vida dedicada à botânica. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 9, p. 273-286, 2015. (Coleções Caros Amigos).
- 151. SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998. 852 p.

Heitor Villa-Lobos

- 152. BELCHIOR, Pedro; ANTUNES, Anderson. Presença de Arminda: processos de construção da memória no Museu Villa-Lobos (1956-1985). *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*: Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 51-74, 2011. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/186/164> . Acesso em: 15 abr. 2017.
- 153. BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010, 480 p.
- 154. BRASIL. *Lei n. 12.455*, de 26 de julho de 2011. Inscreve o nome de Heitor Villa-Lobos no Livro dos Heróis da Pátria. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112455.htm> . Acesso em: 15 abr. 2017.
- 155. LAGO, Pedro Corrêa do. *Brasiliانا Itáu*: uma grande coleção dedicada ao Brasil. 2 ed. São Paulo: Capivara, 2014. 728 p.
- 156. *MUSEU VILLA-LOBOS*. Museu criado por Arminda Neves d'Almeida com a finalidade de preservar o seu acervo e divulgar a obra de Villa-Lobos. Disponível em: <http://museuvillalobos.org.br> . Acesso em: 15 abr. 2017.
- 157. VILLA-LOBOS, Heitor. Villa-Lobos por ele mesmo. In: RIBEIRO, João Carlos (Org.). *O pensamento vivo de Heitor Villa-Lobos*. São Paulo: Martin Claret, p. 12-25, 1987.

Heliodora de Mendonça (Bárbara Heliodora)

- 158. AGÊNCIA ESTADO. Peça brinca com a crítica Bárbara Heliodora. *Estadão* (Cultura), São Paulo, 4 jul. 2001. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,peca-brinca-com-a-critica-barbara-heliodora,20010704p7004> . Acesso em: 2 mai. 2017.
- 159. BARBARA Heliodora. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2001. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8215/barbara-heliodora> . Acesso em: 2 mai. 2017. Verbetes da Enciclopédia.
- 160. GLOBOSAT. *GNT: Marília Gabriela Entrevista*. Entrevista com Barbara Heliodora. Veiculado em 24 ago. 2003. Disponível em: <http://gnt.globo.com/programas/marilia-gabriela-entrevista/videos/4102226.htm> . Acesso em: 2 mai. 2017.
- 161. O GLOBO. 'Quem nunca foi detonado pela Barbara que atire o primeiro jornal', diz Henrique Tavares, *O Globo* (Teatro e Dança), Rio de Janeiro, 10 abr. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/quem-nunca-foi-detonado-pela-barbara-que-atire-primeiro-jornal-diz-henrique-tavares-15837055> . Acesso em: 2 mai. 2017.

- 162. SÁ, Nelson de. 'Nasci para ser público', diz crítica teatral Barbara Heliodora aos 90 anos. *Folha de S. Paulo on-line* (Ilustrada). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1333221-critica-teatral-barbara-heliodora-90-ainda-estuda-shakespeare.shtml> . Acesso em: 2 mai. 2017.
- 163. TV CULTURA. *Roda Viva*. Entrevista com Barbara Heliodora. Veiculado em 27 dez. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vf2ax2mo7es> . Acesso em: 2 mai. 2017.

Heloisa Torres

- 164. CORRÊA, Mariza. *Antropólogas & antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 278 p.
- 165. OLIVEIRA, Sabrina Soares de. *A função educativa da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional na gestão do Educador Paschoal Lemme (1943-1946)*. 2013. 52 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2013.
- 166. PIRES, Débora de Oliveira (Org.). *200 anos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 2017. 40 p. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/200_anos/doc/200_anos_do_Museu_Nacional.pdf> . Acesso em: 5 fev. 2017.
- 167. RIBEIRO, Adelia Maria Miglievich. Uma mulher intelectual em tempos pioneiros: Heloísa Alberto Torres, nação e a formação das ciências sociais brasileiras. *Boletín Onteaiken*, n. 10, p. 79-92, nov. 2010. Disponível em: <http://onteaiken.com.ar/ver/boletin10/1-6.pdf> . Acesso em: 5 fev. 2017.
- 168. TORRES, Heloísa Alberto. Vaso marajoara. *Revista do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, ano II, n. 4, p. 16-17, ago. 1945.

Henriette Emilie Snethlage

- 169. CORRÊA, Mariza. *Antropólogas & antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 278 p.
- 170. JUNGHANS, Miriam. Emília Snethlage (1868-1929): uma naturalista alemã na Amazônia. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*. Rio de Janeiro:, 2008, v. 15, p. 243-255, jun. 2008. Suplemento.
- 171. MARCOLIN, Neldson. Entre aves na floresta. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 188, out. 2011. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/10/31/entre-aves-na-floresta> . Acesso em: 7 fev. 2017.
- 172. SNETHHLAGE, Emília. A travessia entre o Xingú e o Tapajoz. *Boletim do Museu Goeldi de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 7, p.49-92. 1910. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/424692/per424692_1913_00007.pdf> . Acesso em: 7 fev. 2017.
- 173. _____. Catálogo de Aves Amazônicas. *Boletim do Museu Goeldi de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 8, 543 p., 1914. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/424692/per424692_1914_00008.pdf> . Acesso em: 7 fev. 2017.

Irmãos Villas Bôas

- 174. BRASIL. *Decreto n. 50.455*, de 14 de abril de 1961. Cria o Parque Nacional de Xingu. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=113290&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB> . Acesso em: 3 mar. 2017.
- 175. GUSTAVO, André; MAMPRIN, Luigi. Os gigantes, finalmente. *Veja*, São Paulo, n. 232, p. 16-25, 14 fev. 1973.
- 176. SIQUEIRA, Ethevaldo. A Redescoberta de Santos-Dumont (edição multimídia). O Estado de S. Paulo, São Paulo, 4 fev. 1979. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/ext/especial/villasboas/040279-2.htm> . Acesso em: 3 mar. 2017.
- 177. TV CULTURA. *Memória Roda Viva*. Entrevista com Orlando Villas Bôas. Veiculado em 4 dez. 1987. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/496/entrevistados/orlando_villas_boas_1987.htm> . Acesso em: 3 mar. 2017.
- 178. VILLAS BÓAS, Orlando; VILLAS BÓAS, Cláudio. *A marcha para o Oeste*: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 640 p.

Jesus Santiago Moure

- FARIAS, K. M. Profissão de fé. *Ciência Hoje on-line*. 9 ago. 2012. Disponível em: <http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/3500/n/profissao_de_fe>. Acesso em: 27 abr. 2017.
- LIMA, Deise Maria de; SERRATO, Edgar Bruno Franke. Jesus Santiago Moure – ciência e religião: uma revisão bibliográfica e biográfica. *Educação*, Batatais, v. 5, n. 3, p. 67-84, 2015.
- MARCOLIN, Neldson. O padre das abelhas: reconhecido no exterior, Jesus Moure contribuiu para a criação de instituições de pesquisa. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 174, ago. 2010. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2010/08/11/o-padre-das-abelha>. Acesso em: 27 abr. 2017.
- MELO, Gabriel Augusto Rodrigues de; SANTOS, Isabel Alves dos. Moure 90 anos: uma trajetória em imagens. In: _____ (Eds). *Apoidea Neotropicalica*: homenagem aos 90 anos de Jesus Santiago Moure. Criciúma: Unesco, 2003. p. 3-10
- SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo, 1998. 852 p.

Joaquim Maria Machado de Assis

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Membros*. Perfil do acadêmico, biografia, bibliografia e textos escolhidos. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso em: 18 fev. 2017.
- _____. *Machado de Assis*. Biografia, bibliografia, adaptações, produção acadêmica, Machado na imprensa e Machado na ABL. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br>. Acesso em: 18 fev. 2017.
- BRASIL. *Lei n. 2.040*, de 28 de setembro de 1871. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/496715>. Acesso em: 18 fev. 2017. [Versão digitalizada do manuscrito original da Lei do Ventre Livre].
- _____. *Lei n. 11.522, de 18 de setembro de 2007*. Institui o ano de 2008 como Ano Nacional Machado de Assis. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11522.htm>. Acesso em: 18 fev. 2017.
- _____. Ministério da Educação. *Machado de Assis*: vida e obra. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br>. Acesso em: 18 fev. 2017.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis*: historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 345 p.
- GODOI, Rodrigo Camargo. *Um editor no Império*: Francisco Paula Brito (1809-1861). 2004. 315 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- GRINBERG, Keila; GRINBERG, Lúcia; ALMEIDA, Anita Correia Lima de. *Para conhecer... Machado de Assis*. São Paulo: Editora Zahar, 2005. 127 p.
- MACHADO DE ASSIS: o bruxo das palavras e o romancistas e sua escrita. Direção: Luiz Cláudio Latgé. Roteiro: Claufe Rodrigues; Andréa Escobar. *Globonews Literatura*. Rio de Janeiro: Central Globo de Jornalismo, 2008. 2 episódios. son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eRUpSteFTqk>. Acesso em: 19 fev. 2017.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Machado de Assis: da infância pobre à consagração como escritor. *Rádio Senado*, 22 jan. 2009. Entrevista concedida a Beatriz Mendonça. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/141556>. Acesso em: 18 fev. 2017.
- SANTOS, Gilda. Machado de Assis no Real Gabinete Português de Leitura. *Convergência Lusíada*. Rio de Janeiro, n.25, p. 133-140, jan.- jun., 2011.
- TEIXEIRA, Jerônimo. Machado: um verdadeiro imortal. *Veja*, São Paulo, n. 2079, p. 160-169, 24 set. 2008.

Joaquim Cardozo

- ANDRADE, Maria do Carmo. Joaquim Cardozo. *Pesquisa Escolar*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- BUCAR, Lúcia. Joaquim Cardozo: a genialidade nos bastidores. *Senatus*, Brasília, v.8, n.1, p.196-201, abr. 2010. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/184769/Joaquim_Cardozo_Vo18.pdf?sequence=3>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- LITERATURA. De cristal e aço. *Veja*, São Paulo, n. 532, p. 139-140, 15 nov. 1978.
- NASCIMENTO, Elisa Fonseca. *Arte e técnica na obra de Joaquim Cardozo*: notas para a construção de uma biografia intelectual. 2007. 224 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- REBELLO, Yopanan; LEITE, Maria Amélia D’Azevedo. O engenheiro das curvas de Brasília. *Arquitetura e Urbanismo*, n. 165, dez. 2007. Disponível em: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/165/artigo67588-1.aspx>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Johanna Döbereiner

- COELHO, Marco Antônio. O legado de Johanna Döbereiner: uma contribuição decisiva para a agropecuária brasileira. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 58, out. 2000. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2000/10/01/o-legado-de-johanna-dobereiner>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- GUZZO, Fernanda. Johanna Döbereiner. *Veja on-line* (Perfis). Disponível em: <http://origin.veja.abril.com.br/especiais_online/perfil/johanna/index.html>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- MENGARDO, Bárbara. Johanna Döbereiner: revolução ecológica na agricultura. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 1, p. 17-30, 2015. (Coleções Caros Amigos).
- SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998. 852 p.

José Lutzenberger

- ALVARENGA, Tales. Arquivo desprezado. *Veja*, São Paulo, n. 172, p. 50-53, 13 nov. 1991.
- AMBIENTE. Pela polêmica. *Veja*, São Paulo, n. 429, p. 91, 24 nov. 1976.
- BRASIL. Adeus ao morcego. *Veja*, São Paulo, n. 172, p. 32, 22 dez. 1971.
- BRASIL. *Lei n. 7.802*, de 11 de julho de 1989. Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7802.htm>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- DREYER, Lilian. *Sinfonia inacabada*: a vida de José Lutzenberger. Porto Alegre: Vidicom Edições. 2004. 516 p.
- LUTZENBERGER: for ever Gaia*. O documentário apresenta as ideias e realizações do ecologista José Lutzenberger através de três linhas de abordagem: as origens, as obras e a reverência à vida. Direção: Frank Coe. Produção: Fundação Padre Anchieta: TVE-RS. Porto Alegre: OTTO Desenhos Animados, 2006. Vídeo *on-line* (52 min), son., color., documentário de longa-metragem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5dJsjHPD5h9I>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- ÚLTIMA CHANCE. A Terra em transe na Eco 92. *Veja*, São Paulo, n. 1.237, p. 52-101, 3 jun. 1992.
- URBAN, Teresa. *Missão (quase) impossível*: aventuras e desventuras do movimento ambientalista no Brasil . São Paulo: Peirópolis. 2001. 168 p.

José Bento Monteiro Lobato

- BRASIL. *Lei n. 10.402*, de 8 de janeiro de 2002.Institui o Dia Nacional do Livro Infantil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10402.htm>. Acesso em: 28 jun. 2017.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Correio IMS*. Cartas de brasileiros ou de personalidades intimamente ligadas ao Brasil. Disponível em: <http://www.correioims.com.br/carta/o-brasil-e-uma-quitanda/>. Acesso em: 16 mai. 2017.
- FIORAVANTI, Carlos. Livros para crianças escritos por autores nacionais já circulavam no final do século XIX. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 253, p. 19-25, mar. 2017. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/03/16/os-precussores-de-lobato>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- MONTEIRO LOBATO. As aventuras de Jeca-Tatuzinho safra. *Jeca-Tatuzinho*, Rio de Janeiro, n. 33, 1966.
- _____. *Rádio Record*. Entrevista concedida a Murillo Antunes Alves. Veiculada em 2 jul. 1948. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- MUSEU MONTEIRO LOBATO. Site. Museu histórico, folclórico e pedagógico Monteiro Lobato, criado em 1958. Disponível em: <http://museumonteirolobato.com.br>. Acesso em: 18 mai. 2017.
- NUNES, CASSIANO. *Monteiro Lobato*: o editor do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto: Petróbras, 2000. 56 p. (Série Identidade Brasileira).
- O GLOBO. *Acervo O Globo*: Fatos históricos. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com>. Acesso em: 18 mai. 2017.

José Reis

- DA COSTA ANDRADE, Edward Neville; HUXLEY, Julian Sorell. *Iniciação à ciência*. 2 ed. Tradução de José Reis. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962. 2 v. FOLHA DE S. PAULO. *Acervo Folha*. Compilação digitalizada do jornal Folha de S. Paulo, com 1,8 milhão de páginas. Disponível em: <acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 3 mai. 2017.
- GIACHETI, Linair de Jesus Martins. *José Reis*: a ciência que fala. São Paulo: NJR/ECA/USP 2001. 58 p. (Coleção Divulgação Científica, 4).
- KREINZ, Glória; PAVAN, Crodowaldo. *José Reis*: jornalista, cientista e divulgador científico. São Paulo: NJR/ECA/USP 2001. 58 p. (Coleção Divulgação Científica, 4).
- SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998. 852 p.
- REIS, José. *José Reis (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2010. 100 p. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-tematica/jose-reis>. Acesso em: 3 mai. 2017.

Juliano Moreira

- ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. *Juliano Moreira* (cadeira nº 57). Disponível em: <http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=516>. Acesso em: 2 mai. 2017.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, v.22, n.4, p. 178-179, dez. 2000
- MOREIRA, Juliano. *Quaes os melhores meios de assistência aos alienados?* Relatório. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909. 16 p.
- NELDSON, Marcolin. O alienista. *Revista Fapesp*, São Paulo, n. 124, jun. 2006. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2006/06/01/o-alienista>. Acesso em: 2 mai. 2017.
- PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura*: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 152 p. (Coleção Loucura & Civilização, v.4). Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/p26q6/pdf/portocarrero-9788575413883.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2017.
- EL-BAINY, Estenio Iriart. *Juliano Moreira. O mestre. A instituição*. Salvador: Memorial Professor Juliano Moreira, 2007. 77 p. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/juliano_moreira_mestre_instiuiacao_pl.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2017.

Louis Cruls

- MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. *Arquivo Luiz Cruls*: inventários. Rio de Janeiro, 2007. 91 p. Disponível em: <http://www.mast.br/index.php/publicacoes.html>. Acesso em: 2 mai. 2017.
- _____. *Luiz Cruls, um cientista a serviço do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro, 2010. 56 p. Disponível em: <http://www.mast.br/index.php/publicacoes.html>. Acesso em: 2 mai. 2017.
- MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas (Org.). Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 914 p.
- _____. *Cruls e a astronomia na Missão Cruls*. Brasília: Animatógrafo, 2010. 68 p. (Série Ciências na Missão Cruls, v.2).
- NELDSON, Marcolin. Vulgarização controversa. *Revista Fapesp*, São Paulo, n. 222, ago. 2014. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/08/21/vulgarizacao-controversa>. Acesso em: 2 mai. 2017.
- OBSERVATÓRIO NACIONAL. *Hora legal Brasileira*. Disponível em: <http://www.horalegalbrasil.mct.on.br>. Acesso em: 29 mar. 2017.

Lúcio Costa

- CASA DE LÚCIO COSTA. Criada para cuidar da profusão de papéis que permaneceram no apartamento onde Lúcio morou desde 1940. Disponível em: <https://www.casadeluciocosta.org/>. Acesso em: 6 mai. 2017.
- INSTITUTO ANTÔNIO CARLOS JOBIM. Desenvolve projetos de catalogação, conservação e disponibilização de acervos digitais de artistas. Disponível em: <http://www.jobim.org/lucio/>. Acesso em: 6 mai. 2017.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Relatório do Plano Piloto de Brasília. Brasília, 1991. 75 p.
- MACEDO, Danilo Matoso; ARCADIO, Fabiano José (org.). *Forma estática - forma estética*: ensaios de Joaquim Cardozo sobre arquitetura e engenharia. Brasília: Câmara de Deputados, Edições Câmara, 2009. 528 p. (Série Arte e Cultura, n. 6)
- MAGALHÃES, Luiz Edmundo (Coord.). *Humanistas e cientistas do Brasil: Ciências Humanas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. 380 p.

Luís da Câmara Cascudo

- CASCUDO, Luís da Câmara. O folclore está vivo. *Veja*, São Paulo, n. 189, p. 3-5, 19 abr. 1972. Entrevista concedida a Dailor Varela.
- FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. TV Cultura. *Depoimento TV Cultura – Cascudo*. Exibido em 1978. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/depoimento.htm>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- LUDOVICUS - INSTITUTO CÂMARA CASCUDO. Site. Instituição cujo objetivo é a preservação, divulgação e gerência do patrimônio cultural de Luís da Câmara Cascudo. Disponível em: <http://www.cascudo.org.br/home>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- NAGOYA, Otávio. Câmara Cascudo: observador dos costumes brasileiros. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 9, p. 259-272, 2015. (Coleções Caros Amigos).

Margaret Mee

- BECKER, Elsbeth Léia Spode. A obra de Margaret Mee e sua provável relação com os procedimentos metodológicos de Alexander von Humboldt. *Revista Geonorte*, Manaus, v.1, n.4, p. 1-12, 2012.
- BRAUTIGAM, Sylvia de Botton (Coord.). *Margaret Mee*: 100 anos de vida e obra. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2009, 72 p.
- INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO (Org.). *Jardim Botânico do Rio de Janeiro*: 1808-2008. Rio de Janeiro, 2008. 250 p.
- MARGARET Mee e a flor da lua. Direção: Malu De Martino. Produção: Elisa Tolomelli. Rio de Janeiro: EH! Filmes, 2013.1 DVD (78 min), son., color., documentário de longa-metragem.
- MEE, MARGARET. *Flores da floresta Amazônica*: a arte botânica de Margaret Mee. 2 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2010. 168 p.
- PEREIRA, Rosa Maria Alves. *Ilustração zoológica*. Belo Horizonte: Frente Verso Editora, 2016. 104 p.

254. ROYAL BOTANIC GARDENS. *Margaret Mee Fellowship Programme*. Disponível em: <http://www.kew.org/science/projects/margaret-mee-fellowship-programme> . Acesso em: 23 fev. 2017.

Maria Lenk

255. BRASIL. *Decreto-lei n. 3.199*, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm> . Acesso em: 5 mai. 2017.

256. CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Adeus nas águas: morre Maria Lenk, exemplo que se torna mito. *Revista Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 14-20, jun. 2007. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3672> . Acesso em: 7 mai. 2017.

257. FARIAS, Cláudia Maria de. Entre lembranças e silêncios: reflexões sobre uma autobiografia feminina. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v.22, n.43, p.238-257, jun. 2009 .

258. LENK, Maria. *Braçadas & abraços*. Rio de Janeiro: Grupo Atlântica-Boavista, 1982. 182 p.

259. *MARIA Lenk, a essência do espírito olímpico*. Série Memória do Esporte Olímpico Brasileiro. Direção: Iberê Carvalho. Produção: Renato Marque e Cleber Machado. São Paulo: Instituto de Políticas Relacionais. Brasília: Pavirada Filmes, 2012. Vídeo *on-line* (26 min), son., color., documentário de curta-metragem. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/esportes/2016/01/maria-lenk-pioneira-da-natacao-feminina-completaria-101-anos-em-2016> . Acesso em: 7 mai. 2017.

260. NOLASCO, Verônica Périssé; PÁVELE, Roberto de Carvalho; MOURA, Ricardo de. Natação. In: DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.). *Atlas do esporte no Brasil : atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005. p. 232-235. Disponível em: <http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf> . Acesso em: 5 jul. 2017.

Marie Josephine Durocher

261. DEL PRIORE, Mary. Do aborto. In: _____. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. cap. 4, p.294-306.

262. DUROCHER, Maria Josephina Mathilde. Deve ou não deve haver partesias? *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, v.22, n.8-10, p. 256-271,289-302,329-336, 1871. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> . Acesso em: 23 mar. 2017.

263. _____. A parteira. *Diário do Rio de Janeiro*, 19 mai. 1863, Publicações a pedido, p. 3.
264. _____. *Ideias por coordenar a respeito da emancipação*. Rio de Janeiro: Typographia do Diário do Rio de Janeiro, 1871. 25 p.

265. FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Blog da Biblioteca Nacional. *Madame Durocher (1809-1893)*. Disponível em: <https://blogdabn.wordpress.com/tag/madame-derucher/> . Acesso em: 23 mar. 2017.

266. MOTT, Maria Lucia de Barros. Madame Durocher, modista e parteira. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 101-116, 1994.

267. WINDLER, Erica. Crianças e adolescentes: do tempo da assistência à era dos direitos. In: *Madame Durocher: autoridade e obstetrícia no Brasil (século XIX)*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010. p. 43-65.

Maria Laura Mouzinho

268. FONTANETTO, Renata; OSWALDO-CRUZ, Elisa. Faleceu a acadêmica Maria Laura Mouzinho Leite Lopes. *Notícias da Academia Brasileira de Ciência*, 21 jun. 2013. Disponível em: <http://www.abc.org.br/article.php3?id_article=2777> . Acesso em: 23 mar. 2017.

269. PEREIRA, Pedro Carlos. *A educadora Maria Laura*: contribuições para a constituição da educação matemática no Brasil. 2010. 239 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

270. PERFIL Maria Laura Mouzinho Leite Lopes. Uma realista esperançosa. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, v. 44, n. 264, p. 68-77, 2009. Disponível em:

<http://34.213.240.202/revistas/ch/264/#/1/zoomed >. Acesso em: 24 mar. 2017.

Milton Santos

271. BRASIL. *Lei n. 10.894*, de 14 de julho de 2004. Declara Patrono da Geografia Nacional o geógrafo Milton Santos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.894.htm> . Acesso em: 17 mar. 2017.

272. LEITE, Maria Angela Faggin Pereira (Org.). *Milton Santos*. São Paulo: Azougue Editorial, 2007. 208 p. (Coleção Encontros).

273. MENGARDO, Bárbara. Milton Santos: o gênio que povooa a geografia. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 3, p. 67-80, 2015. (Coleções Caros Amigos).

274. MILTON SANTOS. *Sítio eletrônico mantido pela família de Milton Santos*, com vasto material sobre sua obra. Disponível em: <http://miltonsantos.com.br/site/biografia/> . Acesso em: 17 mar. 2017.

NABUCO, Wagner (Coord.). *18 entrevistas*: Revista Caros Amigos. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2016. 308 p. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/conteudo/8752-livro-18-entrevistas> . Acesso em: 17 mar. 2017.

275. TV CULTURA. *Memória Roda Viva*. Entrevista com Milton Santos. Veiculado em 31 mar. 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPfkR34law> . Acesso em: 17 mar. 2017.

Nair de Teffé

276. ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Tais Valente dos (Org.). *Memória feminina*: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. 246 p. Disponível em: <http://www.museum.gov.br/> . Acesso em: 19 mar. 2017.

277. BARBOSA, Francisco de Assis. *Testamento de Mário de Andrade e outras reportagens*. [Rio de Janeiro]: Ministério da Educação e Cultura, [1954]. 91 p. (Coleção Os Cadernos de Cultura, n. VI). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001886.pdf> . Acesso em: 19 mar. 2017.

278. GLOBO COMUNICAÇÃO E PARTICIPAÇÕES. Canal Brasil. *Retrovisor: Nair De Teffé*. Exibido em 26 dez. 2015. Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/4692991/> . Acesso em: 19 mar. 2017.

279. NAIR DE TEFÉ, In: ABREU, Alzira Alves de (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica> . Acesso em: 19 mar. 2017.

280. *RIAN*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2001. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa208704/rian> . Acesso em: 19 mar. 2017. Verbetes da Enciclopédia.

281. SILVA, Ivanete Paschoalotto da; SIMILI, Ivana Guilherme. Nair de Teffé: uma narrativa biográfica para as Mulheres dos séculos XIX e XX. *Diálogos & Saberes*, Mandaguari, v. 7, n. 1, p. 121-134, 2011. Disponível em: <http://seer.fafiman.br/index.php/dialogosesaberes/article/viewFile/295/287> . Acesso em: 19 mar. 2017.

Nise da Silveira

282. ARTE. Como hieróglifos. *Veja*, São Paulo, n. 330, p. 74-76, 1 jan. 1975.
283. BRASIL. Senado Federal. *Resolução n. 43*, de 2016. Institui a comenda Nise Magalhães da Silveira, a ser conferida pelo Senado Federal a personalidades que tenham oferecido contribuição relevante ao desenvolvimento de técnicas e condições de tratamento humanizado da saúde no Brasil. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/legislacao> . Acesso em: 27 abr. 2017.

284. CENTRO CULTURAL DO MINISTERIO DA SAÚDE. *Mostra virtual*. Informações sobre o Museu de Imagens do Inconsciente, vida e obra de Nise da Silveira. Disponível

em: <http://www.ccms.saude.gov.br/museumvivo/index.php> . Acesso em: 25 abr. 2017.

285. MENGARDO, Bárbara. Nise da Silveira: mergulho no inconsciente. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 5, p. 145-158, 2015. (Coleções Caros Amigos).

286. NISE da Silveira. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2001 . Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3754/nise-da-silveira> . Acesso em: 25 abr. 2017. Verbetes da Enciclopédia.

287. SILVERIA, Nise da. Cartas de uma subversiva. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Caderno Mais, p. 16, 5 nov. 1995. Entrevista concedida a Sérgio Augusto. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1995/11/05/72> . Acesso em: 25 abr. 2017.

Oscar Niemeyer

288. BRASIL. *Lei n. 11.117*, de 18 de maio de 2005. Declara o arquiteto Oscar Niemeyer Patrono da Arquitetura Brasileira. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11117.htm> . Acesso em: 22 mar. 2017.

289. FICHER, Sylvia; SCHLEE, Andrey. *Guia de obras de Oscar Niemeyer*: Brasília 50 anos. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010, 263 p. Disponível em: <http://livraria.camara.leg.br/arte-e-cultura/guia-de-obras-de-oscar-niemeyer.html> . Acesso em: 22 mar. 2017.

290. FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. Sítio eletrônico da Fundação Oscar Niemeyer. Disponível em: <http://www.niemeyer.org.br/> . Acesso em: 22 mar. 2017.

291. JODIDIO, Philip. *Niemeyer*: a alvorada passada e futura. Colônia: Taschen, 2016. 96 p.

292. MACEDO, Danilo Matoso. *Da matéria à invenção*: as obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais 1938-1955. Brasília: Câmara de Deputados, Coordenação de Publicações, 2008. 528 p. Disponível em: <http://livraria.camara.leg.br/da-materia-a-invenc-o-as-obras-de-oscar-niemeyer-em-minas-gerais-1939-1955.html> . Acesso em: 22 mar. 2017.

293. NABUCO, Wagner (Coord.). *18 entrevistas*: Revista Caros Amigos. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2016. 308 p. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/conteudo/8752-livro-18-entrevistas> . Acesso em: 22 mar. 2017.

294. OSCAR Niemeyer. A vida é um sopro. Direção: Fabiano Maciel e Sacha. Produção: Santa Clara Comunicação. São Paulo: Europa Filmes, 2007. 1 DVD (89 min), son., color., documentário de longa-metragem.

295. OSCAR Niemeyer. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2001. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa431/oscar-niemeyer> . Acesso em: 22 mar. 2017. Verbetes da Enciclopédia.

Oswaldo Cruz

296. BRASIL. *Decreto n. 66.988*, de 31 de julho de 1970. Cria a Medalha de Mérito Oswaldo Cruz e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D66988.htm> . Acesso em: 26 mar. 2017.

297. CRUZ, Oswaldo. *Um fenômeno fisiológico*. Carta de Oswaldo Cruz para familiares. Rio de Janeiro, 1907. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/carta/um-fenomeno-fisiologico-naturalissimo> . Acesso em: 26 mar. 2017.

298. _____. Gente Nossa. *A Manhã*, Rio de Janeiro, Suplemento de divulgação científica Ciência para Todos, p. 6-7, 28 mar. 1948. Entrevista concedida a Sérgio Augusto. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/085782/per085782_1948_00001.pdf> . Acesso em: 26 mar. 2017.

299. INSTIUTO OSWALDO CRUZ. *Oswaldo Inspira: 100 anos sem Oswaldo Cruz (1872-1917)*. Documentos textuais e iconográficos, que incluem cartas, cadernos, livros, anotações, diplomas, premiações, recortes de jornais, fotografias e acervo inédito que estava sob guarda do neto de Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://www.ioc.fiocruz.br/oswaldoinspira/> . Acesso em: 26 mar. 2017.

Paulo Freire

300. BRASIL. *Lei n. 12.612*, de 13 de abril de 2012.Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12612.htm> . Acesso em: 24 mar. 2017.

301. CENTRAL GLOBO DE JORNALISMO. *Paulo Freire: o revolucionário educador*. Entrevista concedida por Paulo Freire a Edney Silvestre para o Programa Milênio da Globo News. Veiculada em mar. 1997. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1946> . Acesso em: 24 mar. 2017.

302. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 53 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 144 p.

303. _____. *Pedagogia do oprimido*. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 256 p.

304. INSTITUTO PAULO FREIRE. Site. A missão do instituto é educar para transformar, dando continuidade e reinventando o legado freiriano na promoção de uma educação emancipadora. Disponível em: <https://www.paulofreire.org> . Acesso em: 24 mar. 2017.

305. MENGARDO, Bárbara. Paulo Freire: pedagogia que também é libertação. *Grandes cientistas brasileiros*. São Paulo: Editora Casa Amarela, n. 7, p. 209-222, 2015. (Coleções Caros Amigos).

306. SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Cientistas do Brasil*: depoimentos. São Paulo, 1998. 852 p.

Roberto Burle Marx

307. AMBIENTE. As pobrezas de um país rico. *Veja*, São Paulo, n. 263, p. 72-84, 28 nov. 1973.

308. *BURLE Marx*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2001. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1461/burle-marx> . Acesso em: 9 de mar. 2017. Verbetes da Enciclopédia.

309. MARX, Roberto Burle. A devastação é total. *Veja*, São Pulo, n. 263, p. 3-5, 19 set. 1973. Entrevista concedida a Oswaldo Amorim.

310. MARX, Roberto Burle. Burle Marx e o jardim moderno brasileiro. *Vitruvius*, São Paulo, n. 006.01, ano 2, jun. 2001. Entrevista concedida a Ana Rosa de Oliveira em fevereiro de 1992. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/02.006/3346> . Acesso em: 12 mar. 2017.

311. OLIVEIRA, Ana Rosa de. Bourlemarx ou Burle Marx? *Vitruvius*, São Paulo, n. 013.01, ano 2, jun. 2001. Disponível em:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/876> . Acesso em: 12 mar. 2017.

312. _____. *Paisagens particulares*: jardins de Roberto Burle Marx (1940-1970). Rio de Janeiro: Dantes Ed. Faperj, 2015. 180 p.

Ruy Barbosa

313. BRASIL. *Lei n. 13.162*, de 9 de setembro de 2015. Inscreve o nome de Rui Barbosa de Oliveira no Livro dos Heróis da Pátria. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/L11298.htm> . Acesso em: 31 jan. 2017.

314. BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010. 480 p.

315. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (Org.). *Pensamento e ação de Rui Barbosa*. Brasília: Senado Federal, 1999. 448 p. (Coleção Biblioteca Básica Brasileira)

316. _____. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Sítio criado com o objetivo de permitir o acesso pela internet às informações relativas ao expressivo e diversificado acervo documental da Fundação. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br> . Acesso em: 31 jan. 2017.

317. GIL, Otto de Andrade. A eterna presença de Ruy na vida jurídica brasileira. Revista de Informação Legislativa, v. 7, n. 25, p. 65-76, 1970.

318. INSTITUTO MOREIRA SALLES. Correio IMS. Cartas de brasileiros ou de personalidades intimamente ligadas ao Brasil. Disponível em: <http://www.correioims.com.br/?s=rui+barbosa> . Acesso em: 31 jan. 2017.

319. *RUI Barbosa*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2001. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1742/rui-barbosa> . Acesso em: 31 jan. 2017. Verbete da Enciclopédia.

Tarsila do Amaral

320. AMARAL, Tarsila do. O que seria aquela coisa? *Veja*, São Paulo, n. 181, p. 3-6, 23 fev. 1972. Entrevista concedida a Leo Gilson Ribeiro.
321. ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (Org.). *Memória feminina*: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. 246 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/> . Acesso em: 31 jan. 2017.
322. BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010, 480 p.
323. LAGO, Pedro Corrêa do. *Brasiliانا Itaú*: uma grande coleção dedicada ao Brasil. 2 ed. São Paulo: Capivara, 2014. 728 p.
324. TARSILA do Amaral. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2001. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa824/tarsila-do-amaral> . Acesso em: 31 jan. 2017. Verbete da Enciclopédia.

Virgínia Bicudo

325. BICUDO, Virgínia Leone. Já fui chamada de charlatã. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Caderno Mais, p. 6, 5 jun. 1994. Entrevista concedida a Cláudio João Tognolli. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1994/06/05/72> . Acesso em: 31 mar. 2017.
326. BRAGA, Ana Paula Musatti. Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. 2, p. 1, 6 dez. 2016. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2016/12/06/n2-01/> . Acesso em: 31 mar. 2017.
327. GOMES, Janáina Damaceno. *Os segredos de Virgínia*: estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). 2013. 180 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
328. MACHADO, Carlos Eduardo Dias. *Ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente*. [S.l.]: Bookess Editora, 2014. 379 p. Disponível em: <http://www.bookess.com/read/19840-ciencia-tecnologia-e-inovacao-africana-e-afrodescendente> . Acesso em: 31 mar. 2017.
329. TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOPF, Sonia. Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65-77, jun. 2011.

Yolande Monteux

330. INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS. Ipeteana é a primeira física brasileira. São Paulo. Disponível em: <http://www.ipt.br/institucional/campanhas/39-ipeteana_e_a_primeira_fisica_brasileira.htm> . Acesso em: 18 abr. 2017.
331. MATSUURA, Oscar Toshiaki (Org.). *História da astronomia no Brasil*. Recife: Cepe, 2014. v. 2, 654 p.
332. O Sr. Abgar Renault enaltece as atividades da Colmeia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 out. 1943. p. 8.
333. SOCIEDADE BRASILEIRA DE FÍSICA. *50 anos (1966-2016)*. São Paulo, 2016. 142 p. Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/arquivos/SBF-50-anos.pdf> . Acesso em: 18 abr. 2017.

Zilda Arns

334. FERRAZ, Sílvio. 1 real por mês: o preço da vida de uma criança. *Veja*, São Paulo, n. 1.693, p. 76-77, 28 mar. 2001.
335. NEUMANN, Zilda Arns. Os príncipes e os mendigos. *Veja (Edição Especial: Guia para fazer bem)*, São Paulo, n. 1.730A, p. 37, 12 dez. 2001.

336. _____. Discurso proferido em Porto Príncipe, Haiti, em 12 de janeiro de 2010. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/noticias-sobre-o-falecimento-da-dra-zilda/362-discurso-da-doutora-zilda-arns-neumann-proferido-no-haiti-no-dia-12-de-janeiro-de-2010> . Acesso em: 3 mai. 2017.
337. _____. Curriculum vitae. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/biografia-dra-zilda> . Acesso em: 3 mai. 2017.
338. PASTORAL DA CRIANÇA. Guia do líder da Pastoral da Criança: para países de língua portuguesa. 17 ed. Curitiba, 2017. 324 p. Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/materiais-educativos> . Acesso em: 3 mai. 2017.
339. TV CULTURA. Memória Roda Viva. Entrevista com Zilda Arns. Veiculado em 22 out. 2001. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/624/entrevistados/zilda_arns_2001.htm> . Acesso em: 3 mai. 2017.

“*Mas, senhores, os que madrugam no ler, convém madrugarem também no pensar. Vulgar é o ler, raro o refletir. O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas ideais próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, por que passam, no espírito que os assimila. Um sabedor não é armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas”*

Ruy Barbosa

“*As soluções mudaram, a maneira de ver as coisas, a roupa, tudo muda.*

As pessoas só querem hoje, o hoje, sem saber o que veio antes. Isso é muito empobrecedor. É muito empobrecedor não querer conhecer o passado.”

Barbara Heliodora

Esta obra foi composta com as tipologias Goudy O1St e Humanst 521.

O miolo foi impresso em couché FIT fosco 90 g/m² e a capa sobre cartão supremo Duo Design 250 g/m², pela Athalaia Gráfica e Editora, Brasília, Distrito Federal, em dezembro de 2017.

1ª impressão: 1.000 exemplares

V O X

arte, cultura e ciência no Brasil

Vox: arte, cultura e ciência no Brasil apresenta a trajetória de vida de 52 personagens das diferentes áreas do conhecimento que, por meio das suas ideias e ideais, teorias e práticas, sonhos e realidades, ações e emoções, tornaram-se vozes celebradas por suas relevantes contribuições à ciência, tecnologia, educação, arte e cultura, bem como para o conhecimento da história do país e de seus valores. Textos elaborados em linguagem de fácil compreensão, acompanhados de citações e caricaturas dos personagens, convidam estudantes e educadores a refletir sobre formação, profissão e engajamento pelo desenvolvimento social, político e econômico do Brasil.

“Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire

“O Brasil pode acabar com a miséria. Basta que haja uma decisão política para um trabalho conjunto articulado e planejado entre governo e sociedade. Mas qualquer projeto de combate à miséria só vai dar certo se os próprios excluídos se tornarem autores de sua ação libertadora.”

Zilda Arns Neumann

VENDA PROIBIDA



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

